Imagem & Território

6º Encontro
Imagem & Território

2023
GUARDA

FsF FOTOGRAFIA SEM FRONTEIRAS

Índice

Nota de Abertura – Sérgio Fernando da Silva Costa
Imagem & Território: em demanda de rumores de esperança – Rui Jacinto
. Programa
Roteiro das Exposições

I. Rumores do mundo: Imagem e Memória

1. **Rumores do Mundo** – Coletiva dos Concorrentes do Concurso Transversalidades
   "*O universal é o local sem paredes*" – Rui Jacinto
2. **Interior Emergente** –Coletiva de Alunos do IPG
   Interior Emergente - Emília Simão
3. **A Terra e as Gentes –** Coletiva do Fotoclube da Guarda
   Sistemas Agroalimentares Locais – Fernando Delgado
4. **A face dos Livros –**Associação Cultural Ephemera
   A face dos livros - José Pacheco Pereira; Carla Pacheco
   Memoria y archivo: el álbum familiar – Jovita Fernández del Campo
   Arqueologia da memória: um certo modo de imaginar o futuro – Rui Jacinto
   La fotografía ambulante y el fotógrafo minutero - Alberto Prieto

II. Imagem e Coesão territorial

5. **Memoria en la Raya** - Victorino García Calderón
   La Raya rota, la memoria y las cosas - Victorino García Calderón
   Las cicatrices en la Raya Iberica y la memoria de "Los trabajos y los días" - Valentín Cabero
6. **Reflexões em Preto e Branco: A Jornada de um Cine Teatro no Tempo -** Pedro Carvalho
   Reflexões em Preto e Branco: A Jornada de um Cine Teatro no Tempo - Pedro Carvalho
   Ruínas – modos de existência - Álvaro Domingues
   Fotografia - Conhecimento – Duarte Belo
7. **100gentes** - Pedro Baltazar
   O drama do despovoamento... - Helder Sequeira
   A fotografia na promoção da Geodiversidade - Lucio Cunha
   Espacios rurales transfronterizos en tiempos de mudanza - Maria Isabel Jiménez
   Coesão territorial - João Ferrão

III. Imagem e Coesão social

8. **Além das nossas fronteiras –** Coletiva de Jovens da Aldeia SOS da Guarda
   Olhar(te) sobre o incerto - Daniel Lucas
9. **Topografias das paisagens sociais** - Luísa Ferreira
   Olhar com olhos de ver – Rui Cabral
   O essencial é invisível ao nosso olhar - Pedro Hespanha
   Mudanças na Geografia da instalação de imigrantes em Portugal - Jorge Malheiros
10. **Com Vivências** – Imagens do Povo
    Reapresentações fotográficas da Maré - Rosilene Miliotti

O Observatório de Favelas e a Produção da Imagens Fotográficas dos Territórios Populares - Jorge Luiz Barbosa

11. **Cartografias (sub)urbanas: 5 olhares sobre Moçambique** – Adiodato Gomes, Albino Mahumana, Mario Macilau, Thandy Pinto, Yassmin Forte

    Cartografias (sub)urbanas - Amosse Mucavele

    Diálogos com o tempo moçambicano - Amosse Mucavele

    Independência de Moçambique – Alfredo Cunha

IV. Imagem, cidadania, literacia visual

12. **Sinais dum mundo em mudança** – Coletiva dos Concorrentes do Concurso Transversalidades
13. **Geografias do olhar** – Coletiva dos Concorrentes do Concurso Transversalidades
14. **Olhar a diversidade, compreender o mundo** – Coletiva dos Concorrentes do Concurso Transversalidades
15. **Pessoas, Lugares, Outros Olhares** – Coletiva dos Concorrentes do Concurso Transversalidades
16. **Paisagens, Patrimónios, Culturas** – Coletiva dos Concorrentes do Concurso Transversalidades
17. **Literacia Visual:** Oficinas de Fotografia e Visitas Guiadas

    Oficinas de fotografia Fujifilm por Tiago Monteiro (Ensiguarda-Escola Profissional, Escola Secundária Afonso de Albuquerque, Escola Secundária da Sé)

    Visitas guiadas às exposições orientadas pelo Serviço Educativo do Museu da Guarda
18. **Edições e Debates**

    Edições

    Rumores do Mundo

    Revista Imagem & Território. I&T'23

    Debates

    Painel 1. Imagem e coesão territorial: a terra, as gentes, o interior emergente

    Painel 2. Imagem e memória: a face dos livros

    Painel 3. Imagem e coesão territorial: ecos e memórias da fronteira

    Painel 4. Imagem e inclusão social: práticas e retratos

    Painel 5. Imagem sem fronteiras: diálogos lusófonos

    Cultura & Educação: binómio de futuro - Amélia Fernandes

    Para além da realidade, a riqueza infinita da experiência do olhar fotográfico - Clara Moura

    Arte e território - José Manuel Simões

V. Imagem & Território: Maratona e Roteiro Fotográfico

1. Maratona fotográfica Imagem & Território – ***Aldeias do Vale do Mondego***
2. Roteiro Fotográfico Imagem & Território - ***Passadiços do Mondego***

Luísa Ferreira

Nota de Abertura

A Guarda orgulha-se de acolher, de 14 a 22 de abril, mais uma edição dos Encontros Imagem & Território, iniciativa que se tem vindo a afirmar como uma referência no calendário de eventos culturais da cidade.

Num programa eclético e diversificado, explora-se o potencial estético, documental e pedagógico da Fotografia, colocando-a ao serviço da coesão territorial e da inclusão dos lugares menos visíveis, procurando romper com situações de exclusão e invisibilidade.

O sucesso e a adesão do público às atividades do 5º Encontro (2022) e os desafios então lançados pelas entidades parceiras fizeram-nos reforçar a aposta nas atividades desta edição, nomeadamente no que respeita ao envolvimento de públicos tradicionalmente esquecidos, incentivando a sua participação no conhecimento e reflexão sobre a realidade do seu território e do ambiente que os rodeia.

Cientes do potencial da Fotografia como instrumento de inclusão e de estímulo da criatividade, o programa deste 6º Encontro reflete a preocupação da coesão social e territorial, aliando a vertente estética à educativa e inclusiva e impulsionando a participação ativa da população, condição imprescindível a uma cidadania mais ativa.

Sob o mote da "Memória, Coesão e Literacia Visual", a fotografia vai invadir a cidade com exposições e mostras que vão para além dos espaços tradicionais, indo ao encontro de diferentes segmentos da população e apostando em atividades de serviço educativo e de mediação de públicos. O interesse da participação de entidades educativas, sociais e de reinserção no programa deste ano revela a importância destas atividades para as estratégias de integração e inclusão social.

As freguesias do concelho contam nesta edição com uma abordagem diferenciada através da Maratona e Roteiro Fotográficos, duas atividades que resultarão em exposições de trabalhos fotográficos de profissionais e amadores para posterior circulação pelos espaços cívicos das freguesias.

O comprometimento cívico do CEI com os territórios de baixa densidade e com a cooperação territorial justificam o diálogo imagético transfronteiriço patente nas exposições do Museu da Guarda, numa abordagem que prova que Portugal e Espanha vivem realidades similares: a raia luso-espanhola é marcada, de um lado e do outro da imaginária linha de fronteira, pelo abandono e pelo envelhecimento que urge reverter.

Pelo seu caráter de inclusão, merecem especial referência as exposições do núcleo "Imagem e Coesão Social", patentes na Galeria do TMG, que resultaram de projetos participativos com jovens da Aldeia SOS, alunos do Instituto Politécnico da Guarda, utentes de instituições solidariedade social e comunidades migrantes. Através de uma abordagem agregadora, estas mostras revelam as vivências e expetativas de algumas franjas menos visíveis da nossa sociedade, num diálogo que acaba por conjugar o local e o global, transcendendo fronteiras até ao longínquo Brasil e Moçambique.

No ano em que se celebra o Centenário do Nascimento de Eduardo Lourenço, esta iniciativa honra o desafio que o Pensador lançou à sua Guarda há mais de vinte anos: que a sua cidade se tornasse numa verdadeira plataforma de diálogo, alcançando amplas geografias, numa perspetiva transfronteiriça e universal.

Sérgio Fernando da Silva Costa
Presidente da Câmara Municipal da Guarda
Membro da Direção do CEI

Imagem & Território:
em demanda de rumores de esperança

Os *Encontros Imagem & Território*, que em 2023 têm a sua VIª edição, aprofundam os pressupostos que norteiam o *Transversalidades. Fotografia sem Fronteiras*, projeto implementado pelo CEI com o objetivo de promover a inclusão dos territórios menos visíveis a partir do potencial documental, pedagógico e estético que as imagens encerram. Tal objetivo conduz, naturalmente, aqui e agora, um dos debates críticos e cruciais para o nosso futuro coletivo: como se pode romper o atual ciclo vicioso em que mergulharam os territórios de baixa densidade revertendo-o numa dinâmica virtuosa de desenvolvimento. Não admira, pois, que esta preocupação influencie a programação dum evento onde se destacam duas coordenadas estruturantes: a conexão da imagem com a coesão territorial e com a coesão social.

A exemplo doutras iniciativas já encetadas (p. ex.: Fronteiras da Esperança: Minha Terra, Meu Futuro), não se desperdiçou esta oportunidade estreitar a relação com a sociedade através dum envolvimento mais ativo das camadas jovens. Foi feito o desafio de pensarem sobre o que de novo está a emergir nestes espaços mais longínquos, sobre os recursos e as dinâmicas territoriais, que encetassem uma reflexão sobre as perspetivas que se abrem para o futuro destes territórios. Este envolvimento apela a um olhar crítico e a uma leitura criativa capaz de suscitar "a reinterpretação das potencialidades e dos recursos do território", debate que urge estimular a partir da arte e da cultura para que, de modo disruptivo, possam surgir novas propostas e perspetivas de desenvolvimento. É urgente gerar dinâmicas positivas que revertam as atuais tendências mais recessivas em que mergulharam os territórios mais débeis. Há ainda a necessidade de reabilitar a debilitada autoestima que se instalou entre os residentes através do "envolvimento e participação da comunidade, condição imprescindível a uma cidadania mais ativa". O desafio que se tem pela frente implica (re)interpretações mais assertivas dos processos e dinâmicas atuais de modo a proporcionarem novas soluções para enfrentar velhos problemas. Sem esquecer ou ocultar que o preto é a cor normalmente usada para caracterizar uma situação de todos conhecida, importa congregar esforços para se encontrar a direção mais adequada conducente a um horizonte de esperança, indispensável para renovar a depauperada autoestima dos residentes em tais territórios.

A acutilância da fotografia pode dar um contributo significativo que sairá reforçado pela variedade de discursos e pela diversidade de mundos por onde se movimenta. Como nos ensinaram, "além do discurso estético, que, no mundo da fotografia, tende a privilegiar qualquer manifestação de carácter criativo e a constituir um estudo das formas e da sua evolução, ligando-as a diferentes tradições visuais como a do enquadramento, uma sociologia da fotografia assenta sobre um estudo sistemático dos diferentes contextos desta prática; quanto à semiologia, permitiu tomar em consideração a imagem fotográfica como mensagem, desmontando o processo da sua comunicação, e, em particular, os diferentes tipos de códigos. Mas, tal como qualquer outra forma de arte e de literatura, tal como qualquer texto, a imagem fotográfica só existe plenamen-

te se for fruída por um leitor que lhe dê uma interpretação e, neste sentido, opere ativamente uma espécie de reescrita, de recriação. Este valor acrescentado é igualmente tributário do contexto em que a fotografia é olhada e lida. Uma modificação do contexto equivale, muitas vezes, a uma modificação de interpretação e de leitura. É assim que muitos são, por vezes, tentados a dizer que a melhor imagem é aquela em que todos os tipos de leitura são possíveis" (Gabriel Bauret, *A fotografia:* 11).

Num tempo em que a palavra está cada vez mais gasta e desvalorizada, Manoel de Barros advertiu num verso lapidar que remete para a dimensão poética que rnvolve a fotografia: "Acho que o nome empobreceu a imagem"; a legenda padece, aliás, do mesmo problema. No seu livro de poesia *Ensaios fotográficos* (2000), onde colocou em epigrafe uma referência de Jorge Luís Borges muito citada - "Imagens não passam de incontinências do visual" -, a sua intuição levou-o a enviar poéticos conselhos que encontramos dispersos em poemas como O fotógrafo, Despalavra, Aurorretrato falado ou Autorretrato. A premonitória subtileza do poeta não pode passar despercebida a qualquer fotógrafo como se depreende do que deixou plasmado: "hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da / despalavra". As suas recomendações não podem deixar de ser consideradas: "Daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo / com as suas metáforas (...) Daqui vem que os poetas podem compreender / o mundo sem conceitos. // Que os poetas podem refazer o mundo por imagens, / por eflúvios, por afeto". Aqui chegados, tal como o poeta, também podíamos rematar: "Agora você vai ter que assumir as suas / irresponsabilidades. / Eu assumi: entrei no mundo das imagens".

O concurso *Transversalidades. Fotografia sem Fonteiras* e os *Encontros Imagem & Território* já se afirmaram como momentos importantes no calendário cultural e que se vão impondo como referências no panorama da fotografia em Portugal. Conjugando a trajetória destes projetos com o envolvimento mais ativo do CEI com várias instituições da cidade pode dizer-se, com propriedade, que a Guarda pode acrescentar o "F" de fotografia aos restantes cinco que tradicionalmente se lhes associam. Esta aposta, além dos objetivos atrás enunciados, está alicerçada na convicção de que somos sempre raízes e opções, que a memória é algo que estamos sempre a (re)inventar, que urge superar o nosso crónico otimismo trágico. Não podemos viver só de temores e a vida tem de ser vivida num equilíbrio salutar entre medos e esperança, urge começar a ver sementes onde, tantas vezes, só encontramos ruínas. Acresce que, após a pandemia, assim que começou a aposta na ecologia e na transição energética, desabou a guerra que nos deixou mais inseguros, vulneráveis e à mercê de riscos mais diversos e de maior amplitude.

O *Encontro Imagem & Território* pretende representar, diante deste panorama tão sombrio, uma janela de esperança e uma ponte de diálogo multi-escalar, desde o nível local, nacional e transfronteiriço ao internacional, onde releva o espaço da lusofonia. A dimensão local é assegurada por uma relação com um duplo sentido: (i) o CEI realiza exposições, promove visitas e anima debates junto de escolas, instituições públicas (hospital, estabelecimento prisional) ou de âmbito social (IPSS); (ii) acolhe exposições resultantes da participação criativa de jovens onde exercitaram valências adormecidas ou adquiriram novas competências no âmbito da literacia visual. O nível regional, nacional e transfronteiriço é assegurado por várias exposições realizadas por entidades e fotógrafos de Portugal e de Espanha enquanto a representação internacional é feita por mostras de fotógrafos do Brasil e de Moçambique.

A programação, ampla e diversificada, reparte-se por exposições (16), mostras e oficinas (4), debates (5 painéis que envolvem mais de 20 intervenientes), lançamento de publicações (2) e, fazendo jus à designação dos Encontros, serão realizados dois roteiros fotográficos que vão percorrer as faldas da Serra da Estrela, passando por aldeias localizadas nos territórios rurais adjacentes ao Vale do Mondego. A revista traduz, além da multiplicidade de abordagens e de

perspetivas em que a imagem se pode desdobrar, a necessidade de sistematizar a programação do Encontro, rica e diversa, em cinco coordenadas temáticas estruturantes: *Rumores do mundo: imagem e memória; Imagem e coesão territorial; Imagem e coesão social; Imagem, cidadania, literacia visual*; finalmente, *Imagem & Território: Maratona e Roteiro Fotográfico.*

Estamos perante mais uma iniciativa que prestigia a Guarda, que acolhe o *Encontro*, engrandece o CEI e não esquece o seu Mentor e Patrono, Professor Eduardo Lourenço, que lembramos nesta singela referência quando estão prestes a ter início as Comemorações do Centenário do seu Nascimento (23 de maio de 2023). Sem o contributo generoso de inúmeras pessoas e instituições não seria possível o CEI continuar a concretizar iniciativas como Encontro I&T'23 e a enriquecer um património intangível que vai sendo construído coletivamente com dedicação e afeto. É, pois, da mais elementar justiça agradecer a todos os participantes, fotógrafos, autores dos textos que ajudaram a qualificar a Revista, palestrantes, parceiros e patrocinadores. É ainda devida uma palavra aos jovens estudantes que trabalharam para concretizar duas das exposições sem esquecer quem, localmente, com o seu esforço, empenho e dedicação conseguiu pôr de pé uma iniciativa tão diversa e arrojada.

Rui Jacinto

CEI

António Tedim

João Carlos Alves Flambó

FSF
FOTOGRAFIA
SEM FRONTEIRAS

Programa
14 a 22 de abril

14 de abril - *sexta-feira*

18h00 – Galeria Evelina Coelho, Paço da Cultura
Sessão de Abertura
Rumores do Mundo, Coletiva dos Concorrentes do Concurso Transversalidades
Inauguração de Exposição, Lançamento do Catálogo

18h30 – Espaço #4, Paço da Cultura
Interior Emergente, Coletiva de Alunos do Instituto Politécnico da Guarda
Inauguração de Exposição

21h30 – Bar do Pequeno Auditório, Teatro Municipal da Guarda
Debate/Painel 1 - **Imagem e coesão territorial: a terra, as gentes, o interior emergente**
(Henrique Cayatte, Alberto Prieto, Rui Formoso, Fátima Gonçalves, Duarte Belo,
Moderação: Valentín Cabero)

15 de abril - *sábado*

10h00 – Mercado Municipal
A Terra e as Gentes, Coletiva do Fotoclube da Guarda
Inauguração de Exposição

14h30 - Museu da Guarda
Memoria en la Raya, Victorino García Calderón
Inauguração de Exposição

15h00 - Museu da Guarda
Reflexões em Preto e Branco: A Jornada de um Cine Teatro no Tempo, Pedro Carvalho
Inauguração de Exposição

16h30 – Sala Tempo e Poesia, Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço
A Face dos Livros, Associação Cultural Ephemera
Inauguração de Exposição

Debate/Painel 2 - **Imagem e memória: A face dos livros**
(José Pacheco Pereira, Carla Pacheco)
21h00 – Café Concerto, Teatro Municipal da Guarda

100gentes, Pedro Baltazar
Inauguração de Exposição

21h30 – Café Concerto, Teatro Municipal da Guarda
Debate/Painel 3 **- Imagem e coesão territorial: ecos e memórias da fronteira**
(Álvaro Domingues, María Isabel Jiménez, Helder Sequeira, Valentín Cabero,
Moderação: Lúcio Cunha)

16 de abril - *domingo*

9h00 – Sede do CEI, Acreditação dos participantes
Maratona fotográfica Imagem & Território – *Aldeias do Vale do Mondego*

17 de abril – *segunda-feira*

10h30 – Ensiguarda - Escola Profissional da Guarda
Olhar a diversidade, compreender o mundo, Coletiva dos Concorrentes do Concurso Transversalidades
Inauguração de Exposição e Oficina de fotografia ***Fujifilm*** por Tiago Monteiro

14h30 - Escola Secundária Afonso de Albuquerque
Sinais dum mundo em mudança, Coletiva dos Concorrentes do Concurso Transversalidades
Inauguração de Exposição e Oficina de fotografia ***Fujifilm*** por Tiago Monteiro

15h00 - Paço da Cultura, Museu da Guarda
Visitas guiadas às exposições orientadas pelo Serviço Educativo do Museu da Guarda

18 de abril – *terça-feira*

10h30 – Escola Secundária da Sé
Geografias do olhar, Coletiva dos Concorrentes do Concurso Transversalidades
Inauguração de Exposição e Oficina de fotografia ***Fujifilm*** por Tiago Monteiro

14h30 ***- Paço da Cultura, Museu da Guarda***
Visitas guiadas às exposições orientadas pelo Serviço Educativo do Museu da Guarda

19 de abril - *quarta-feira*

14h30 - Paço da Cultura, Museu da Guarda
Visitas guiadas às exposições orientadas pelo Serviço Educativo do Museu da Guarda

20 de abril - *quinta-feira*

11h00 – ULS Guarda – Hospital Sousa Martins
Pessoas, Lugares, Outros Olhares, Coletiva dos Concorrentes do Concurso Transversalidades
Inauguração de Exposição

14h30 - Paço da Cultura, Museu da Guarda
Visitas guiadas às exposições orientadas pelo Serviço Educativo do Museu da Guarda

21 de abril - *sexta-feira*

10h00 - Paço da Cultura, Museu da Guarda
Visitas guiadas às exposições orientadas pelo Serviço Educativo do Museu da Guarda

14h30 – Estabelecimento Prisional da Guarda
Paisagens, Patrimónios, Culturas, Coletiva dos Concorrentes do Concurso Transversalidades
Inauguração de Exposição e Conversa/Debate

18h00 – Sede do CEI
Debate/Painel 4 **- Imagem e inclusão social: práticas e retratos**
(Aldeia SOS Guarda, Projeto Tu decides + NDS, CERCIG, Clara Moura, José Manuel Simões, Moderação: Amélia Fernandes)

22 de abril - *sábado*

9h00 – Sede do CEI, Acreditação dos participantes
Roteiro Fotográfico - *Passadiços do Mondego*

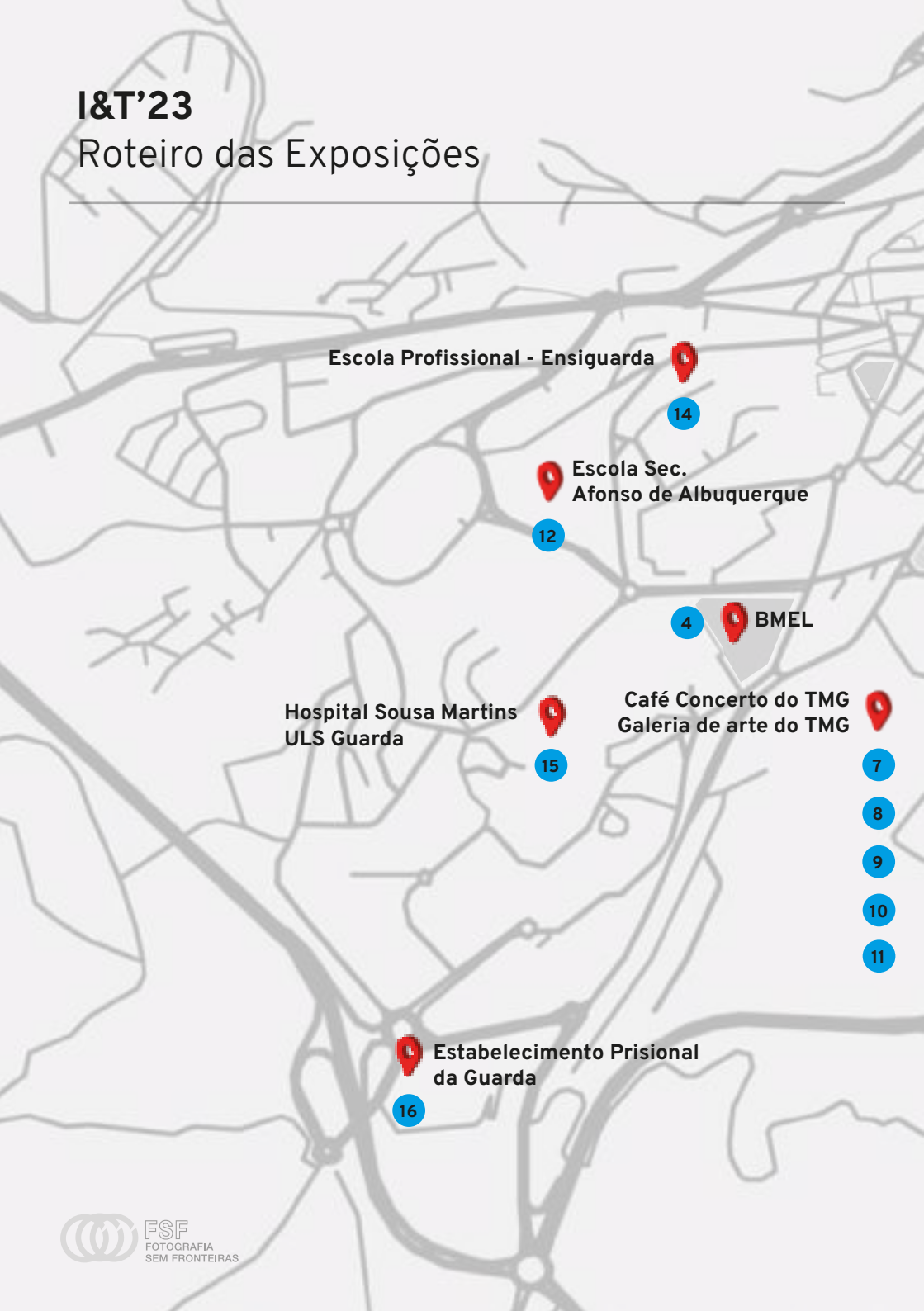
15h00 – Café Concerto, Teatro Municipal da Guarda
Debate/Painel 5 - **Imagens sem fronteiras: diálogos lusófonos** (Rosilene Milliotti, Amosse Mucavele, Lúcia Bertazzo, Alfredo Cunha, Luísa Ferreira, Mário Macilau, Thandy Pinto, Roberto Montemor, Karla Inajara e RaH BXD, Moderação: Rui Jacinto)

17h00 - Galeria de Arte, Teatro Municipal da Guarda
Inauguração das Exposições do núcleo **"Imagem e coesão social"**:
Além das nossas fronteiras, Coletiva de Jovens da Aldeia SOS da Guarda/mentoria de Luísa Ferreira
Com Vivências, Imagens do Povo
Cartografias (sub)urbanas: 5 olhares sobre Moçambique, Adiodato Gomes, Albino Mahumana, Mário Macilau, Thandy Pinto, Yassmin Forte
Topografias da paisagem social, Luísa Ferreira

18h00– **Sessão de Encerramento**

Reza Pashaei

I&T'23
Roteiro das Exposições



FSF
FOTOGRAFIA
SEM FRONTEIRAS

1. **Rumores do Mundo** – Coletiva dos concorrentes do concurso Transversalidades
2. **Interior emergente** – Coletiva de alunos do IPG
3. **A Terra e as Gentes** – Coletiva do Fotoclube da Guarda
4. **A face dos livros** – Arquivo Ephemera
5. **Memoria en la Raya** - Vitorino Garcia Calderón
6. **Reflexões em preto e branco** - Pedro Carvalho
7. **100gentes** - Pedro Baltazar
8. **Além das nossas fronteiras** – Coletiva de jovens da Aldeia SOS da Guarda
9. **Topografias das paisagens sociais** - Luísa Ferreira
10. **Com Vivências** – Imagens do Povo
11. **Cartografias (sub)urbanas: 5 olhares sobre Moçambique** – Adiodato Gomes, Albino Mahumana, Mario Macilau, Thandy Pinto, Yassmin Forte
12. **Sinais dum mundo em mudança** – Coletiva dos Concorrentes do Concurso Transversalidades
13. **Geografias do olhar** – Coletiva dos Concorrentes do Concurso Transversalidades
14. **Olhar a diversidade, compreender o mundo** – Coletiva dos Concorrentes do Concurso Transversalidades
15. **Pessoas, Lugares, Outros Olhares** – Coletiva dos Concorrentes do Concurso Transversalidades
16. **Paisagens, Patrimónios, Culturas** – Coletiva dos Concorrentes do Concurso Transversalidades

I. Rumores do Mundo: Imagem e Memória

FSF
FOTOGRAFIA
SEM FRONTEIRAS

Rumores do Mundo

Concorrentes do Concurso
Transversalidades fotografia sem fronteiras

Curadoria: **João Pedro Cochofel**

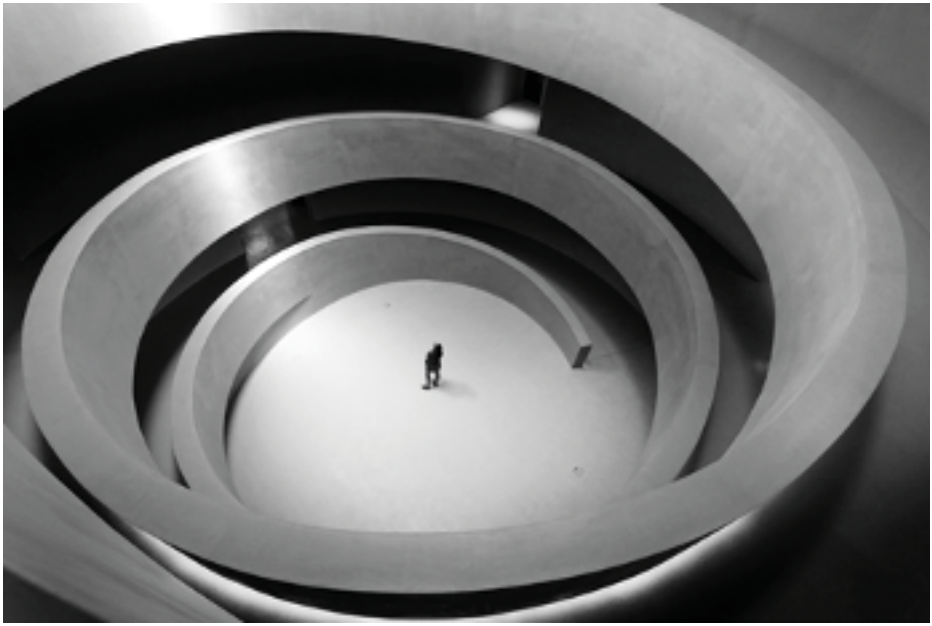
Projeto expositivo: **Santiago Santos**

A Exposição Rumores do Mundo conta com a participação de vários concorrentes que submeteram fotografias ao Concurso Transversalidades – Fotografia sem Fronteiras 2022.

As imagens têm proveniências diversas e resultam de múltiplos olhares, captadas com intuitos profissionais, por fotógrafos, jornalistas ou cientistas de vários matizes, ou por estudantes e cidadãos comuns que recorrem a este meio de comunicação para transmitirem emoções, preservarem memórias ou, simplesmente, colecionarem fotografias que arquivam num sempre incompleto álbum pessoal.

Ao privilegiar as pessoas e os lugares, a mostra ilustra a diversidade social e cultural de diversas regiões do mundo, numa abordagem diversificada e aberta das imagens submetidas ao concurso pelas sete centenas de participantes oriundos de mais de setenta países, conjugando qualidade imagética e técnica, em linha com as melhores práticas e tendências que percorrem a fotografia contemporânea.

Galeria Evelina Coelho - Paço da Cultura
14 de abril a 4 de junho de 2023
Dia de Inauguração: 14 de abril / Hora: 18h00



Luís Lobo Henriques

“O universal é o local sem paredes”

A expressão de Miguel Torga, glosada até à exaustão, continua a iluminar o caminho do CEI em demanda duma cidadania plena, plural, partilhada. É, pois, com os pés literalmente assentes na terra e assumindo que um “local sem paredes” é imprescindível para se ultrapassarem os nossos limitados espaços físicos e se esbaterem certas fronteiras mentais, esses muros invisíveis que, sem nos apercebermos, continuam a ser erguidos por cada um de nós. Superar estes condicionalismos e atingir “o universal”, aspiração que sempre deve pairar no horizonte, reclama uma continuada e persistente aposta no conhecimento, na cooperação e na cultura.

O apelo do valor estético, documental e pedagógico da fotografia para promover a inclusão dos territórios menos visíveis está no cerne do projeto Transversalidades. Fotografia sem Fronteiras cujos resultados quantitativos e qualitativos são inquestionáveis: se a qualidade das imagens fala por si, as várias centenas de concorrentes provenientes de mais de setenta países revelam a importância alcançada por esta iniciativa. Estes propósitos são prosseguidos em iniciativas que complementam aquele projeto, seja o Fronteiras da Esperança: Minha Terra, Meu Futuro ou os Encontros Imagem & Território.

Fronteiras da Esperança: Minha Terra, Meu Futuro partiu da necessidade de estimular “a reflexão dos jovens estudantes sobre os recursos e as dinâmicas territoriais, levando-os a refletir sobre as perspetivas que se abrem para o nosso futuro coletivo”. É uma abordagem que apela “à observação e à leitura criativa com enfoque geográfico, literário e artístico, suscitar a investigação e a reinterpretação das potencialidades e dos recursos do território para estimular o debate donde possam emergir novas propostas e perspetivas de desenvolvimento. A reversão das atuais dinâmicas mais recessivas, em que os territórios mais débeis foram mergulhando, sem incluir uma debilitada autoestima que se instalou entre os residentes, também passa pelo envolvimento e a participação da comunidade, condição imprescindível a uma cidadania mais ativa”.

Os Encontros Imagem & Território, onde é mostrada a Exposição Rumores do Mundo, recorre à imagem para aprofundar o debate crítico sobre os espaços onde nos inserimos, tarefa que se afigura crucial nas atuais circunstâncias. A preocupação de gerar uma dinâmica virtuosa de desenvolvimento que reverta o ciclo vicioso em que mergulharam os territórios de baixa densidade não pode dispensar o poder comunicacional da fotografia. Apesar de genérico, o título sugere a (re)interpretação dos territórios mais longínquos a partir de olhares mais contemporâneos que sustentem uma consequente renovação imagética: sem esquecer nem ocultar o preto carregado normalmente usado para caracterizar uma situação de todos conhecida importa, inclusive através da imagem, importa enaltecer os sinais emergentes suscetíveis de fazer renascer um horizonte de esperança que, apesar de ainda insuficientes, terão de sustentar a renovação da depauperada autoestima dos seus residentes.

A imagem, pelas condições únicas que fazem toda a diferença nas sociedades contemporâneas, é um ativo imprescindível que importa considerar quando está em causa recentrar as periferias.

Rui Jacinto

Andres Gomez Garcia

Reza Danianian

FSF
FOTOGRAFIA
SEM FRONTEIRAS

Interior Emergente

Coletiva dos Alunos do Instituto Politécnico da Guarda

Ana Caroline Carmo, Ana Isabel Cerqueira, Ana Margarida Rocha, Ana Patrícia D'Apresentação, Ana Teresa Marques, António Rodrigues, Carolina Costa, Catarina Silva, Eduardo Martins, Elisabete José, João Rodrigues, Leandro Figueira, Marcelo Vitória, Maria Ribeiro, Marta Loureiro, Miriam Silva, Pavel Storchak, Pedro Gomes, Pedro Gomes, Salvador Fernandes, Severino Costa, Tatiana Lucas, Vinícius Machado

Tutores: **Anabela Sardo; Carla Ravasco; Catarina Carreto; Filipe Moreira; Florbela Rodrigues; Handerson Engrácio; Henrique Marques; Rosa Branca Figueiredo; Simone dos Prazeres**

Mentoria: Luísa Ferreira

A exposição mostra com criatividade, a partir duma reflexão sobre a coesão económica, social e territorial, múltiplos olhares sobre um devir que se espera mais promissor para o Interior. O Interior não é entendido, aqui, como um território definido, mas como um conceito amplo onde aquelas dimensões sofrem efeitos demográficos, culturais e políticos. Assumindo estas coordenadas e preocupados em dar visibilidade ao que de novo aqui está a emergir (em termos territoriais, económicas, sociais, demográficas, culturais, políticos, etc) identificam-se paisagens (físicas e humanas), projetos, iniciativas, etc. que retratam a face oculta e mais desconhecida dum Interior que se espera mais próspero, cosmopolita e inovador. A partir duma abordagem livre, sem fronteiras nem amarradas (temática, estilística, de suportes ou modos de expressão, ...), inicia-se uma cartografia, heterodoxa e holística, que aspira o renascimento no Interior duma verdadeira Geografia da Esperança.

Espaço #4 - Paço da Cultura
14 de abril a 4 de junho de 2023
Dia de Inauguração: 14 de abril / Hora: 18h30

Pavel Storchak

Interior Emergente

Um território pode ser uma área delimitada em função de diversos critérios, mas não deixa de ser uma realidade subjetiva. A transversalidade nas interpretações de uma realidade faz com que ela própria seja subjetiva e subordinada às percepções de cada indivíduo e o Interior, seja enquanto conceito, símbolo ou território é também uma realidade transversal, subjetiva e por vezes paradoxal, entregue à sorte de quem o pensa, define e sente.

Por outro lado, a arte é também transversal e subjetiva, emergente de diferentes percepções da realidade, intenções estéticas e comunicacionais que por sua vez, provocam diferentes efeitos, sentimentos e interpretações. Não tem fronteiras nem mapeia ou caracteriza, não fosse ela própria impossível a uma definição humanamente consensual, mas permite entender, experimentar, representar, ilustrar, transformar, evocar, sentir e comunicar a essência de algo.

A era digital veio alavancar o papel da arte enquanto significativo agente social, acelerando a sua democratização e tornando-a mais acessível e disponível, independentemente dos contextos sociais, culturais ou geográficos. As novas tecnologias, enquanto ferramentas técnicas e estéticas, permitiram o desdobramento de novas formas de expressão que contribuíram ativamente para a consagração de ideologias e lugares através da fotografia, do vídeo e outras estéticas das Media Artes. Pensar o Interior através das Media Artes ou das sucessoras New Media Arts - em que exemplos como a Net Art ou a Arte Generativa levantam questões sem precedentes - é uma ideia estimulante e desafiadora, na medida em que abrem inúmeras possibilidades de criação, representação, exibição e interpretação mas também de reivindicação e resistência, como expressão de uma nova cidadania, mais inclusiva. Na sua vertente marginal e contestatária de cruzar manifestações estéticas com conscientes posicionamentos críticos e ativistas, este artivismo pode e deve promover as regiões do Interior, reivindicando o território para além do mapa e da sua condição (não simbólica) periférica.

Optar pela arte e pelas suas múltiplas expressões estéticas ou conceptuais para reivindicar a representatividade de um território, dos seus lugares, cultura e pessoas, contribui ativamente para a preservação da sua identidade. Esta preservação - por vezes um quase resgate - beneficia numa primeira instância a autoestima dos habitantes, reconhecendo-lhes o devido valor e respeito. Paralelamente, consegue promover costumes e causas, espaços e património, atraindo turistas e investidores e contribuindo para o seu desenvolvimento e sustentabilidade.

Pensar um território através da arte não é uma exaltação, é uma reivindicação. É permitir-lhe a multiplicidade de representações e de interpretações que lhe pertencem. O Interior não é o preto do alcatrão sem tráfego, das florestas queimadas ou dos lenços que cobrem memórias e vivem da saudade. O Interior é a alma viva de um país que assim deve ser pensado, definido e sentido.

Emília Simão

Carolina Costa

Salvador Fernandes

FSF
FOTOGRAFIA
SEM FRONTEIRAS

A Terra e as Gentes

Coletiva do Fotoclube da Guarda

Curadoria: **Eduardo Flor**

Exposição de Fotografia de membros do Fotoclube da Guarda, numa homenagem aos produtores, vendedores, compradores e produtos do Mercado Municipal.

No concelho da Guarda, a prática da agricultura tradicional assume ainda um importante papel na valorização do património cultural de origem rural sendo o Mercado um espaço privilegiado para a aquisição de produtos regionais trazidos por pequenos produtores das áreas rurais.

Local de encontro entre a população, o Mercado Municipal assenta numa ótica de ruralidade, tradição e respeito pela natureza, encarando a produção agrícola e de artesanato em pequena escala como complemento à atividade económica, capaz de gerar não só rendimentos complementares como novas oportunidades de negócio.

Ao abordar a "Terra e as Gentes" no Mercado Municipal, o Fotoclube da Guarda visa dar a conhecer os produtos e produtores presentes neste espaço distintivo da cidade, aproximando produtores e consumidores, piscando um olho ao turismo e contribuindo para recuperar a importância e influência do genuíno comércio tradicional.

Parceiro do CEI desde a primeira edição dos Encontros "Imagem & Território", o Fotoclube da Guarda é um grupo discreto de amantes da arte fotográfica que em muito tem contribuído para a promoção da Guarda e do seu concelho, incrementando igualmente o gosto pela fotografia. Os seus membros têm olhado as múltiplas vertentes da cidade e da região, através de diversas objetivas e sensibilidades, proporcionando exemplos qualitativos e trabalhos de cativante beleza e técnica cuidada.

Mercado Municipal da Guarda
15 de abril a 30 de junho de 2023
Dia de Inauguração: 15 de abril / Hora: 10h00

Helder Sequeira

Sistemas Agroalimentares Locais

Num percurso de perda de importância produtiva dos territórios rurais, os elementos ecológicos, patrimoniais e culturais emergem na paleta do espaço físico como grossos traços sensoriais de múltiplas referências, mas em que é possível vislumbrar e percecionar variantes das realidades locais. Delimitar o rural ao que não é urbano e associá-lo exclusivamente à atividade agrícola e à paisagem natural é reduzir a paleta a cores primárias numa dicotomia dificilmente sustentável num contexto de mudança. De facto, há diversos elementos emergentes nos territórios rurais que podem constituir-se como núcleos de mudança e de novas abordagens do desenvolvimento rural.

Os Sistemas Agroalimentares Locais (SAL) são um exemplo desta mudança, consistindo num conjunto de atividades agroalimentares, territorialmente organizadas, com um enfoque na gestão dos recursos locais e orientados para a produção de produtos cuja qualidade é ligada ao território. Trata-se, pois, de uma comunidade de interesses localizados, em que sobressaem as relações entre os respetivos agentes.

Os Circuitos Curtos Agroalimentares (CCA) são uma forma de organização da comercialização no âmbito dos SAL, ligando os produtores aos consumidores através de uma cadeia curta de distribuição. Trata-se de um modo de comercialização de venda direta do produtor ao consumidor, ou de venda indireta, com a condição de não haver mais de um intermediário, indiciando uma proximidade geográfica e relacional entre produtores e consumidores em que o acesso a informação que confirme a origem e qualidades do produto reforçam os laços de confiança entre os agentes. Dirigem-se, assim, a consumidores que se interessam pelas características específicas dos produtos, nomeadamente a qualidade, a tradição, o valor ecológico e a referência local.

Os CCA podem assumir múltiplas formas – mercado de produtores (em geral ou BIO), feiras de produtos locais, pontos de venda coletivos, cabazes de produtos agroalimentares, ... - e recorrerem a formas tradicionais de trocas comerciais ou a novas tecnologias – internet, redes sociais, etc. -, mas estão sempre dependentes da dinâmica e criatividade dos produtores, do envolvimento das instituições e líderes locais e, sobretudo, de tempo e espaço que permitam o desenvolvimento de relações colaborativas e de lideranças.

Em última análise, os Circuitos Curtos Agroalimentares focam-se na cadeia de comercialização, enquanto os Sistemas Agroalimentares Locais estendem este âmbito a algumas dimensões de organização territorial, juntando à questão comercial novas formas de produção normalmente associadas a valores ambientais e ecológicos.

Estes movimentos de aproximação entre produtores e consumidores podem ter diversas intensidades locais e serem interpretados como o conjunto de processos que conduzem a economias alimentares sustentáveis, baseadas no local e em que a produção, transformação, distribuição e consumo são integradas de forma a densificar as relações sociais e económicas de um território ou de um lugar específico.

O ambiente organizativo dos territórios rurais nunca se cinge à mera enumeração dos seus elementos ou à descrição dos fatores que os condicionam. É o conjunto que molda cada uma das partes e se os Sistemas Agroalimentares Locais e os Circuitos Curtos Agroalimentares são importantes na compreensão do 'todo local', eles só se tornam verdadeiramente objetos de mudança se enquadrados no conjunto dos elementos constitutivos do território: paisagem, património, sociedade, cultura, economia. Definitivamente, a diversidade é a identidade da paleta de cores do rural.

Fernando Delgado

Eduardo Flor

Eduardo Flor

FSF
FOTOGRAFIA
SEM FRONTEIRAS

A Face dos Livros

Associação Cultural Ephemera

Curadoria: **Carla Pacheco**

Ephemera
Associação Cultural

EPHEMERA tem como objectivo divulgar os espólios, acervos, livros, periódicos, manuscritos, panfletos, fotos, objectos e ephemera que pertencem ao arquivo pessoal de José Pacheco Pereira, e colocá-los acessíveis a todos. Pelos seus objectivos e pela sua acção, é o arquivo privado mais público de Portugal

A exposição versa sobre capas de livros ilustradas por ilustradores portugueses do início do século XX até à década de 70, existentesno Arquivo Ephemera e é constituída, basicamente, pelos próprios originais dos livros bem como diversos painéis com reproduções de alguns desses livros e distribui-se fisicamente do seguinte modo: (I) Paredes: disposição por década composta por posters e molduras de caixa para expor os livros. (2) Expositores: seis expositores de chão, que podem ser usados para expor colecções ou ilustradores, cada expositor dá para 8/10 livros

Esta exposição foi originalmente concebida numa parceria com a Sociedade Portuguesa de Autores em cuja sede esteve em exibição e também já esteve exposta em Lamego, numa versão mais alargada e tem mais informação em https://ephemerajpp.com/2021/04/22/ephemera--sociedade-portuguesa-de-autores-a-face-dos-livros-galeria-carlos-paredes-spa-abertura--22-de-abril-de-2021/

Sala Tempo e Poesia, Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço
15 de abril a 15 de maio de 2023
Dia de Inauguração: 15 de abril / Hora: 16h30

Carlos Guerreiro

JULES ROY
A MULHER INFIEL

HORACE McCOY
O pão da mentira
DRUGS

steinbeck
noite sem lua

A Face dos Livros

Na selva iconográfica do ARQUIVO EPHEMERA, as capas dos livros estão emaranhadas com tudo. Transportam o elemento mais importante num arquivo que é a materialidade da coisa tocada pelo tempo. E não precisamos de perguntar, como Heidegger, "o que é uma coisa?".

Os livros são a coisa mais próxima dos homens. Fazem companhia ao reino dos animas, ao darwiniano macaco, à flora e todo o mundo de bactérias e vírus que nos acompanham. Nem tudo é bom, mas a natureza não foi feita para nós, nós é que fomos feitos pela natureza. E como não há árvores que deem livros em vez de folhas e frutos, os livros são a contribuição humana ao mundo das coisas. Primeiro, a palavra, depois os livros.

Os livros têm cara e corpo, depois ganham pernas e braços. A cara são as capas, como se vê nesta exposição. O corpo é o que está lá dentro. Estas são as partes visíveis. Depois há as invisíveis: as pernas e os braços. As pernas são para andar, há livros com pernas para andar e outros não. Os braços são a parte dos livros que nos prende num abraço que pode ser perverso. Não é por acaso que os ingleses dizem que ler livros é feeding the monster.

Ao ver estas capas percebemos as muitas faces dos livros e como elas atraem os que as desenham, trazendo os livros para o seu tempo. Nesta exposição estão os sinais dessa mudança do tempo no século XX. estilos, formas, elementos de comunicabilidade, criação, poética. E depois, como quem vê caras, não vê corações, pode-se partir para dentro do corpo. Não nos responsabilizamos pelos resultados.

José Pacheco Pereira

Nesta exposição foi desafiada a crença de que não se deve julgar o livro pela capa, quando se decidiu que o objecto a expor seria um conjunto de livros cujo critério de selecção assentou sobretudo no seu impacto visual.

A Face dos Livros remete para a sua forma exterior, como elemento distintivo e exclusivo. Essa característica inerente à capa, que embora tenha surgido com o propósito de proteger o miolo do livro, foi gradualmente adquirindo novas intenções, que em última instância visam, através de soluções gráficas, informar e seduzir o público para o conteúdo do livro.

Sendo o livro um dos objectos predominante do espólio do Arquivo Ephemera, fez sentido destaca-lo também enquanto objecto de possível fruição estética. Num período de 70 anos podemos apreender a evolução estilística das capas ilustradas, por um conjunto de artistas, ilustradores e designers, cuja vitalidade do seu trabalho impactou o panorama artístico português.

Nesta viagem contemplativa que se inicia nos anos 10 do século XX, por uma estética de influência ainda naturalista nas capas ilustradas por Alonso, Alfredo Morais, Alberto de Sousa, Raquel Roque Gameiro, coexistindo com os ares modernistas de Almada Negreiros, Stuart Carvalhais, Jorge Barradas, Bernardo Marques, passando pelo neo-realismo de Manuel Ribeiro de Pavia, Lima de Freitas ou pela afirmação do design português, a experienciar linguagens mais cosmopolitas, com Vitor Palla, Sebastião Rodrigues, Câmara Leme, Paulo-Guilherme, Luiz Duran, entre tantos outros que podem ser apreciados nesta exposição e outros tantos que aguardam ser descobertos ainda no espólio vivo do Arquivo Ephemera.

Carla Pacheco

Memoria y archivo: el álbum familiar

Este texto tiene como base los archivos fotográficos familiares, formados por los momentos y las personas que queremos recordar y que tienen un marcado carácter humano. Estas imágenes, libres de intención creativa, forman una memoria colectiva y a la vez íntima en la que nos reconocemos como componentes de un núcleo cerrado y de difícil comprensión desde fuera. En ellos, podemos observar las fotografías de nuestros abuelos, padres y familiares a lo largo de años, reconociendo sus rasgos en nuestros hijos y en nosotros.

En un álbum familiar podemos encontrarnos con una pequeña historia de la fotografía, con la evolución social de un país o con los cambios en la forma de mirar y de mirarnos a través de las imágenes.

Desde el punto de vista técnico y dependiendo del poder adquisitivo de la familia propietaria del archivo, podemos contemplar objetos como los daguerrotipos, que debido a la ausencia de patentes fueron el primer proceso fotográfico con expansión generalizada en todos los países. El daguerrotipo es un positivo directo de cámara, es decir no se pueden hacer copias. Su superficie era como un espejo, muy delicada y frágil. Las personas que podían acceder a ser retratadas eran de una clase social media alta y los primeros retratos suponían una pequeña tortura para los modelos, que tenían que permanecer sin moverse durante largo tiempo manteniendo el gesto excesivamente severo que caracteriza a estas imágenes. Esto no siempre ocurría, y su consecuencia eran parpadeos que otorgan a la mirada un toque misterioso.

Daguerrotipo de un antepasado datado en los años 70 del siglo XIX

En el último cuarto del siglo XIX, con la llegada de las copias a la albúmina y la carta de visita, la fotografía deja de ser un privilegio de las clases altas y comienza a ser accesible para un arco social más amplio. Los fotógrafos itinerantes abrían estudios en ciudades y pueblos durante un

limitado periodo de tiempo y retrataban, por un precio asequible, a gentes de una escala social cada vez más baja. En estas imágenes, nuestros antepasados suelen aparecer muy bien vestidos y con un decorado compuesto por un forillo y algún mueble auxiliar. Es muy probable que todos conservemos en nuestras casas alguna copia de este periodo. Podemos encontrar parejas vestidas con trajes típicos o vestidos de boda, grupos familiares, niños... Todo un abanico de imágenes realizadas con el propósito específico de perdurar en la memoria.

Conservación del archivo familiar con fotografías de la primera mitad del siglo XX

Se puede considerar que en 1898 se produce la verdadera democratización del acto fotográfico. Kodak lanza la primera cámara que libera al fotógrafo de tener oficio. Con su eslogan "Usted apriete el botón, nosotros hacemos el resto" ofrece a todos los aficionados sin experiencia la oportunidad de registrar sus momentos importantes por si mismos y sin necesidad de un trabajador especializado. Las cámaras de sencillo manejo y el hecho de recibir las copias fotográficas ya procesadas hace que las imágenes, se vuelvan más espontáneas y dinámicas.

A partir de los años 50 del siglo XX, el coste del procesado es más asequible para la clase media trabajadora, y en casi todas las familias hay alguna cámara de fotos. Los acontecimientos susceptibles de ser fotografiados pasan a tener un carácter cotidiano. Las meriendas campestres de familias numerosas, las vacaciones en la playa, las excursiones turísticas de todo tipo, son el motivo de la mayoría de las imágenes que conservamos.

La fotografía pasa a formar parte de nuestra vida. Comenzamos a querer fotografiar la cotidianidad.

Fotografías de vacaciones de las décadas de los 50 y 70 del siglo XX

La relación que hoy mantenemos con las imágenes ha sido producto de una evolución tanto social como tecnológica. La fotografía como técnica ha sabido adaptarse a todos los espacios sociales y se ha convertido en un lenguaje con códigos propios que hemos ido aprendiendo y practicando sin darnos cuenta propiciado por las nuevas tecnologías, que con su inmediatez, van creando un relato de nuestras vidas a través de imágenes en tiempo real. Qué ropa nos vamos a poner, qué vamos a comer en un restaurante… Los teléfonos móviles escanean nuestra vida y la lanzan al espacio virtual con el único filtro que nos aporta la aplicación de turno.

Esta avalancha de fotografías que somos incapaces de digerir de forma pausada se acumula en nuestros teléfonos y ordenadores esperando una segunda visión, que probablemente nunca suceda. Las guardamos, igual que hemos hecho siempre con las fotos que creíamos importantes y especiales, sin ser capaces de deshacernos de ninguna, pero acumulando miles de fotos imposibles de ver con el reposo que hemos dedicado a las escasas imágenes que conservamos de nuestros padres o abuelos.

El recuerdo del abuelo que emigró a Brasil, del que solo queda una foto realizada para el pasaporte.. Grupos de chicas jóvenes, paseando un domingo por la tarde, sonrientes, mirando al fotógrafo. Un retrato de estudio, cuidado de manera delicada, de una hermana fallecida siendo una niña, con su sombrerito mirando al infinito de manera serena y triste, detenida en ese momento, presente en la memoria, sin necesidad de ser nombrada.

Imágenes de la vida ct del siglo pasado

Todas estas fotografías se tomaron para volver a verlas a lo largo del tiempo y recordar el momento y las personas que aparecen en ellas, y nos han permitido conocer a nuestros antepasados, observar a través de la ventana del tiempo cómo eran y cómo vivían. Con estas imágenes, necesitadas de un apoyo narrativo, se reconstruyen las experiencias de nuestros antepasados, perdurando en la memoria de los descendientes.

Sin embargo, lo más importante cuando repasamos las fotos en las hojas de los álbumes o en las cajas que conservamos en nuestras casas quizá sea apreciar el paso del tiempo desde un punto de vista totalmente personal e intransferible, nosotros somos el objeto sobre el que el tiempo va depositando su peso, dejando sus huellas sobre nuestro rostro. En estas páginas podemos hacer un relato de nuestra vida, encontrándonos con nuestro pasado, provocando la reflexión, de dónde venimos, quienes somos y a donde vamos.

Recordatorio de un familiar fallecido en la década de los 60 del siglo XX

Jovita Fernández del Campo

Arqueologia da memória:

um certo modo de imaginar o futuro

1. O velho retrato. Uma fotografia de pequeníssima dimensão, esbatida, quase apagada, pontuada de pontos ferrugentos e sem qualquer referência, inscrita ou transmitida oralmente, chegou até mim entre os parcos papéis deixados pelo meu pai. Esta imagem tão frágil e precária, apesar de aparentemente insignificante e sem qualquer referência, sempre a vi rodeada duma certa áurea de mistério. Intrigado e sem convicção continuei a guardar o retrato dum anónimo desconhecido que insistia em sobreviver a todo o custo à poeira do tempo e à sua impiedosa erosão.

1. Velho retrato

2. Passaporte: termo de identidade

3. Retrato a quem se retirou alguma poeira do tempo

2. Em busca do retrato perdido. Uma jovem estudante de S. Paulo, que veio fazer um semestre do seu curso na Universidade de Coimbra, em 2018, foi visitada por familiares que me procuraram por conselho dum amigo comum. Após passeios e prazerosas conversas, na hora da despedida, referiu que ainda precisava de ir a Condeixa. O motivo era obter, para eventual obtenção de cidadania portuguesa, a certidão de nascimento do avô, que havia emigrado para o Brasil e donde nunca acabaria por regressar. Por coincidir com o concelho das minhas origens ofereci-me para a acompanhar nessa diligência. Circunstâncias técnicas que não importa aqui desenvolver levaram-nos ao Arquivo da Universidade de Coimbra onde estão depositados vários arquivos oriundos de distintas instituições sobretudo deste antigo distrito. A generosidade e o profissionalismo da técnica que fez o atendimento não só agilizou a esperada certidão como facultou o processo individual relativo ao requerimento que havia feito para que lhe fosse emitido o respetivo passaporte. Curiosamente, na mesma altura, o meu avô percorreu os mesmos caminhos e viveu a mesma aventura do avô da jovem brasileira. Acabei também por aceder, por arrastamento, aos documentos que o meu avô havia entregue para obter o seu passaporte. A consulta deste dossier acabou por abrir uma janela para o passado e a porta para um universo pessoal ainda por descobrir.

3. O retrato do meu avô: imagem e memória. Num desses documentos estão coladas duas fotografias relativamente bem conservadas. O estágio feito nestas condições, ao abrigo dos efeitos nefastos do ar, acabou por preservar as fotografias a que o tom sépia acentua alguma ternura e empresta um glamoroso encanto. Então, ao observar as fotografias, surge pela primeira vez diante dos meus olhas a imagem do meu avô e do filho, tio que ainda conheci, então com 18 anos, que o acompanhou em 1922 rumo ao Brasil. A ausência de registos fotográficos na posse

da família tanto explica porque o seu semblante não constava da minha memória como o tipo de uso dado à fotografia naquela época. Nunca o tinha visto nem, sequer, imaginado; eis senão bem quando, como na mágica câmara escura onde se revelavam as fotografias no tempo do filme analógico, surge do nada, entre pasmo e emoção, um retrato que se havia esfumado no ocaso do tempo. O velho retrato esquecido, perdido no mais profundo esquecimento, começa a ganhar, naquele preciso momento, sentido e forma. E assim aconteceu, inesperadamente e com intangível subtileza, um reencontro de velhos (des)conhecidos ....

4 e 5. Arquivos da memória: em demanda de retratos da nossa história individual e coletiva

4 e 5. Retratos de história económica e social. Uma imagem mostra sempre mais do que deixa impresso na nossa retina sobretudo se nos aventurarmos a desbravar as camadas de leitura que encerra entre o subentendido e o que está ausente por não ter sido captado ou ter sido intensionalmente escondido. A análise detalhada duma imagem tão singela mostra mais que o retrato dum homem, em fato domingueiro, com o casaco a cobrir uma camisa branca, sem gravata, onde desponta um ligeiro bigode, com orelhas que me parecem familiares. Não especulo sobre o estilo ou a qualidade do vestuário, apesar de conter informação eloquente sobre o modo de vida no mundo rural português no início do século XX. Os atestados, requerimentos e registos, criminal e militar, a par da restante documentação necessária para a obtenção do passaporte é de grande utilidade tanto para a história familiar como, fundamentalmente, para fazer um retrato mais preciso da economia e da sociedade a nível local, regional e nacional. Se as razões porque se emigrava são relativamente conhecidas, os dados que estes documentos disponibilizam ajudam a esclarecer com objetividade quem emigra, donde e para onde emigra. O destino era, neste caso, o porto de Santos. Tendo presente que viria a demandar Araraquara podemos imaginar a subida da Serra do Mar, a surpresa perante a exuberância da sua vegetação, a estadia na Hospedaria dos Imigrantes, hoje Museu da Imigração do Estado de São Paulo, o embarque na Estação da Luz, que acolhe atualmente o Museu da Língua Portuguesa, com destino a Araraquara. O roteiro que fiz nestes territórios, em particular na cidade de S. Paulo, levou-me a percorrer os mesmos passos que, com a informação suplementar deste simples retrato, adquire um novo sentido e um significado mais coerente. A Estrada de Ferro que a partir de S. Paulo progrediu em direção ao Grande Sertão atrás do cheiro do café seguindo nela a frente pioneira que havia de desbravar os confins brasileiros, transportando uma vaga imensa de pessoas provenientes de vários países europeus e, mesmo, do Japão. Mais tarde, uma outra fotografia entrará, de maneira mais simbólica, na história da emigração portuguesa através dum "retrato rasgado", onde a imagem sob esta forma se confundirá com o seu sentido literal. No período do "salto" para França, nos anos sessenta, o pagamento da última tranche ao "passador" só se concretizava com a apresentação da metade dum retrato, entregue pelo emigrante, já no destino, que encaixasse na outra metade donde havia sido rasgada e que por cá tinha ficado na posse da família.

6. Retrato(s) para imaginar um (in)certo futuro. A justificação para que este apontamento saia do recato privado, onde se circunscrevem as histórias pessoais, está em algum interesse publi-

co que pode adquirir por se tratar dum episódio comum a um número significativo de famílias portuguesas. A fotografia converte-se, deste modo, numa fonte diacrónica cuja análise serve de intermediação entre a memória familiar e coletiva, desvendando as errâncias dos portugueses pelo mundo. Se, por um lado, divulga o manancial de informação que ainda permanece oculto naquele tipo de arquivos, por outro, mostra a importância inequívoca que têm para a história da fotografia em Portugal. Um estudo mais aprofundado e extensivo ajudaria a compreender melhor a difusão, os fins e os usos dados à fotografia, quem, quando e porque motivos a ela recorreu. Além de importante para a história da fotografia, este tipo de análise não só permite recuperar a memória visual como esclarecer com mais propriedade os motivos que mantiveram invisíveis largas camadas de população. Os signos que estas imagens carregam e as referências que nos facultam apenas conferem maior sentido de pertença a qualquer geografia individual e coletiva. Pessoalmente, este breve trabalho de arqueologia visual, ao resgatar o retrato perdido do meu avô, que se havia esbatido no tempo, habilitou-me a transmitir ao meu filho e às minhas netas, a partir dum único retrato, um importante legado do seu trisavô. E todo este passado, apesar de exíguo e resumido a uma única imagem, é o que temos à nossa disposição para nos ajudar a imaginar com mais esperança as incertezas do futuro.

Rui Jacinto

La fotografía ambulante y el fotógrafo minutero

Desde finales del siglo XIX la fotografía encontró múltiples vías y procedimientos para expandirse generalizándose su uso entre la población, ya fuera mediante el abaratamiento de costes, la simplificación y mejora técnica o la progresiva transformación de los hábitos culturales respecto al medio fotográfico. Un largo y continuado proceso, generalmente definido como de democratización de la fotografía, que de momento parece haber culminado en la actual masificación de su uso gracias a la confluencia de lo digital, el desarrollo de los teléfonos inteligentes y un cambio radical con relación al modo en que gestionamos el registro, selección y conservación de los recuerdos. En todo ello, y prácticamente desde la invención de la fotografía, el retrato como género fotográfico, siempre ha ocupado un papel central.

En ambos territorios, el de la popularización y masificación de lo fotográfico, y el de la práctica del retrato, generalmente muy conectados entre sí, desempeñaron un papel destacado tanto la

fotografía ambulante como la figura del fotógrafo minutero, en especial a lo largo de la primera mitad del siglo XX. Olvidados y superados desde entonces por los cambios tecnológicos y culturales, hace unos años que este "oficio" y esta práctica resurgieron, reapareciendo en nuestras calles, sobre todo en enclaves y entornos monumentales, para propiciar un doble souvenir: el asociado al recuerdo personal y el ligado a la nostalgia y la antigüedad del propio procedimiento fotográfico.

La puesta en escena del acto fotográfico, la inmediatez del resultado, el emplazamiento en exteriores que afirma el lugar de la toma, la precariedad de la pose por parte del retratado, la espontaneidad de la situación, son aspectos asociados a la naturaleza de la fotografía ambulante.

Es de justicia honrar hoy al fotógrafo minutero, que emplea un procedimiento "antiguo", en cierto modo precario, con las características señaladas, que puede tener como contrapartida la capacidad de incorporar al resultado un valor añadido que pasa por la naturalidad y la espontaneidad en la pose y la expresión, por el reencuentro con una cierta esencia de lo fotográfico alejada del artificio y, sobre todo, otorga un peso específico al emplazamiento del sujeto en unos determinados lugares que cobran, en estas imágenes, un significado simbólico como espacios de pertenencia a una comunidad. En tal sentido, estas imágenes, realizadas con la ubicuidad que ofrece la fotografía ambulante, podrían definirse como la memoria de un pueblo. Cientos de fotógrafos minuteros recorrieron plazas, jardines, paseos de ciudades, pero también de entornos rurales, generando con su trabajo la memoria colectiva de dichos lugares.

Al retratar con sus cámaras de madera montadas sobre los trípodes hacían posible que multitud de personas de clases humildes pudieran tener retrato de sus seres queridos, ya que acudir a un estudio fotográfico era muy frecuentemente demasiado caro para ellos. Así, estos artesanos de la imagen en cierto modo se convierten en verdaderos notarios de la realidad. Honremos, pues, su extraordinaria labor acogiéndolos en nuestra memoria y valorando la labor de los que hoy pretenden darles continuidad en este respetable oficio.

Alberto Prieto

1. Fotógrafo minutero vasco. Autor desconocido.

2. Fotógrafo minutero contemporáneo delante del acueducto de Segovia. Foto El Norte de Castilla-

3. Alfonso-familia

4. Fotógrafo minutero en Plaza de Oriete,
Madrid.Foto Alfonso Sánchez Portela

5. Una sonrisa al fotógrafo, que disparo.
Foto Maximino Reboredo

6. Fotógrafo minutero en playa de Cádiz.
Foto Agencia Efe

7. Mujer hace una foto minutera a un cliente. Fotografía del archivo Alinari

8. Fotógrafos ambulantes en el Portal de la Pau y el Port Vell. c.1925 Foto Wolfgang Weber

9. Fotógrafos minuteros vascos. Autor desconocido.

10. Ángel Cordero Gracia fotografía con su cámara minutera a los socios de la Sociedad Fotográfica de Zaragoza,en el homenaje con motivo de sus bodas de oro. 12 noviembre 1972. Colección José Luis Cintora

11. Pareja de novios posa delante de un fotógrafo minutero. Foto Valentín Vega

II. Imagem e Coesão territorial

FSF
FOTOGRAFIA
SEM FRONTEIRAS

Memoria en la Raya

VICTORINO GARCÍA CALDERÓN

Nacido en Retortillo (Salamanca) en 1953.
Licenciado en BB. AA. por la Universidad de Sevilla, y dedicado a la enseñanza en centros públicos de Salamanca, Alba de Tormes, Toro y Coslada (Madrid).

Exposiciones:
-La Raya Rota.
-Tránsito.
-Cárcel.
-Con Cien Ojos.
-El Silencio del Gigante.
-Sombras de la Memoria.
-El Tiempo y las cosas.
-Soledades.
-Una Mirada Comprometida.

Miembro fundador del Grupo Libre de Fotografía.
Receptor de diversos premios internacionales destacando el recibido al mejor retrato en el País Semanal.
Colaborador en diversas publicaciones de índole fotográfico.

A primera vista el cielo. Y bajo el cielo, el olvido, el inasible olvido que es también el fracaso del Tiempo, el triunfo del silencio. Y luego, como si surgiera de un sueño, la conciencia de estrecharse, de ser menos, de estar perdiendo la vida a golpes de desdén y de ignorancia. No hay ningún paraíso perdido en las brumas del pasado; pero sí pedazos de corazón. Eso contempla el viajero los días sombríos en que el desierto avanza dentro y fuera de estos páramos donde la memoria de las raíces del pasado se debilita y todos entonces nos sentimos un poco más solos. Nadie tiene el derecho de provocar la ruina y mucho menos de legarla. La heredad habría de ser siempre grano germinal que anunciase la esperanza y no indefenso paisaje sentenciado.

Ángel González Quesada.

(Extracto del prólogo de La Raya Rota, año 2.000)

Entre la primera y la última fotografía de estas series han pasado más de 50 años. Hoy no son más que una pequeña muestra de vida pasada y presente a un lado y otro de lo que denominamos territorios rayanos, es decir, esa franja fronteriza a ambos lados de la línea imaginaria que une Portugal con España, dos países hermanos que lejos de los acontecimientos de siglos pasados están destinados a entenderse, comprenderse y convivir en paz y armonía.

Victorino García Calderón.

Victorino García Calderón

Museu da Guarda
15 de abril a 18 de junho de 2023
Dia de Inauguração: 15 de abril de 2023 / Hora: 14h30

LA MEMORIA Y LAS COSAS

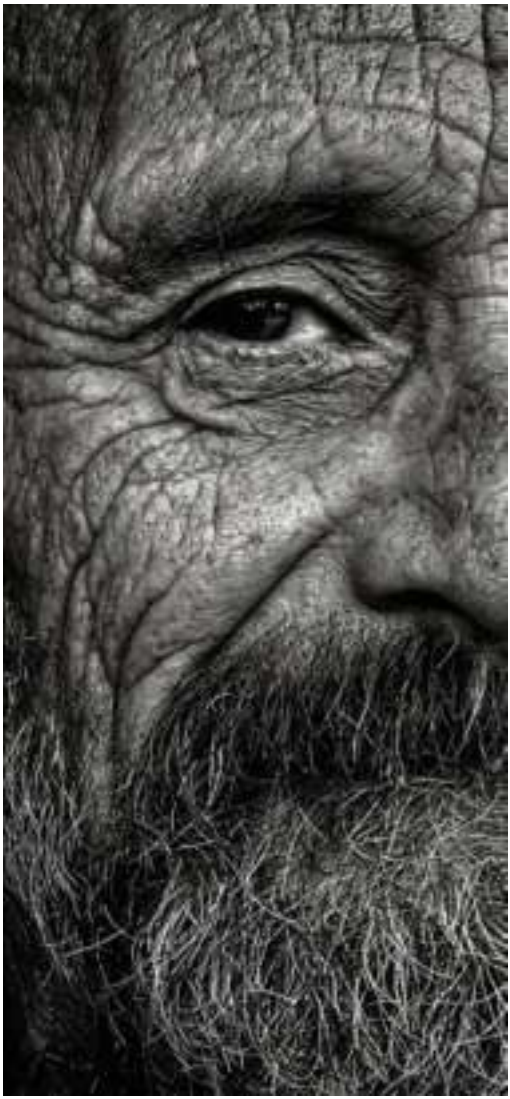
Todas las fotografías de este proyecto han sido realizadas a un lado y otro de la frontera luso-española entre los años 1972 y 2022 en el que la despoblación ha estado y sigue presente como un espada de Damocles que amenaza sistemática y constantemente la configuración de ambas sociedades. Este pequeño estudio fotográfico de los territorios fronterizos es una muestra de tipos, objetos y actividades en declive que, o bien ya han desaparecido o están en trance de hacerlo, convirtiéndolo en un documento que cada año que pasa se torna más valioso para la comprensión de ambos pueblos a caballo entre los siglos XX y XXI, cualidad esta intrínsecamente relacionada con el arte de la fotografía.

LA RAYA ROTA

Este proyecto fotográfico, desarrollado en los últimos años del siglo XX por encargo de la La Biblioteca Municipal Torrente Ballester de Salamanca buscaba una implicación de las sociedades de Portugal y España en la restauración del lazo ferroviario que las unió por el Duero hasta el 1 de enero de 1985 en que "por falta de rentabilidad" se cerró el tramo español desde La Fuente de San Esteban hasta Barca D'Alva; en 1988 se haría lo mismo con el tramo portugués desde Pocinho hasta la frontera. A pesar de los esfuerzos habidos por los ciudadanos de ambos países, a día de hoy aún no se puede viajar en tren desde Oporto a París por esta línea como lo describe este documento gráfico mostrado por primera vez en enero del año 2000.

Agradecimientos

Esta exposición es un homenaje al reciente premio Eduardo Lourenço: Valentín Cabero Diéguez, por su sabio legado y disposición en pos de una Iberia culta y libre. Agradecimiento especial a Francisco Alonso Bringas, ex director de la Biblioteca Torrente Ballester de Salamanca por su inestimable apoyo en los proyectos fotográficos que configuran esta exposición.



Las Cicatrices en la Raya Iberica y la Memoria de “Los Trabajos y los Días”

Se ha interpretado a las fronteras como las cicatrices de la historia y, en nuestra península Ibérica, la Raya entre España y Portugal es un buen ejemplo de larga duración en el tiempo. En sus entornos, otras huellas y marcas de hondo significado merecen nuestra atención. Las fotografías de Victorino García Calderón nos invitan a una reflexión cordial y solidaria con los territorios rayanos.

Las cicatrices dejadas por ferrocarriles olvidados y desmantelados en la raya transfronteriza nos llenan de perplejidad y desasosiego. La mirada del fotógrafo se remonta a mediados de los años noventa del siglo XX, y nos devuelve a unos entornos ya rotos y desamparados por la emigración, por la marginación, o por el desdeño político y cívico, hablándonos dolorosamente de geografías del malestar, de las ausencias y de la soledad. Pero a la vez, esas imágenes nos evocan con melancolía un mundo en movimiento, de campesinos que vienen y van, con sus risas y sus penas, con sus quehaceres diarios, espacios mejor comunicados donde la vida fluye y los territorios conservan un paisaje cultural y humanizado. Nos evocan imágenes de mercados locales, de intercambios comerciales sencillos, a una escala local más humana, cuando se sabía el valor y el precio de las cosas y el trabajo que conllevaban, cuando se conocían las penurias de una sequía, unas lluvias torrenciales o una helada a destiempo y se podían prever sus consecuencias de forma inmediata. Un mundo alejado de las multinacionales que nos gobiernan y tasan nuestros trabajos.

El discurso fotográfico de Victorino García Calderón está profundamente cargado de topofilia y de respeto entrañable por la memoria de hombres y mujeres anónimas, y ligadas desde tiempos inmemoriales a quehaceres vitales en nuestros mundos rurales, que hace muchos siglos un gran poeta griego (Hesíodo) nos los dejó ya bien representados en su obra de referencia: “los trabajos y los días”. Son imágenes para la rememoración y contra la amnesia que nos llevan a lugares apenas recordados en nuestra deriva modernizadora y absorción urbana, o que han quedado preteridos y excluidos en nuestra alienación globalizadora y algorítmica. De algún modo, la pandemia y las crisis que estamos viviendo han quebrado esta desmemoria y nos han desvelado las virtudes y bondades que aún encierran y que pueden redimirnos de nuestro olvido.

Esta mirada fotográfica comprometida con los territorios rayanos y con el olvido de modos de vida de supervivencia familiar y colectiva, son fragmentos de un territorio y de unas vidas, que se nos muestran con toda su fuerza y simbolismo, y nos interrogan sobre nuestra actitud ante los desastres del abandono y la despoblación, ante la pérdida de los vínculos de solidaridad, y ante el olvido más ingrato de modos de vida familiar y colectiva, en medio de pobrezas, austeridades y comportamientos mesurados; unas prácticas seculares de adaptación al medio y de fatigas compartidas, donde lo profano y lo sagrado mantenían ritmos estacionales en los imaginarios colectivos.

Y entre las imágenes, ahí están bien presentes “las mujeres de preto, vestidas de sombra até à alma” (Eugenio de Andrade); y a su lado, tantos microcosmos perdidos – pequeños paraísos de encuentro y de vida- en forma de una fuente o chafariz, de un estanque o lavadero comunitario que conservan el eco de las confidencias y susurros de las mujeres, de una cortina bien cultivada o de un huerto en exuberante plenitud, y ¡ay!, el pan de cada día en una era repleta de mieses. Entonces, el recuerdo de las cosas, de los trabajos y los días, se convierte en memoria del paisaje y de las personas que tan amorosamente lo amasaron, como la hogaza en el horno comunitario.

Valentín Cabero Diéguez
Universidade de Salamanca

Victorino García

Victorino García

FSF
FOTOGRAFIA
SEM FRONTEIRAS

Reflexões em Preto e Branco: A Jornada de um Cine Teatro no Tempo

Pedro Carvalho

Projeto expositivo: **Santiago Santos**

Pedro Carvalho, 53 anos, aluno do IPG em Comunicação Multimédia e atualmente responsável de Tecnologias de Informação na empresa ACI-Guarda.

Nascido na cidade da Guarda, foi fácil apaixonar-se pela cidade altaneira.

Sendo ainda criança, aprendeu pela mão de seu pai a gostar e valorizar a sua terra. A fotografia a preto e branco aparece na sua vida em 1990 na A.J.T.G. durante a 4ª Festa Internacional dos Jogos na Guarda onde teve a oportunidade de aprender a fotografar e a revelar. Só mais tarde, com aparecimento das tecnologias digitais retomou a fotografia pela necessidade de compartir com as pessoas os magníficos espaços que a cidade vetusta oferece. Como fotógrafo amador a fotografia tornou-se-lhe uma paixão que move a sua vontade de aprender e evoluir todos os dias.

A Exposição aborda a degradação do espaço do antigo Cine-Teatro da Guarda e as possibilidades de reutilização e reabilitação de um espaço emblemático da cidade.

Construído no início do século XX, o Cine-Teatro da Guarda foi uma das primeiras salas de espetáculos em Portugal tendo-se tornado num local de privilegiado de encontro e entretenimento da elite da cidade.

De um passado glorioso, quando era o centro da vida cultural da cidade e o palco de grandes produções teatrais, musicais, dançantes e cinema, o Cine-Teatro foi perdendo importância tendo encerrado as suas portas nos anos 80, o que levou ao abandono e consequente degradação do espaço.

Numa abordagem que conjuga fotografias a preto e branco e a cor, o autor aborda a memória do espaço e lança pistas para a sua possível revitalização. O registo de algumas atividades que se realizaram no espaço do Cine-Teatro nos últimos anos são o mote para a reflexão sobre a reabilitação arquitetónica e funcional do espaço, numa homenagem à Memória e à História.

Museu da Guarda
15 de abril a 18 de junho de 2023
Dia de Inauguração: 15 de abril / Hora: 15h00

Pedro Carvalho

Reflexões em preto e branco
A Jornada de um Cine Teatro no Tempo

O Cine Teatro da Guarda é uma das mais antigas salas de espetáculos em Portugal, localizada na cidade da Guarda. Construído no início do século XX, foi originalmente projetado para ser um local de entretenimento para a comunidade local. Durante décadas, o Cine Teatro da Guarda foi um ponto de encontro para as pessoas.

A história desta sala de espetáculos começa com seu passado glorioso, quando era o centro da vida cultural da cidade e o palco de grandes produções teatrais, musicais, dançantes e cinema. As pessoas reuniam-se para assistir a espetáculos emocionantes e para compartilhar momentos inesquecíveis com amigos e familiares. A sala de espetáculos era o coração pulsante da cidade, trazendo alegria e entretenimento para os Guardenses.

Infelizmente, com o passar do tempo, esta foi abandonada e esquecida. Com a chegada do cinema e do entretenimento em casa, as pessoas deixaram de frequentar a sala e ela foi lentamente esquecida. O edifício foi abandonado e deixado às traças, deteriorando-se ao longo dos anos. O Cine Teatro, que fora outrora o orgulho da cidade tornou-se, progressivamente, um símbolo de decadência e esquecimento.

Porém, existe agora uma luz ao fim do túnel para as salas de espetáculos. Com o aumento do interesse na preservação da cultura e da história local, muitas pessoas anseiam ver restaurada a sala de espetáculos ao seu antigo esplendor. Sendo uma empreitada grande e desafiadora, o resultado final seria um espaço cultural vibrante e vital para a comunidade.

A recuperação de cine teatros abandonados pode ser um processo extremamente gratificante e valioso para a sociedade. Além de preservar a sua história e arquitetura única, a sua recuperação pode também revitalizar áreas urbanas e trazer vida de volta para a cultura local.

O primeiro passo para a restauração do Cine Teatro da Guarda já foi dado. Hoje, conta já com telhado e outras intervenções, cujo objetivo impede o avanço da deterioração do mesmo.

Agora, determinar o uso futuro do antigo Cine Teatro é o próximo passo, podendo englobar a realização de apresentações teatrais, shows musicais, exposições de arte, oficinas, entre outras atividades culturais.

A bem da verdade, o nosso Cine Teatro já deu alguns sinais de vida com a realização de alguns eventos quer culturais, quer sociais. Apesar de saber ainda a pouco, está no bom caminho.

O futuro de um cine teatro é incerto e repleto de desafios, mas também é cheio de oportunidades para se reinventar e continuar a ser um local importante para a cultura e entretenimento. Com a evolução da tecnologia e a mudança nas preferências do público, é necessário que os cine teatros se adaptem para sobreviver e prosperar.

Além disso, o seu futuro incluirá também a diversificação do tipo de conteúdo apresentado. Enquanto as tradicionais sessões de cinema continuarão a ser um componente importante, haverá uma crescente demanda por eventos ao vivo, como concertos, peças de teatro e espetáculos de dança. Isso permitirá que se tornem verdadeiros centros culturais e de recreação.

Em suma, o futuro dos cine teatros é repleto de oportunidades para se adaptarem e prosperarem num mundo em constante mudança. Com a incorporação de tecnologias avançadas, a diversificação do tipo de conteúdo apresentado e a conscientização ambiental, continuarão a ser locais importantes para os cidadãos atuais e para as gerações vindouras.

Como uma imagem vale mais que mil palavras, aqui fica um "registo" ilustrado da "Jornada de um Cine Teatro no Tempo".

Pedro Carvalho

Ruínas – modos de existência

Infinitamente mais do que aquilo que esperamos ser o modo de existência corrente das coisas inteiras e estimadas, são inúmeros e contraditórios os contextos em que o tema da ruína se pode ver ou dar a ver.

Escrevendo sobre a poética da ruína a propósito da pintura exposta em Paris na Grande Galeia do Louvre em 1767, Denis Diderot (1713-1784), o celebrado filósofo e co-editor da Enciclopédia - *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* -, escreveu longamente sobre a estética sublime da ruína como *um grande ruído que se ouve vindo de longe*, o deserto, as cavernas, *o grito dos pássaros nocturnos, o som espaçado do sino que se interrompe e faz esperar, un je ne sais quoi* de terrível e obscuro que nos encaminha para dentro de nós mesmos - *por instantes, a solidão e o silêncio instalam-se à nossa volta. Ficamos sozinhos, desligados do todo a que pertencemos; eis a primeira linha da poética das ruínas*[1]. Ficava assim registado o sentir romântico da poética da ruína, a profundidade do tempo e a efemeridade da existência, a eternidade, a permanência das coisas e, ao mesmo tempo, a sua inevitável erosão e desaparecimento. Para Gustave Flaubert (*Dicionários das Ideias Feitas, escrito na década de 1870*"), as ruínas definem-se como coisas que *fazem sonhar e conferem poesia a uma paisagem*.

Apesar de ainda hoje persistir esta tonalidade metafísica que Diderot dedicava às imagens das ruínas da antiguidade clássica, a paleta diversificou-se com outros regimes de visibilidade e outras simbologias completamente contrárias, denunciando a guerra e a destruição – como nas imagens terríveis da Ucrânia –, ou a maré vaza da utopia moderna da fábrica, da obsolescência acelerada do capitalismo, das falsas ruínas do novo inacabado que nem uso chegou a ter por acrobacias especulativas em que a ganância e o delírio se sobrepuseram a valores e necessidades, produzindo... destroços. Walter Benjamim, usa o comentário ao desenho do Anjo de Paul Klee, para falar da tragédia da história e também da sua condição pessoal de fugitivo do nazismo: ... *do paraíso sopra uma tempestade que lhe enfuna as asas e é tão forte que o anjo já não é capaz de as fechar. Essa tempestade impele-o irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até ao céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso.*

Na versão heróica, a ruína é o memorial de ideais passados-presentes. Na versão Hollyood, são mundos perdidos, tesouros e aventuras. Na versão turística, uma cena linda para fotografar e iluminar à noite. Na versão melancólica, um luto sem perda definida porque de múltiplas perdas. O certo é que, de tantos sentidos ter, se confundem no presente os sentidos das ruínas, porque os tempos correm com excesso de incerteza, por medo do futuro, ou por dificuldades e urgências do presente. Mantendo essa polissemia e o significado vago, a ruína torna-se facilmente colonizável por qualquer sentido, transformando-se num dispositivo de fins múltiplos, de elevado poder simbólico e narrativo ou moralista - para uns, coisa preciosa, para outros, lixo; para uns, celebração, para outros, distração; para muitos, despojos do excesso.

Na arquitectura e no urbanismo, na fotografia e no cinema, nunca se viu tal proliferação*: badlands, wastelands, derelict areas, no man's land, dead zones, urban voids, border vacuums, indeterminate spaces, weak places, without function, empty spaces, errors, cracks, gaps, interstices, unused spaces, junk spaces, temporary autonomous zones, planning faillure, intermediate time--spaces, liminal spaces, transition spaces, fallow land, waiting land, residual spaces, obsolete land, fringes, brownfields*... e os poéticos *terrains vagues* de Ignasi Solà Morales, mais os *não-lugares* que servem para tudo de que não se goste, não se entenda ou se queira falar como quem despeja ácidos.

1 Denis Diderot (1758), *Denis Diderot : Salons III et IV, Ruines et paysages, et Héros et martyrs*. Textes établis et présentés par E. M. Bukdahl, M. Delon, A. Lorenceau, D. Kahn et G. May. Paris : Hermann, 1995.

Nas fotografias de Pedro Carvalho, o edifício do Cine-Teatro da Guarda é um manifesto e uma denúncia sobre o desentendimento – a cenografia da tragédia de um lugar público.

Álvaro Domingues
Professor na Faculdade de Arquitetura
da Universidade do Porto

Pedro Carvalho

Fotografia-conhecimento

Caminhar com uma câmara fotográfica, com o desejo simultâneo de conhecer a terra, a geologia, o coberto vegetal, as marcas, das mais simples às mais variadas e complexas, do povoamento humano. Criar um registo visual, imagético, da maior quantidade possível de elementos, sabendo que é sempre limitada essa capacidade de tudo fotografar. Mas ficarão imagens-metáfora, simbólicas, representativas da realidade visível. Como janelas de infinito que questionam quem sobre elas se debruça, que causam, eventualmente, inquietação, que estimulam formas mais ricas e informadas de interpretar a nossa condição de seres biológicos inseridos numa biosfera de extrema diversidade.

O exercício de uma recolha fotográfica extensiva de um determinado lugar, seja ele natural, rural ou urbano, é, aqui, entendido como um movimento performativo sobre a terra. A marca que deixa é um conjunto de imagens. Há uma experiência de vida, intensa, de concentração, de foco pleno. Ao mesmo tempo é ausência de um quotidiano funcional, de múltiplas respostas a solicitações concretas. Um trabalho disruptivo, contaminado por pensamentos dispersos que abarcam todo o passado vivido, o presente e a projeção do futuro breve. Cada viagem, cada caminhada, é diferente de todas as outras. Há sucessivos sedimentos de memória que dialogam entre si.

O trabalho de mapeamento fotográfico do território, da paisagem e da arquitetura, desenvolve-se, não raras vezes, em exaustão física. A grande quantidade de imagens produzidas resulta da ansiedade de tudo querer fotografar, de não perder nada, tudo registar, quando, simultaneamente, tudo foge, se escapa, como a água que tentamos reter nas nossas mãos. Paradoxalmente, não há um sentimento de perda, tal é o envolvimento, a integração num universo significante, afastado dessa sim, ânsia de resposta a códigos sociais. Habitar, momentaneamente, uma indizível liberdade. Estas palavras são uma aproximação a essa procura, à expressão, à tradução, de uma realidade noutra diferente, mediada.

As fotografias conduzem-nos a um processo de aprendizagem do olhar, da observação. Somos transportados ao conhecimento do mundo, à possibilidade de cruzarmos múltiplos saberes. Ensaiamos formas gráficas de tradução da memória e linguagem que se erguem do caminhar, das fontes, reais e imaginárias, onde fazemos pausas na permanente viagem da vida. Mapas, quadros, diagramas. O que fica para lá das imagens fotográficas, pictóricas. Desenhos dinâmicos a que somos transportados pelo pensamento, pelo desejo de uma síntese clara da condição, individual e simultaneamente coletiva, ancorada na contemporaneidade que habitamos.

Este trabalho fotográfico opera num território híbrido. Por um lado, o levantamento, o registo visual do espaço e do tempo dos lugares. Por outro lado, há um olhar que não é neutro, apesar de um desejo de objetividade. Nada é absolutamente concreto. A fotografia opera seleções do visível, por vezes milimétricas, na alteração de um ponto de vista, que altera drasticamente a significação, a leitura da imagem. Fazer arquitetura com as fotografias, um espaço referencial de partilha e de conhecimento da realidade, para o mundo. A arquitetura assume o carácter simbólico, a súmula de uma condição humana. É o assumir de um passo evolutivo determinante, a construção de um habitat complexo, o corte progressivo com uma natureza intacta, dura, violenta, hostil. No coração de uma cidade, encontramos a força telúrica dos elementos em diálogo, estranhos e poderosos, de um planeta inteiro, de uma casa comum. Na impermanência, na beleza evolutiva dos equilíbrios pontuais de todas as formas da vida, encontramos matéria para continuar.

Fixar a efemeridade da passagem, da visualidade das viagens em fuga. Reencontramos breve, o movimento em campo, na tentativa de tudo fotografar, em que já não é só a luz que se dilui na direção da noite, é também a capacidade física do fazedor, do fotógrafo, que se esgota. Vemos partir algo que já não temos possibilidade de agarrar. Não há a angústia da perda. Serenamente, procuram-se outras soluções para continuar. Quando uma linha se perde, há outras geometrias que surgem. Somos fragmentos em movimento aleatório pelo Universo. A vida é o movimento da matéria em busca de um sentido inexistente.

Duarte Belo
Arquiteto. Fotógrafo

FSF
FOTOGRAFIA
SEM FRONTEIRAS

100gentes

Pedro Baltazar

Pedro Baltazar, nasceu em Celorico da Beira em 1976, o interesse pela fotografia surgiu nos anos 80, nessa época frequentou o curso de iniciação à fotografia do Instituto Português da Juventude.
Em 1994 na Universidade da Beira Interior, onde se licenciou em Física Aplicada Óptica e Optometria, lecionou os cursos de Introdução à fotografia, revelação e ampliação na AAUBI, tendo sido o Fundador do Clube de Fotografia da mesma.
Decorria o ano de 1997 quando iniciou a sua atividade de Fotojornalista no jornal A BOLA, manteve também algumas colaborações pontuais com a agência LUSA, jornal O JOGO e jornal do Fundão.
Membro fundador do FotoClube da Guarda.
Atualmente a exercer optometria em vários consultórios na zona norte e centro.

A exposição 100gentes, reúne um conjunto de fotografias, que pretende retratar o despovoamento do interior norte e centro do nosso Portugal, mais concretamente os distritos da Guarda e Bragança.

Esta exposição contempla 19 fotografias, selecionadas de entre as 100 que englobam este projeto.

Nestas fotografias dá-se ênfase a pormenores do abandono das nossas aldeias, vilas e cidades.

O projeto 100gentes, começou em 2019 e encontra-se neste momento em fase de conclusão, pretende alertar para o fenómeno das gentes que abandonaram o interior norte e centro nas ultimas décadas, uns pela lei natural da vida, outros seguindo novos rumos à procura de uma vida melhor.

As habitações devolutas, as portas fechadas e seladas para sempre, as vendas eternas dos imóveis à procura do comprador que nunca apareceu, são uma constante ao longo desta exposição.

A alternância entre a cor e o Preto e Branco, foi o meio utilizado para tentar chamar a atenção para este tema, de forma a despertar um olhar mais atento e refletido sobre o despovoamento do interior norte e centro do nosso Portugal.

Café Concerto, Teatro Municipal da Guarda
15 de abril a 30 de junho de 2023
Dia de Inauguração: 15 de abril de 2023 / Hora: 21h00

Pedro Baltazar

O drama do despovoamento…

O despovoamento do interior do nosso país é um drama. Realidade em relação à qual não tem havido estratégias adequadas, contínuas e consequentes de modo a evitar o contraste profundo com os territórios do litoral e grandes centros urbanos.

Os fenómenos resultantes do despovoamento conduzem a graves consequências para as populações (sobretudo para as mais envelhecidas) que continuam a viver afastadas dos centros com maiores índices demográficos. Diminui, progressivamente, a população ativa; acentua-se o decréscimo da natalidade e o número de jovens; desaparecem profissões e atividades ligadas à agricultura.

Nas últimas décadas, a tragédia dos incêndios na nossa região tem tornado ainda mais percetível o silêncio sepulcral de muitos povoados, o abandono de terrenos outrora cuidadosamente cultivados e rentabilizados, onde havia o colorido dos ciclos agrícolas e a policromia provocada pelas estações do ano.

Defrontamo-nos, atualmente, com a completa obliteração de antigos espaços de vida e trabalho, com uma progressiva e preocupante degradação ambiental, diminuição da qualidade de vida, com o aumento de pessoas solitárias nos espaços rurais, com a saída de gente para outros lugares, com cenários de ausências definitivas…

E o que vemos por montes e vales do interior, pelos caminhos esquecidos? Desolação, habitações à venda, casas vazias, degradadas, portas encerradas ou esventradas pela destruição do tempo e pelo instinto de vandalismo de alguns forasteiros; muros derrubados, janelas quebradas, telhados caídos, interiores habitacionais transformados em montes de escombros…imagens cruéis de um presente transformado em tristeza e solidão. "*O nosso passado como que se amesquinha na indiferença do presente*", escrevia Miguel Torga.

Contudo, há quem não fique indiferente. Pedro Baltazar, com a sua atitude e experiência de fotojornalista (que já foi), confronta-nos com esta dura e fria realidade do despovoamento. Sebastião Salgado comentou que "*fotografia são símbolos*"; daí que, acrescentava, "*ou você tem uma foto que conta uma história sem precisar de legenda, ou você não tem nada.*"

Pedro Baltazar, com o seu saber fazer, através da sua sensibilidade e mestria técnica, lança o repto de uma reflexão sobre este drama português. "*O difícil em arte é criar-se emoção, sem se mostrar que está emocionado*", tal como escrevia Vergílio Ferreira.

Estamos perante arte e outrossim perante emoção. Alguém pode ficar indiferentes a estas imagens captadas por Pedro Baltazar? Achamos que não.

A nossa melhor resposta é recebermos e divulgarmos a mensagem que nos é transmitida, assumindo o nosso papel enquanto cidadãos ativos e protagonistas permanentes de uma intervenção cívica, sem tibiezas, em prol de uma luta pelo equilíbrio entre meios rurais e urbanos, num caminho orientado para a sustentabilidade dos nossos territórios.

Esta exposição, por outro lado, materializa o desejo de Pedro Baltazar despertar uma maior atenção para esta temática.

Numa entrevista que publicámos no passado ano, dizia-nos que "*na área da fotografia temos que fazer cada vez mais exposições físicas, a fotografia tem de passar mais para o papel e não ficar*

apenas nos meios digitais". Acrescentava depois que "*o público, em geral, ao ver mais fotografia em papel vai despertar mais para este tema, pois a fotografia em papel é muito mais apelativa.*"

As excelentes fotos expostas – selecionadas entre as 100 que integram o projeto 100gentes – confirmam isso mesmo. E porque, como já Confúcio lembrava, "*uma imagem vale mais do que mil palavras*", concluo estas breves anotações, sem deixar de lembrar palavras de Vergílio Ferreira: "*a fotografia realiza o impossível de se apoiar no real e de o dissolver na própria aparência*".

Helder Sequeira

Pedro Baltazar

Espacios rurales transfronterizos en tiempos de mudanza

El devenir de los espacios rurales ha caminado por la senda de la pérdida de población, el envejecimiento y el abandono, y la frontera entre España y Portugal no ha sido ajena a este proceso. Desde mediados del siglo pasado de forma ininterrumpida los habitantes rayanos han sido subyugados por el litoral y por las ciudades, donde radica la actividad industrial y los servicios que ocupaban a aquellos jornaleros expulsados por la mecanización de las actividades agropecuarias y por la baja rentabilidad del sector primario, o a aquellos otros atraídos por la idea de una mejora económica.

La precariedad de la vida en el campo ya había llevado a la emigración allende nuestra Península Ibérica a algunos vecinos cuya memoria permanece en los muros desvencijados de lo que fueron sus casas. En La Vídola (Salamanca), no muy lejos del curso fronterizo del Duero-Douro, aún se lee "DE ESTA CASA SALIERON LOS PRIMEROS A BUENOS AIRES FRANCISCO LÓPEZ E ISABEL LÓPEZ EL 11 DE NOVIEMBRE DEL AÑO 1901". Esta memoria viva se va desvaneciendo cuando las casas se cierran, los candados se oxidan, los techos se derrumban y las puertas y ventanas se quiebran. Son el testimonio que grita la ruina demográfica del interior peninsular y en especial de la Raya Ibérica.

El proceso emigratorio hunde sus raíces en la historia, pero si partimos de principios del siglo pasado se marcan algunas fases. Primero se fue hacia la América hispánica y portuguesa, como se ha apuntado. Luego se sale camino de la Europa de la postguerra necesitada de mano de obra; los que se fueron regresan en vacaciones y llenan de acento francés los pueblos y a cambio en Francia y también en los Países Bajos, en Bélgica o en Alemania se escucha el portugués, el gallego, el castellano. En los años 60 y 70 el gran éxodo rural adelgaza las poblaciones rurales y engorda las ciudades y, cuando el proceso parecía haber tocado fondo, se reanudan con fuerza las salidas a finales del siglo XX con una intensidad en términos relativos semejante a los de cuarenta años atrás. Y siempre se van los jóvenes, y más mujeres que hombres, y así el medio rayano pierde vitalidad: quedan viejos, faltan niños y los servicios y equipamientos públicos se esfuman.

En los últimos años el freno a la emigración no ha paralizado el proceso de pérdida de habitantes, pero desde el inicio de nuevo milenio el censo se retrae cada vez de manera más acusada por la elevada mortalidad -por larga que sea la vida, se apaga- no compensada por la natalidad; a falta de jóvenes y de mujeres, los mayores de 65 años sobresalen en la pirámide etaria y como corolario apenas hay un nacimiento por cada tres o cuatro que fallecen; las tasas de mortalidad superan el 15‰ mientras las de natalidad con dificultad llegan al 5‰ y en numerosos pueblos y freguesias no nace un solo niño en varios años.

Algunos datos de la evolución demográfica: en los concelhos portuguesas que lindan con Castilla y León y en las comarcas agrarias rayanas de Zamora y Salamanca vivían en 1960 un total de 381.538 habitantes que en solo 10 años quedaron cifrados en 288.134; el siglo XXI inicia su andadura con 192.866 personas viviendo en la frontera, de ellas, dos décadas después, solo permanecen 150.810. La pérdida de población ha sido constante en Portugal y en España pero con mayor intensidad en el lado español, de donde se han ido más de una cuarta parte de los habitantes que había en 2001 mientras en Portugal el retroceso se cifra en un 17%. En cifras absolutas, en 2021 la frontera acoge 42.056 personas menos que dos décadas antes; de ellas 17.828 han dejado los concelhos y 24.231 las comarcas rayanas de la parte española. El retroceso poblacional ha dejado la densidad en 9,5 hab/km^2, inferior al umbral crítico de los 10 hab/km^2 que marcan la despoblación y la pérdida de la gestión sostenible del territorio por parte de la población local. Además, la media de la frontera esconde una clara disimetría entre uno y otro lado de la raya, pues los 15,2 hab/km^2 de Portugal duplica con creces los 6,3 hab/km^2 de España.

La cara amable de la demografía en la raya es la elevada esperanza de vida al nacer, que supera los 84 años y está por encima de las medias nacionales. El envejecimiento es notable y los octogenarios cada vez tienen una mayor presencia, las condiciones naturales y el ritmo sosegado del espacio rural se alían con la salud, un bien preciado, y favorecen que la vida se alargue. El reto que la población mayor siga disfrutando en su casa, en compañía de sus vecinos y con

las atenciones necesarias sustentadas por unas políticas públicas, que doten de los servicios precisos y atraigan población joven dispuesta a arraigar en estas tierras. Un cambio que evite la salida de estos grupos etarios, por soledad o por la necesidad de cuidados, y engrosen una nueva emigración.

El presente no ayuda a pensar en la vuelta a una población caracterizada por la juventud, con una recuperación de la densidad y niños correteando por las calles, pero sí alienta la ilusión de un freno a la sangría poblacional en base a que los hijos del pueblo permanezcan en él, lleguen algunos inmigrantes y que nuevos equipamientos garanticen unas condiciones dignas y una viabilidad económica. Creemos que el abandono mudará en permanencia y que las trancas cederán su sitio a unas puertas abiertas a la esperanza.

María Isabel Martín Jiménez
Professora da Universidade de Salamanca

Pedro Baltazar

A fotografia na promoção da Geodiversidade

Vista como um sistema de suporte à vida e de regulação maior das condições ambientais do Planeta ou como um "simples" elemento económico ou cultural para os seres humanos, a Natureza, biótica ou abiótica, sempre mereceu a atenção, a valorização, o respeito e a afeição das Comunidades Humanas. É certo que no processo histórico de apropriação territorial que, progressivamente, caracteriza o desenvolvimento socioeconómico, muitos usos foram claramente exagerados, demasiados abusos foram cometidos, algumas mutilações deixaram danos irreparáveis, mas a Natureza, mesmo ferida, continua a cumprir o seu papel de suporte, de regulação, de aprovisionamento e de cultura para todos nós. A Gaia, no sentido que lhe foi dado por James Lovelock, o da Terra vista como um organismo vivo, com os seus sistemas funcionais e de regulação, os seus tempos longos de funcionamento, as suas maleitas e as suas reações[1], mais não é do que o reflexo, à escala planetária, dos efeitos biunívocos das relações, quase nunca harmoniosas, da atividade humana com a Natureza.

Precisamos, então, mais do que utilizar a Terra e a sua Natureza como recurso de consumo imediato e como bem de uso comum, de as vermos como o outro lado da nossa existência, como o nosso local de vida, como a casa comum, que queremos salvaguardar, proteger e conservar, para transmitir aos vindouros na perspetiva intergeracional que nos deveria regular enquanto seres inteligentes.

Neste modo de pensar a Terra e a sua Natureza, habituámo-nos a valorizar o nosso ambiente próximo, que queremos sempre limpo e saudável, bem como os valores patrimoniais que as representam. Mas fizemo-lo, porventura, um pouco ao contrário… Ao valorizarmos o património que nos cerca e que integra o nosso ambiente mais próximo ou mais distante, andámos, quase sempre, do património cultural para o património natural e, dentro deste, do património da natureza biótica que representa a biodiversidade, para aquele é significativo da natureza abiótica ou seja da geodiversidade[2].

Apesar do valor, do respeito e do significado cultural que a superfície da Terra e a sua diversidade abiótica nos merecem sobre diferentes pontos de vista que vão do utilitário e económico ao científico e pedagógico, apenas nos finais do século XX os estudos sobre a importância da geodiversidade, do geopatrimónio, da geoconservação e do geoturismo se desenvolvem e se preocupam com os mecanismos de conservação dos elementos geopatrimoniais, que concentram sobre si próprios os valores maiores da geodiversidade.

No entanto, apesar de recentes, as preocupações manifestadas pelos investigadores da área das Ciências da Terra, seja na inventariação, geoconservação e divulgação do Geopatrimónio, seja na criação e validação pela UNESCO de inúmeros geoparques, um pouco por todo o Globo e também em Portugal, os estudos e as diferentes iniciativas de divulgação têm dado os seus frutos, e entre eles, conta-se a decisão do Conselho Executivo da UNESCO, tomada em 16 de Abril de 2021, de instituir o Dia Internacional da Geodiversidade, que foi celebrado, pela primeira vez, no dia 6 de Outubro de 2022 (CUNHA et al., 2022)[3].

Não cabendo nesta pequena e despretensiosa nota uma discussão sobre o conceito, o valor económico e ambiental e o significado cultural da geodiversidade e dos seus elementos mais

1 LOVELOCK, J. (1995) – Gaia – Um novo olhar sobre a vida na Terra (3ª ed.; trad.). Edições 70, Lisboa, 163 p.

2 GRAY, M. (2004). *Geodiversity: valuing and conserving abiotic nature*. Ed. John Wiley & Sons, Ltd, Chichester, Inglaterra.

3 CUNHA, L.; NUNES, A.; DIMUCCIO, L.; PAIVA, I.; FIGUEIREDO, A.; VIEIRA, A.; GOMES, A. A. e FORTE, J. (2022) - CEGOT e Departamento de Geografia e Turismo comemoram o 1º Dia Internacional da Geodiversidade (6 de outubro de 2022). Cadernos de Geografia, Coimbra, 45, pp. 117-122.

significativos e mais valiosos, que constituem o geopatrimónio, importa refletir um pouco sobre a importância dos processos de divulgação, valorização e monitorização e sobre o papel que a imagem, particularmente a imagem fotográfica, detém nestes processos, independentemente do valor estético que tenham os objetos em análise. Nesse sentido, retomamos um texto de 2016[4], sobre o significado da imagem fotográfica nos processos de análise, avaliação, conservação divulgação, valorização e monitorização da geodiversidade e do geopatrimónio.

Como referimos já (CUNHA, ob. cit.), quando estudamos e quando divulgamos o Geopatrimónio, seja o património geológico, sejam os patrimónios geomorfológico ou hidrológico, é através da imagem, e quase sempre da imagem fotográfica, que se dão a conhecer e se valorizam os elementos minerais, as rochas, as suas estruturas, os fósseis, as formas de relevo e os corpos de água, nas suas associações, interações e representações a diferentes escalas. Neste processo, a fotografia desempenha o importante papel de uma leitura que, sendo científica e pedagógica, é ao mesmo tempo cultural e socialmente interpretada, sobrepondo-se à leitura mais fria e objetiva das formas, das cores, das dimensões, das texturas e estruturas, bem como dos seus complexos arranjos paisagísticos que valorizam científica, utilitária e culturalmente o geossistema e o geopatrimónio presentes. A fotografia dá-nos também conta ou funciona adicionalmente como impulsionadora de sentimentos resultantes de uma apreciação coletiva que mistura o papel da Terra e da diversidade abiótica com as tradições mais ou menos ancestrais dos seus usos e, mesmo, com elementos místicos (por vezes até religiosos), mais ou menos vividos ou percebidos pelas populações. Como referimos já, altas e íngremes montanhas, planícies abertas e de largas vistas, praias douradas, cavernas sombrias, lagoas de água tranquilas, mais do que formas de relevo interpretadas pela ciência, assumem-se como patrimónios coletivos, em que a imagem é fundamental, quer na divulgação, quer no próprio processo de patrimonialização, o que imputa ao fotógrafo, profissional ou amador, cientista, professor ou simples turista, uma responsabilidade acrescida. Dito de uma outra forma, o fotógrafo passa a ter preocupações de cientista, valorizando os aspetos científicos mais raros, mais singulares ou mais expressivos, para além dos aspetos que subjetivamente merecem a sua atenção, pela beleza e equilíbrio estético ou provocam mais emoção pelo modo como, através dos olhos, entram no espírito de cada um. Se o fotógrafo assume funções de cientista, o contrário também é verdadeiro e quase sempre o professor e o cientista, geólogo, geógrafo ou turismólogo, tem de aprender a ser fotógrafo e a trabalhar como ele, para cumprir a sua função de divulgador e de valorizador dos elementos mais relevantes da geodiversidade, que justificam, em áreas ambientalmente protegidas, em geoparques ou áreas naturais de lazer e turismo, a valorização patrimonial dos territórios.

São muitos os exemplos deste caminho comum entre os estudos da geodiversidade e do geopatrimónio e a fotografia. Usando exemplos já "gastos" de tão utilizados podem ser referidos, entre muitos outros, os livros "Geomorfologia da Gardunha – Figuras e formas graníticas da Serra da Gardunha"[5] e "Património geológico – Geossítios a visitar em Portugal"[6], o primeiro com uma marcha metodológica que parte da fotografia para os estudos do geopatrimónio, o segundo com um percurso de sentido inverso, ou seja que vai dos Estudos sobre geopatrimónio para a fotografia de qualidade que os divulga e valoriza.

Uns e outros destes tipos de obras têm ainda a vantagem, ou se preferirmos a missão, de valorização territorial[7], levando as populações locais à sua identificação e a um sentimento de pertença em relação aos territórios que integram, guardam e se valorizam com os elementos geopatrimoniais fotografados. Em espaços urbanos ou rurais, em espaços de montanha ou de planície, em espaços costeiros ou do interior, a patrimonialização das paisagens e dos seus ele-

4 CUNHA, L. (2016) – Geopatrimónio e Imagem. Iberografias, Guarda, CEI, 12, pp. 121-123.

5 António José da Conceição (2014) - Geomorfologia da Gardunha – Figuras e formas graníticas da Serra da Gardunha. GEGA, São Vicente da Beira, 153 p.

6 José Brilha e Paulo Pereira (2011) - Património geológico – Geossítios a visitar em Portugal. Universidade do Minho, Braga, 137 p.

7 Dois exemplos, entre muitas dezenas de outros, estarão nos livros que associam os estudos territoriais às imagens que os representam e traduzem, tais como:
Belo, D.; Mattoso, J. e Daveau, S. (2011) – Portugal - o sabor da Terra. Temas e debates, 692 p.
Belo, D. e Domingos, A. (2022) - Paisagem Portuguesa. Fundação Francisco Manuel dos Santos, 141 p.

mentos mais caraterísticos é fundamental para esta perceção de grupo, para este sentimento coletivo de pertença, para esta identificação das populações com a sua Terra, a sua Natureza e os seus Patrimónios. E é, neste contexto, que a imagem fotográfica volta a desempenhar um importantíssimo papel. A qualidade da fotografia e o prestígio do seu autor determinam não só o valor estético e artístico da imagem, mas também a intensidade da mensagem que esta passa e do sentimento de pertença e de cumplicidade que será sentido pelo leitor.

Lúcio Cunha
CEI e CEGOT – Universidade de Coimbra

Pedro Baltazar

A Coesão Territorial como Princípio Político e Fantasia Mobilizadora[1]

Coesão territorial: um conceito europeu recente de origem política. Ao contrário do que se poderá pensar, dada a forma recorrente como hoje é invocado, o conceito de coesão territorial é recente e ilustra bem o percurso de expressões que nascem no domínio da política, saltando daí para as políticas públicas e, posteriormente, para o debate científico e para o espaço mediático.

É verdade que antes da consagração da coesão territorial como referencial para a ação pública várias das preocupações que essa expressão acolhe eram já alvo de atenção, há algumas décadas, por parte da academia. É o caso, por exemplo, das assimetrias territoriais, um tema que mobiliza geógrafos, economistas e autores de outras áreas disciplinares em torno das questões do desenvolvimento regional.

Contudo, e tal como a entendemos hoje, a coesão territorial tem apenas cerca de 25 anos. Em termos simples, podemos considerar que foi concebida na segunda metade da década de 1990, teve um período de gestação de cerca de 10 anos, nasceu formalmente em 2007-2009 e desde então tem tido um desenvolvimento normal e expectável, com uma infância tranquila e protegida a que se seguiram algumas crises existenciais próprias da adolescência e da juventude.

Estará hoje a coesão territorial em transição para a idade adulta?

Por um lado, não parece ter ainda atingido uma fase de maturidade. Ao mesmo tempo, no entanto, não é impossível que se venha a confrontar com uma situação de obsolescência precoce dada a habitual volatilidade deste tipo de conceitos. Talvez se possa até afirmar que começam a ser visíveis os primeiros indícios dessa possibilidade, como veremos mais à frente.

Coesão territorial: uma trajetória de afirmação assente em dois pilares complementares. Diversos autores têm analisado com pormenor a origem e posterior evolução do conceito de coesão territorial no contexto das políticas europeias (ver, por todos, Medeiros 2016). O objetivo deste texto é bem mais modesto: tentar perceber o que fazer com ele no futuro próximo.

A primeira referência explícita à ideia de coesão territorial terá sido feita em 1995, na Reunião da Assembleia das Regiões Europeias realizada naquele ano em Antuérpia. O local e o modo de introdução desta questão, refletindo a perspetiva francesa de aménagement du territoire como instrumento de combate às disparidades regionais, irão marcar a sua trajetória futura.

Nos anos seguintes, serão inseridas referências, ainda que genéricas e pontuais, em dois documentos europeus de natureza complementar, um vinculativo, o Tratado de Amesterdão (1997), e outro estratégico, o EDEC – Esquema de Desenvolvimento do Espaço Comunitário (1999).

É a partir destes dois documentos que o debate político e técnico sobre a coesão territorial irá ganhar expressão entre decisores políticos, consultores da Comissão Europeia e dos governos dos estados-membros e, ainda, técnicos das administrações nacionais e regionais.

Ao mesmo tempo, a ideia de coesão territorial começa a mobilizar a atenção de alguns académicos, com destaque para o trabalho pioneiro de autores como Andreas Faludi (2004, 2005a, 2005b, 2007), Simin Davoudi (2005) e Wil Zonneveld e Bas Waterhout (2005).

Durante cerca de uma década a ideia de coesão territorial como princípio político, orientador da ação pública, vai, assim, sendo absorvida, enraizando-se institucionalmente através de um discreto processo de gestação por instituições comunitárias e nacionais que culminará com o seu nascimento formal em 2007-2009.

---

1 In Iberografias. Revista de Estudos Ibéricos, CEI, Nº 18, 2022.

O nascimento formal da coesão territorial como princípio orientador da ação pública não só assenta nos dois pilares anteriormente referidos, como reforça a complementaridade existente entre eles: um, mais ágil e com influência mais direta, de natureza estratégica (Agenda Territorial de Leipzig 2007; Livro Verde sobre Coesão Territorial 2008); outro, menos visível mas mais estruturante, com caráter vinculativo (Tratado de Lisboa, aprovado em 2007 e em vigor a partir de 2009).

A coesão territorial como princípio político nasce, assim, no contexto dos debates sobre o futuro da União Europeia e resulta de um persistente e discreto exercício de *soft power* desenvolvido a partir da Comissão Europeia e de diversos órgãos da UE, com destaque para o Comité das Regiões Europeu, legitimado pelo reconhecimento da natureza tridimensional (económica, social e, agora, também territorial) do conceito de coesão consagrado no Tratado de Lisboa.

Coesão territorial e desenvolvimento integrado de base territorial: uma convergência transformadora? O ano de 2009 é ainda pontuado por um outro importante marco: a publicação do designado Relatório Barca, da autoria do economista italiano Fabrizio Barca, que propõe uma nova perspetiva de desenvolvimento baseada numa abordagem de base territorial (*place-based approach*). O nascimento formal da coesão territorial como princípio político vai, pois, coincidir temporalmente com uma proposta de mudança de paradigma no que se refere às políticas de desenvolvimento regional.

Na verdade, a proposta de Barca (2009) ecoa, quase 30 anos mais tarde, o essencial da mensagem de Friedmann e Weaver (1980), posteriormente aprofundada por autores, como Walter Stöhr (1981, 1984), apoiantes das teorias do desenvolvimento endógeno "de baixo para cima" (*bottom-up*): a necessidade de as políticas de desenvolvimento regional substituírem o paradigma funcionalista, até então prevalecente, por um paradigma territorialista. Isso significaria, nomeadamente, abandonar as políticas redistributivas a favor das regiões menos desenvolvidas, substituindo-as por políticas baseadas na potenciação e dinamização dos recursos endógenos de cada região.

A proposta de Barca corresponde a uma espécie de atualização da mensagem de Friedmann e Weaver. Essa ´atualizaçãò é particularmente relevante por duas razões: por um lado, pela rutura que introduz, já que a política de coesão da União Europeia foi concebida numa ótica redistributiva, centrando-se no apoio às regiões menos desenvolvidas; por outro, porque as ideias de Barca se cruzam com outros debates então em curso no contexto da União Europeia, nomeadamente sobre policentrismo e coesão territorial.

A visão de desenvolvimento integrado de base territorial que Fabrizio Barca propõe introduz inflexões importantes em relação às políticas de desenvolvimento regional então prevalecentes tanto ao nível da União Europeia como dos seus vários estados-membros. Em primeiro lugar, defende aquele autor, as políticas de desenvolvimento regional justificam-se para todas as regiões e não apenas para as regiões menos desenvolvidas. Em segundo lugar, devem levar em conta a diversidade de tipos de territórios existentes (áreas transfronteiriças, sub-regionais, urbanas, etc.), não se cingindo a espaços administrativos. Finalmente, deve ser atribuída uma importância central a três dimensões: cooperação entre diferentes atores (públicos e privados); coordenação horizontal e vertical de políticas (territoriais e setoriais); e governança multinível, entre distintos níveis administrativos, e de base territorial, entre atores com presença ou intervenção num mesmo território.

Compreende-se que, neste contexto, as designações ´territóriò e ´desenvolvimento territorialò tendam a substituir, ou a subsumir, as expressões ´regiãò (demasiado associada a espaços de natureza administrativa) e ´desenvolvimento regionalò (excessivamente conotada com políticas de natureza redistributiva orientadas para as regiões menos desenvolvidas).

Que fazer com o conceito de coesão territorial? Talvez a conclusão principal a retirar da ampla bibliografia existente sobre este tema. Não cabendo referir a vasta produção científica publicada neste domínio, justifica-se, ainda assim, recordar que os autores portugueses não têm estado

ausentes desse debate internacional (por exemplo, Santinha 2014; Medeiros 2016 e 2019; Marques, Saraiva, Santinha e Guerra 2018). seja a da inutilidade de tentar encontrar um conceito preciso, único, de contornos positivistas, que é possível impor rigidamente através de mecanismos verticais de comando e controlo ao nível europeu e em cada um dos estados-membros.

Isso não significa desvalorizar a coesão territorial como princípio político, nem menorizar a importância da sua consagração no Tratado de Lisboa como elemento constitutivo do conceito de coesão, juntamente com as dimensões social e económica. Na verdade, a inexistência de uma definição científica de coesão territorial à nascença não resultou de qualquer falha ou incapacidade. Ela foi uma condição para a sua aceitação política por todos os estados-membros da União Europeia.

Assim sendo, importa manter alguma flexibilidade e, sobretudo, a sua natureza de fantasia mobilizadora, isto é, um objetivo utópico capaz de funcionar como um horizonte estratégico desejado, motivador e inspirador.

O debate da coesão territorial encarada, simultaneamente, como princípio político e fantasia mobilizadora aconselha a adoção de uma perspetiva mais construtivista e exige um esforço sistemático de inscrição deste desígnio em múltiplas agendas, políticas e estratégias.

Talvez o debate mais relevante seja, então, sobre o ´comò , levando em conta a relativa especificidade de condições político-administrativos, institucionais e culturais existentes em cada caso, e não tanto sobre ´o quê`, já que essa definição se vai fazendo de forma contextualizada e por ajustamentos sucessivos a partir de um referencial enquadrador preexistente, dinâmico mas não desformatável no que à sua essência diz respeito.

João Ferrão
Instituto de Ciências Sociais
Universidade de Lisboa

III. Imagem e Coesão social

FSF
FOTOGRAFIA
SEM FRONTEIRAS

Além das Nossas Fronteiras

Coletiva de Jovens da Aldeia SOS da Guarda

Mentoria: **Luísa Ferreira**

A ideia de superar fronteiras, esbater assimetrias e promover a coesão económica, social e territorial tem orientado, nas últimas décadas, algumas políticas públicas e vários programas de ação. Aqueles princípios foram assumidos pelo Centro de Estudos Ibéricos para lançar projetos e dinamizar iniciativas em parceria com atores locais e regionais representativos de diferentes segmentos de população. Além das nossas fronteiras, que resulta da cooperação profícua com a Aldeia SOS da Guarda, concretiza um desafio lançado aos jovens para efetuarem uma mostra de fotografia nos Encontros Imagem & Território. Trata-se, pois, duma iniciativa especial que, além da experiência que facultou, permitiu, através da fotografia, um diálogo entre jovens de universos diferentes, que nos mostram realidades tão distintas quanto as paisagens rurais da Guarda ou das favelas do Rio de Janeiro.

O título sugere que, para nos superarmos, importa ir além dos parcos limites que, por vezes, voluntária ou involuntariamente, acabam por se nos imporem. O caminho que foi feito permitiu andar, ver e conhecer espaços desconhecidos, ir a lugares próximos, mas tão distantes, tomar consciência da ambivalência das fronteiras: ora nos surgem como referências fundamentais para regularmos a nossa geografia vivida outras vezes impõem-se drasticamente como muros, reais ou imaginários, tantas vezes artificiais, que urge permeabilizar, esbater, derrubar. A singularidade da experiência e a sensibilidade dos participantes no processo criativo, dos jovens à respectiva mentora, encontram-se plasmadas numa mostra onde o percurso e o aprendizado é bem mais importante que a estética inerente a qualquer fotografia. O processo, o caminho percorrido e a participação foi, neste caso particular, tão importante como o resultado. Porque, como sabemos, chegamos sempre aonde nos esperam.

Galeria de Arte, Teatro Municipal da Guarda
22 de abril a 2 de junho de 2023
Dia de Inauguração: 22 de abril / Hora: 17h00

Jovem da Aldeia SOS da Guarda

Olh(arte) sobre o incerto

"Deus quer, o homem sonha, a obra nasce."
Fernando Pessoa

A palavra Arte (ar-te) vem etimologicamente do latim ars, artis, maneira de ser ou agir, conduta, habilidade, ciência, talento, ofício. Segundo o dicionário online Priberam da Língua Portuguesa, mesmo sendo um conceito abstrato cheio de saber e de história, diz-nos que é a ***"****capacidade ou habilidade para a aplicação de conhecimento ou para a execução de uma ideia."*

Desafiar jovens com um percurso de vida tumultuoso, vulnerável, sem as mesmas oportunidades de um olhar crítico sobre a beleza que a vida nos dá ou que se cria, foi preciso arte para que isto fosse possível acontecer! Jovens que ultrapassaram *"Além das Nossas Fronteiras"* -nome da exposição deste projeto fotográfico-, com uma mão segura (equipa) que apoia, que ajuda, que dá tranquilidade nesta caminhada de alguns meses, ao encontro da beleza perfeitamente imperfeita que é a imagem, com significado, com cor, com dor, com histórias e estórias. Esta simbiose perfeita entre o *"eu"***,** o olhar e a realidade observada. Ao cultivar este olhar sobre o mundo foi possível dar uma nova experiência ligada às emoções, aos sentimentos, às sensações, aos pensamentos e filosofias individuais e coletivos. Dar uma nova forma de comunicar, com outras ferramentas, onde foi possível transmitir, oferecer, dar algo ao observável para transmitir anseios, medos e relações. É neste conjunto de alicerces que nasce/nasceu a arte (imagens fotográficas na natureza) numa ligação infindável e indelével com o ser humano.

Para além do objetivo final, exposição fotográfica, a arte no seu todo e a fotografia em particular foi um culminar, na vida destes jovens, para uma nova roupagem de uma expressão humana, foi como "Quem quer passar além do Bojador, Tem que passar além da dor" FP . Foi uma transformação.

Acreditamos que este projeto contribuiu em muito para a reflexão de cada jovem, quer a nível individual como a nível global. A arte é sempre inspiradora, tanto para os olhos como para a alma.

Daniel Lucas

Jovem da Aldeia SOS da Guarda

Luísa Ferreira

FSF
FOTOGRAFIA
SEM FRONTEIRAS

Topografias da paisagem social

Luísa Ferreira

Luísa Ferreira (Lisboa, 1961). Fotógrafa independente, Mestre em Design e Cultura Visual – Estudos de Fotografia, pela ESD/IADE-U (Lisboa, 2011). Começou a fotografar em meados dos anos 1980. Integrou a equipa de jornalistas fundadores do jornal PÚBLICO em Dezembro 1989, fotografou para a agência de notícias norte americana Associated Press (1986-1998). Recebeu o Prémio Autores 2019, Artes Visuais, Melhor Trabalho de Fotografia pela sua exposição branco, na Galeria Monumental (2018). O seu último livro publicado foi a "A Ciência Cura: o conhecimento no combate ao COVID19 em Portugal" (Março-Junho 2020). Prepara doutoramento na FCSH, Universidade Nova de Lisboa.

A Cidade e os seus habitantes são temas centrais do seu trabalho em que reflete uma consciência social e política sobre a actualidade.

http://luisaferreira.com/

Desenvolvida a partir do mote "Imagem e Coesão Social", a exposição é o resultado de um projeto de recolha e interação que teve lugar no concelho da Guarda, nos meses de janeiro e fevereiro de 2023 e que retrata a paisagem social da "Guarda invisível". Séniors, utentes de instituições de solidariedade social, comunidades migrantes e cidadãos que habitam estes lugares integram uma topografia que procura, através de um olhar subtil, dar visibilidade e contribuir para a inclusão e a coesão social.

O projeto foi possível pela abertura e colaboração de instituições e pessoas que permitiram a concretização desta série de fotografias. Importa prestar público agradecimento à Casa de Saúde de Bento Menni, à Fundação João Bento Raimundo, à CERCIG, à Associação de Estudantes dos PALOPS, ao Projeto "Tu decides" do NDS Guarda, ao Lar de Videmonte e a todos as pessoas que sorriram para a câmera fotográfica da Luísa Ferreira.

Galeria de Arte, Teatro Municipal da Guarda
22 de abril a 2 de junho de 2023
Dia de Inauguração: 22 de abril / Hora: 17h00

Luísa Ferreira

Olhar com olhos de ver

Luísa Ferreira cita Eduardo Lourenço: "Mais importante que o destino é a viagem". E assim demanda terras da Guarda em passo ritmado, olhando com olhos de ver. Retém lugares subitamente multiétnicos, gente que a providência não terá favorecido com a melhor face da moeda e, ainda, homens antigos de famílias antigas – mas sós.

Tranças pretas esvoaçam na larga praça como se o carrossel tivesse descido à cidade.

Olha, ali em baixo esbatem-se hortas desenhadas por mão firme e recorta-se a imagem de cavalos pastando para além do logradouro de prédios modestos.

A marcha desconhece etapas, é como a vida que se faz de um fôlego; a Guarda mantém a posição, a arte move-se para o exterior. Alcançam-se pedras enormes, em pose cimeira, vigiando montes e vales. Eis a natureza bruta, tenazmente resistindo.

Em todas as viagens se avistam uma ruína de templo e muros antecedendo um abrigo.

Uma porta de ferro forjado em Arte Nova assiste à passagem das ovelhas – não há como uma bochecha de granito ou um amável e alvo rebanho para oferecer o contraste devido ao verde viçoso das pastagens.

O Sol aquece o frio, é certo, mas já vai tempo de recolher a casa, franquear as portas que se reinventam.

A mesa é posta entre paredes graníticas e em seu redor abrem-se sorrisos amplos ao suave entardecer.

Na cozinha as mãos trabalham, mexem, misturam, significam.

Quem se recorda dos seus ancestrais? Talvez o homem parecido com o seu avô, cujas feições lembram um trisavô.

A menina de dentes-marfim ouve o pai invocar os distantes aromas de África, por ela nunca sentidos, e o seu cabelo azeviche projecta-se no muro granítico.

Por fim, um ancião diz à artista:

"Quero contar-lhe a minha história!".

Rui Cabral

O essencial é invisível ao nosso olhar [1]

Se deambularmos erraticamente pelas páginas dos municípios (e até de algumas freguesias) do interior do país, ficamos surpreendidos pela quantidade de iniciativas que mobilizam a população das aldeias. Ao longo de todo o ano, as agendas culturais, desportivas ou gastronómicas estão recheadas de concursos, festivais, feiras, torneios, cerimónias, mercadinhos, festas, excursões, récitas, desgarradas, bodos e outros programas que envolvem essa população.

Por trás dessas iniciativas é de crer que esteja muito trabalho, muita capacidade de organização, muita entreajuda e muito brio. E assim é. Vendo de mais perto, ou seja, acercando-nos do quotidiano das aldeias, podemos compreender como é possível em territórios abandonados, envelhecidos e decadentes haver dinamismo e ação coletiva pujante por parte dos grupos e organizações locais. Mas para isso, temos de pôr de parte os critérios de medição da produtividade dos territórios e do empreendedorismo das suas gentes, caros aos economistas e decisores políticos, e olhar para aquilo que exprime melhor o universo rural: a persistência de uma economia popular de trocas fortemente associada a um quadro institucional feito de usos e costumes, crenças religiosas e culturais, ou redes de sociabilidade primária, que influencia a tomada de decisões em sentido distinto do da mera acumulação de riqueza.

Um estudo promovido pela ANIMAR, há poucos anos atrás, deu-nos conta das condições em que as aldeias podem contrariar as tendências para o declínio e a desertificação, tornando-se sustentáveis e ativas economica, social e culturalmente, pelo simples uso do capital social constituído pelas relações de comunidade, redes horizontais e verticais de solidariedade, orgulho identitário e amor pelo rincão natal, combinado ou não com oportunidades de mercado[2].

Existem em muitas dessas aldeias recursos preciosos que conseguem mobilizar a comunidade ou setores significativos dela: desde logo, gente mais jovem e escolarizada, ávida de mudança, gente com experiência de vida mais rica e diversificada, como os emigrantes e os reformados que regressam à aldeia, gente com especiais qualidades de liderança e sentido de comunidade mesmo que nunca tenham saído da sua aldeia, pessoas mais velhas, homens e mulheres cujo papel desempenhado no passado os torna capazes de reavivar as tradições e os símbolos identitários, e também os notáveis ou aspirantes a notáveis locais que querem fazer carreira ou anteveem vantagens pessoais nos projetos. Recursos materiais também existem ou, quando não, eles são reinventados a partir do que é mais abundante: o trabalho gracioso, incluindo o daqueles que estão fora e podem ser convocados para ajudar. Outros recursos, mesmo que escassos, são postos ao dispor da comunidade e multiplicados na ação coletiva, pois tudo se aproveita.

Em muitos outros casos, o impulso veio de fora mas foi incorporado pela comunidade da aldeia e transformou-se num projeto de todos. Mas nem sempre as coisas se passam deste modo. Por isso se torna importante para a avaliação do sucesso destes processos de revitalização das aldeias saber, primeiro, se as mudanças tiveram origem dentro da comunidade ou fora dela e, segundo, se, tendo origem dentro da comunidade, elas se devem à iniciativa de uma elite social ou técnica local ou a uma iniciativa de base alargada envolvendo associações ou grupos informais de pares. A esta última situação – a mais favorável para a coesão interna da comunidade - corresponde um desenvolvimento endógeno de base associativa (com liderança partilhada e concertação de interesses), congregando os diversos agentes (institucionais, económicos) locais para a valorização e promoção do território (pelo turismo, produtos de qualidade, memória e património natural) e para o envolvimento da pequena produção em redes colaborativas ou ações de base cooperativa, por exemplo fomentando a cooperação entre pequenos produtores agrícolas para o abastecimento das instituições sociais ou para a participação em mercadinhos urbanos.

---

1 Este texto tem origem num capítulo do livro "Desenvolvimento Local em Portugal" coordenado por Alcides Monteiro e António Fragoso a publicar dentro em breve.

2 http://www.asas.com.pt/

Situação distinta é aquela em que o impulso para a mudança procede de uma liderança individual forte e legitimada pela experiência, pela competência técnica, pela autoridade carismática ou pelo capital político, capaz de angariar apoios externos. Aqui, os casos mais bem sucedidos correspondem a situações em que se verificou um envolvimento progressivo da população nas responsabilidades e nas decisões**.** Mas, mesmo sem isso, pode ter havido uma melhoria generalizada de bem estar quando, por exemplo, a iniciativa individual desencadeou o processo de revitalização da aldeia, criando emprego e fixando as pessoas, valorizando os recursos endógenos (gastronomia, plantas medicinais e aromáticas, turismo rural, etc.), criando serviços de proximidade, requalificando edifícios e estruturas desativadas, sensibilizando a comunidade para se envolver em novas atividades e, assim, recuperar o gosto de viver na aldeia.

Nada do que fica dito contradiz a afirmação de que o futuro do mundo rural está ameaçado e de que são abundantes os sinais de crise: abandono das terras e das casas, envelhecimento e isolamento das populações, discriminação negativa dos territórios, mercadorização dos recursos locais, incluindo o património. Enfim, o rural tornado em área de negócios.

Não obstante, não se pode ignorar, um pouco por toda a parte, a existência de sinais de renovado interesse pelo rural. Sinais ambíguos, decerto, pois a retórica do ruralismo dá para tudo, mas o modo como algumas aldeias se estão a revitalizar anuncia a emergência de fatores de atração mais baseados na vivência de valores de sociabilidade e ambientais alternativos do que na oferta de um mero espaço de recobro temporário para o stress urbano. Assim os nossos olhos e as lentes das câmaras fotográficas o queiram ver.

Pedro Hespanha

Luísa Ferreira

Mudanças na Geografia da instalação de imigrantes em Portugal: diversidade, dinamismo e desafios na composição demográfica das cidades médias e das regiões de baixa densidade

Entre 2011 e 2015, verificou-se um período de retração nas entradas de imigrantes associado à crise financeira e à política austeritária que levou a população estrangeira legalmente residente em Portugal a reduzir-se de 435 000 para 384 000 pessoas. A partir daí, com a recuperação social e económica, o crescimento foi retomado e este contingente demográfico aumentou mais de 80% em 6 anos, atingindo cerca de 700 000 indivíduos, o que corresponde a quase 7% dos residentes no país.

Mas este enunciar de factos numéricos e frios só ganha verdadeiro interesse quando interpretamos o seu significado social, económico e político num país extremamente envelhecido em que várias estimativas populacionais preveem uma retração de 20% ou 30% dos residentes num horizonte de 40 ou 50 anos, se não ocorrer um saldo migratório claramente positivo[1]. Mas as consequências deste inverno demográfico já se vão sentido, como atestam os défices de mão-de-obra verificados em muitos ramos de atividade ou o incremento dos gastos com o subsistema de pensões da segurança social, que necessita da comparticipação de uma população ativa numerosa e produtiva para assegurar a sua sustentabilidade no quadro da necessária solidariedade geracional. E se o envelhecimento não deve ser encarado de um modo dramático, mas antes como um processo social que justifica um ajustamento enriquecedor, a verdade é que um ritmo muito acelerado deste associado a um forte declínio demográfico representa perdas em termos de capacidade inovadora, criatividade, animação e qualificações renovadas, elementos absolutamente necessários para o desenvolvimento do país, que têm de ser combinados com componentes essenciais de experiência e de memória. É por tudo isto que os imigrantes são fundamentais para a demografia, a economia e a sociedade de Portugal, que para se afirmar como país tem, em simultâneo, de ser capaz de valorizar os elementos culturais endógenos e de incorporar as dimensões de cosmopolitismo e diversidade cultural que caraterizam as sociedades contemporâneas mais avançadas e as projetam num mundo globalizado.

E se à escala do país a importância dos imigrantes é inquestionável, é nas suas regiões que esta se manifesta de forma mais próxima e evidente. Efetivamente, um dos aspetos mais significativos e diferenciadores da última vaga imigratória diz respeito à sua maior dispersão pelo território nacional, registando-se presenças cada vez mais relevantes fora dos espaços "tradicionais" de fixação (e.g. Área Metropolitana de Lisboa e Algarve), que incluem quer a Área Metropolitana do Porto, quer cidades médias, quer lugares mais pequenos localizados nos denominados territórios de baixa densidade. Por exemplo, a faixa litoral correspondente aos distritos do Porto, Braga e Viana do Castelo viu a sua população estrangeira multiplicar-se duas vezes e meia entre 2015 e 2021. Cidades médias como Viana do Castelo e especialmente Braga assumiram particular protagonismo neste processo, uma vez que conjugam um conjunto de fatores de atração significativos: bacias de emprego mais alargadas e diversas, uma série de amenidades sociais e culturais que estimulam a fixação de população e custos de habitação mais reduzidos num quadro de incrementos muito significativos neste domínio, cujos impactos têm sido maiores nas duas principais metrópoles e no Algarve. Mas também regiões com outras caraterísticas, como o Baixo Alentejo ou a Beira Baixa viram a sua população estrangeira mais do que duplicar no período em referência. Nestas áreas, marcadas por maior envelhecimento, os significativos défices de mão-de-obra nas atividades agrícolas constituem um importante fator de atração de imigrantes, emergindo o município de Odemira, conhecido a nível nacional, como um paradigma deste processo. Mas se a produção de bagas e frescos em estufas constitui a atividade que leva os imigrantes não europeus, hoje sobretudo provenientes de países da Ásia do Sul, como a Índia ou o Nepal, para Odemira, as campanhas da azeitona ou da uva conduzem-nos para outras

1 A este propósito ver, por exemplo, Peixoto, J.; Craveiro, D.; Malheiros, J. e Oliveira, I.T. (eds.) (2017), *Migrações e sustentabilidade demográfica*. Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos.

regiões do Alentejo e a produção de legumes e frutas em pomares justifica a sua instalação na Região Oeste.

Na região beirã, espaços de agricultura de mercado, moderna e dinâmica como a Cova da Beira e sobretudo a Campina da Idanha também estão a atrair imigrantes com origens na Ásia do Sul. Mas a população imigrante do interior centro de Portugal não se compõe apenas destes trabalhadores rurais. Guarda, Castelo Branco, Fundão e outras cidades médias têm acolhido alguns grupos de população refugiada com origens diversas, com certo destaque para a Síria, a África Ocidental e mais recentemente a Ucrânia. Também as atividades da restauração, da hotelaria, do comércio e de outros serviços de muitas localidades do interior começam a empregar cidadãos estrangeiros, sendo cada vez mais comum ser atendido com um simpático sotaque de português do Brasil. Mas há também investidores e profissionais mais qualificados. Desde os comerciantes chineses que a partir de finais do século passado se foram instalando um pouco por todas as vilas e cidades do país, oferecendo produtos em falta a preços competitivos, até aos profissionais de saúde, da área social que inclui as creches e os lares, e do domínio técnico e tecnológicos, são muitos os imigrantes provenientes de diversos países que têm respondido às necessidades de trabalhadores de empresas localizadas em cidades como o Fundão ou Ponte de Sor, ainda no Alentejo, mas "vizinha" da Beira. Há ainda os estudantes internacionais, com destaque para os oriundos dos PALOP, que frequentam as Escolas Profissionais, os Institutos Politécnicos e mesmo as Universidades do interior, como a UBI, que trazem criatividade e animação cultural e económica às cidades, ajudam à internacionalização dos estabelecimentos de ensino e contribuem para sustentar cursos que têm dificuldade em afirmar-se com base na reduzida população jovem das regiões em que se inserem. Por último, também os cidadãos britânicos e da União Europeia residentes em Portugal aumentaram substancialmente ao longo dos últimos sete anos. Se uma parte destes pode ser encontrada no Algarve e nas cidades de Lisboa e do Porto, há outros que preferem instalar-se em espaços mais tranquilos do interior, onde compram e recuperam casas, dedicam-se – em alguns casos - a atividades suportadas por teletrabalho ou desfrutam da reforma, podendo eventualmente beneficiar do estatuto de residentes fiscais não habituais. Isto para não falar nas populações europeias alternativas, que incluem pós-hippies e eco-engajados, que vivem de modo isolado ou em comunidades em vários locais do interior, de Norte a Sul do país.

A presença de imigrantes com tipos e origens muito diversas atinge hoje todas as regiões de Portugal, trazendo um potencial de dinamismo e transformação para espaços e cidades marcadas pelo envelhecimento, a regressão demográfica continuada e, frequentemente, o declínio das atividades económicas. Mas para que este potencial se concretize torna-se necessário ultrapassar um conjunto de desafios que se colocam aos processos de inserção das populações imigrantes em Portugal no seu conjunto, e nas regiões de baixa densidade, como a Beira Interior, em particular. Isto implica atuar em domínios como a garantia de condições de alojamento e vida social justas e condignas, o combate às formas de tráfico e exploração laboral a que muitos trabalhadores provenientes de países do Sul Global com atividade na agricultura têm sido sujeitos, o reforço das estratégias de fixação efetiva destes residentes que implicam reagrupamento familiar, salários justos e acesso a equipamentos sociais e habitação e, também, o desenvolvimento de formas de convivência e interação positiva entre autóctones e imigrantes, algo especialmente importante em espaços onde a chegada de populações estrangeiras culturalmente distintas é mais recente. Contudo, regiões como a Beira Interior, apesar de se poderem considerar periféricas no território nacional, correspondem, na verdade, a espaços bem conectados, sobretudo em termos europeus, entre outros fatores por via dos seus emigrantes, tanto ausentes como regressados. Colocar em contacto as duas experiências de migração internacional, a dos emigrantes portugueses e a dos estrangeiros que atualmente se estão a fixar em Portugal, pode ser um dos processos mais enriquecedores em termos de construção de um diálogo intercultural e da partilha de elementos identitários, designadamente nestas regiões, ditas periféricas e de baixa densidade.

Jorge Malheiros
IGOT – Universidade de Lisboa

Luísa Ferreira

FSF
FOTOGRAFIA
SEM FRONTEIRAS

Com Vivências

Imagens do Povo

Alexandre Silva, Allan Almeida, Diego Lopes, Felippinho21, Gabriel Mothé, Guga Ferreira, Jean Barreto, João Teodoro, Jones, Karla Inajara, Monara Barreto, Pedro Siqueira, RaH BXD, Selma Souza, Vicente Costa, Vitor Melo, Vitória Corrêa

Curadoria: **Rosilene Miliotti**

Jornalista, fotógrafa popular e coordenadora do Programa Imagens do Povo.

OBSERVATÓRIO DE FAVELAS

Imagens do Povo

A mostra coletiva "Com Vivências" reúne imagens de fotógrafas e fotógrafos populares do Rio de Janeiro, no Brasil, e se propõe a refletir o período de recolhimento no auge da pandemia por Covid-19. Ficar em casa? Ir trabalhar? Como se proteger no transporte público cheio?

As distâncias, as crenças, os medos. No início eram tantas dúvidas, até que chegou a vacina e todas essas questões, a dor pela perda de pessoas queridas e o alívio da proteção contra o vírus era traduzida em lágrimas. Foram meses de angústia. Nas periferias não combatemos apenas a doença, mas também a violência policial, a fome, a falta de informação e as fakenews.

As imagens do coletivo Imagens do Povo trazem um pequeno recorte deste recente período e como foi rápido reaprender a conviver com quem amamos, além de dar importância aos pequenos gestos.

Programa Imagens do Povo

O Imagens do Povo é um programa do Observatório de Favelas, organização da sociedade civil brasileira de interesse público e que se dedica à produção de conhecimento e metodologias visando incidir em políticas públicas sobre as favelas e periferias, promovendo o direito à cidade. Aliando técnica fotográfica a questões sociais, por meio de uma percepção crítica, o Imagens do Povo busca contribuir para a criação e visibilidade de novas representações, desconstruindo estigmas historicamente relacionados a territórios periféricos.

Galeria de Arte, Teatro Municipal da Guarda
14 a 22 de Abril de 2023
Dia de Inauguração: 22 de abril / Hora: 17h00

Jean Barreto

Alexandre Silva, Fotógrafo formado pelas saídas fotográficas do "Coletivo Fotográfico Foto Clube Alemão", é morador do Complexo do Alemão e atua na fotografia desde 2010.

Allan Almeida, Fotógrafo formado pelo Escola Vagalume, é morador da Rocinha e atua como fotógrafo desde 2017.

Diego Lopes, Jornalista, fotógrafo e professor. Morador da Zona Norte, atua como fotógrafo desde 2010.

Felippinho21, Roteirista e fotógrafo formado pelo Imagens do Povo, morador da Caixa D'água, Quintino. Atua como fotógrafo desde 2022.

Gabriel Mothé, Fotógrafo autodidata, morador de Itaboraí, atua como fotógrafo desde 2014.

Guga Ferreira, Fotógrafo formado pelo Ateliê da Imagem, especialista em retratos e domínio de flash. Nascido no subúrbio do Rio de Janeiro, mora em Jacarepaguá e atua na fotografia desde 2012.

Jean Barreto, Historiador, arte-educador, fotógrafo formado pelo Imagens do Povo, morador do Complexo da Maré, atua como fotógrafo desde 2017.

João Teodoro, Fotógrafo e artista visual formado pelo Imagens do Povo, é morador de Duque de Caxias, Baixada Fluminense, e atua como fotógrafo desde 2018.

Jones, Professora, arte-educadora e fotógrafa formada pelo Imagens do Povo. Moradora do Complexo da Maré, atua como fotógrafa desde 2019.

Karla Inajara, Assistente social, trançadeira, escritora, fotógrafa formada pelo Imagens do Povo e moradora do Vidigal. Atua como fotógrafa desde 2022.

Monara Barreto, Bibliotecária, Mestre em Ciência da Informação e fotógrafa formada pelo Imagens do Povo. Moradora do Complexo do Alemão, é fotógrafa desde 2009.

Pedro Siqueira, Estudante de História, educador e fotógrafo nascido no subúrbio do Rio de Janeiro, é morador de Vila Isabel e atua como fotógrafo desde 2020.

RaH BXD, Rapper, filmaker e fotógrafo formado pelo Imagens do Povo em 2022. Morador de Belford Roxo, Baixada Fluminense, atua como fotógrafo desde 2016.

Selma Souza, Licenciada em História das Artes e pós graduada em fotografia, é moradora do Complexo do Alemão e atua como fotógrafa desde 2015.

Vicente Costa, Bibliotecário e especialista em Literatura Brasileira, é fotógrafo formado pela Escola de Fotografia Popular, morador do Complexo do São Carlos e tua na fotografia desde 2021, a partir da incursão no projeto Corpo Morada, também do Observatório de Favelas.

Vitor Melo, Bacharel em Direito e fotógrafo autodidata. Nascido e criado na Zona Oeste do Rio de Janeiro, registra além da atmosfera carnavalesca, o cotidiano do Rio. É fotógrafo desde 2019.

Vitória Corrêa, Fotógrafa, social media e indexadora de imagens, é formada pela Escola de Fotografia Popular, moradora do Complexo da Maré, atua como fotógrafa desde 2018.

Selma Souza – Crianças soltam pipa no alto do morro no Complexo do Alemão. Zona norte do Rio de Janeiro

Reapresentações fotográficas da Maré

Revisitar registros fotográficos produzidos por fotógrafos, majoritariamente homens, de diferentes épocas, nos apresenta uma Maré que parece que não mudou muito. No início, nos anos 1960 e 1970, falamos de imagens da construção desse lugar, da chegada de pessoas "despejadas" (ou removidas) e vindas de muitas regiões do país para uma nova vida na área urbana. Grandes mutirões, obras, tijolos, imagens que evidenciam a arquitetura, a falta de infraestrutura, eventos públicos, a rua e a solidariedade.

Quando digo que não mudou muito, me refiro a imagens produzidas por olhares externos à Maré que buscavam o exótico da arquitetura favelada, o contraste de muitas casas ainda sem revestimento e outras com fachada bem decoradas e coloridas - para alguns, o inferno colorido. De lá para cá, 60 anos se vão e talvez o que tenha mudado, no quesito produção fotográfica, seja o acesso a equipamentos, qualidade e quantidade de imagens, além de quem agora produz essas fotografias. Cada instante é registrado por nós, moradores e moradoras, sem precisar de tantos interlocutores para legitimar nossas ações. Somos fotógrafos e fotógrafas, contadores e contadoras de nossas histórias.

De dentro para fora

Até pouco tempo, em buscas por imagens da Maré na internet, era possível encontrar apenas registros feitos por fotógrafos e fotógrafas de fora deste território, que entravam, clicavam e iam embora. Registravam imagens com o olhar de fora para dentro, de cima para baixo, geralmente eram cenas de corpos dilacerados e ensanguentados, muita violência em decorrência de operações policiais, sempre entrando na favela atrás do rabecão (carro da Defesa Civil). Cenas que não eram mentirosas, mas que retratavam somente uma parte da vida periférica resumida à violência.

Ressalto que sempre existiu a figura do fotógrafo de casamentos, de festas de aniversários, formaturas e que fotografava as crianças nas escolinhas dentro das favelas, mas não de fotojornalista. O reconhecimento desse profissional só foi possível a partir da Escola de Fotógrafos Populares, criada em 2004 - hoje nomeada de Escola de Fotografia Popular, criada pelo Observatório de Favelas e fotógrafo João Roberto Ripper. E mesmo assim, não foi fácil deixar de sermos considerados "os meninos da favela que fotografam" ou "os meninos do projeto de fotografia". A cada trabalho era preciso provar que sabíamos o que estávamos fazendo e fazendo com profissionalismo necessário.

É preciso valorizar como cultura esse fazer fotográfico feito de dentro para fora, seja ele de caráter artístico, jornalístico, de denúncia, ou qualquer outro segmento. Respeitar e, acima de tudo, considerar esse outro ângulo, muda o enquadramento das imagens e a forma de se ver a favela e a cidade. E aqui não estou me referindo apenas a um mero posicionamento de câmera, mas também de vivências faveladas e periféricas, que interseccionam gênero, raça, identidades e territórios.

Rosilene Miliotti

Karala Inajara – Mulheres trançadas. Rio de Janeiro

O Observatório de Favelas e a Produção da Imagens Fotográficas dos Territórios Populares

O Observatório de Favelas é uma organização da sociedade civil sediada no Conjunto de Favelas da Maré, cidade do Rio de Janeiro (Brasil)[1]. Desde a sua fundação, em 2001, nossa instituição se dedica à produção de conhecimento e metodologias de ação visando incidir em políticas de direitos em favelas e periferias brasileiras e latino-americanas. Buscamos, portanto, contribuir de modo propositivo e ativo na construção de agendas de direitos à cidade em diálogo permanente com movimentos sociais e outras organizações populares.

É preciso registrar que os fundadores do Observatório de Favelas, e a maior parte de seus colaboradores diretos, possuem suas origens em territórios populares, definindo de modo bastante incisivo o perfil da instituição e a missão abraçada: colocar as favelas e periferias urbanas na cena pública da democratização radical da cidade e da sociedade. Buscamos, então, construir experiências de criação e mobilização que contribuam para a superação das desigualdades sociais em suas marcações raciais e territoriais explícitas e que fortaleçam as comunidades populares como potências de invenção de direitos plenos à cidadania.

Para assumir esse desafio enunciado, Observatório de Favelas se organiza com as seguintes linhas dedicadas à formação de repertórios críticos, à produção de conhecimento e a atuação política: Direito à Vida e Segurança Pública; Políticas Urbanas; Arte e Território; Comunicação; e, Educação. Cada linha responde e articula projetos, processos formativos, publicações, mobilizações e ações públicas em consonância com os propósitos maiores de nossa instituição.

Podemos afirmar que o Observatório de Favelas possui uma característica muito particular, é uma organização criada e sediada em uma favela que tem em sua constituição e em seu propósito de existir a geração do conhecimento sobre a produção do espaço urbano a partir dos territórios populares, associado à formação de intelectuais das favelas e periferias capazes de incindir de modo crítico e consciente na transformação da sociedade.

Em termos mais específicos, podemos afirmar que o trabalho conceitual, metodológico e técnico com a linguagem fotográfica do Observatório de Favelas surge da busca de superação das representações dos territórios populares recorrentemente referenciadas em esteriótipos de carência e em estigmas de criminalidade. Essas marcações sempre colocaram a favelas e as periferias em uma agenda urbana negativa, particularmente na metrópole do Rio de Janeiro, cujas implicações sempre se revestiram de violações de direitos por parte do Estado; das remoções à violência das operações policiais. A superação de representações hegemônicas e homogeneizadoras que legitimaram (e ainda legitimam!) às ações arbitrárias contra as favelas precisava ser enfrentadas com a produção de outras imagens radicalmente distintas. Daí deriva o projeto de trabalhar com a fotografia: criar e comunicar imagens estéticas das potências inventivas dos saberes e fazeres presentes nos territórios populares. Podemos afirmar que o empenho do Observatório de Favelas na organização e realização do trabalho com a fotografia já nasceu inserido em seu objetivo maior de geração do conhecimento vinculado à superação das desigualdades sociais, raciais e de gênero em reprodução na sociedade brasileira.

Para tanto, se fez necessário formar autores de imagens contrapontísticas às historicamente reproduzidas do senso comum aos meios corporativos de comunicação, passando inclusive pelas instituições acadêmicas e governamentais. É justamente nessa perspectiva que é criada a Escola de Fotógrafos Populares[2] em 2004, com a proposta de formar jovens de favelas com novos repertórios conceituais e práticas insurgentes no campo da estética da fotografia. Tratava-se também de operar a superação da invisibilidade imposta aos jovens e as suas co-

1 Para conhecer um pouco melhor o Observatório de Favelas, convidamos para visitar o nosso site https://observatoriodefavelas.org.br/

2 Deve-se destacar a colaboração excepcional dos fotógrafos João Roberto Ripper, Dante Gastaldoni e Bira Carvalho na organização e implementação da Escola de Fotógrafos Populares e para criação e desenvolvimento do Programa Imagem do Povo.

munidades de morada com a produção de imagens autorais que ressignificassem seus corpos e seus territórios de existências plurais. Produzir imagens das favelas com o olhar de seus e suas jovens tornou-se um recurso fundamental para disputa de imaginários sobre o significado dos territórios populares e da própria cidade. O trabalho com a fotografia emergiu como uma narrativa crítica das representações hegemônicas e, sobretudo, como uma criação sensível e intersubjetiva de afirmação de direitos à cidade.

Como desdobramento da Escola de Fotógrafos Populares, criamos o Programa Imagens do Povo, também em 2004, com o objetivo de ampliar o trabalho com a fotografia. Organizado sob o modelo de Agência Escola, o Imagens do Povo se fez orientar em três linhas principais de trabalho: a formação inicial e continuada de jovens fotógrafos, por meio de cursos, oficinas e seminários; a criação de acervo fotográfico digital como memória das favelas; e a comunicação da produção através de exposições, publicações impressas e digitais e de site próprio para divulgar e ampliar o acesso às imagens de seu acervo. O Imagens do Povo é também uma agência de geração de trabalho e renda, uma vez as imagens autorais podem ser adquiridas e os fotógrafos associados podem ser contratados para atuar em diferentes eventos, desde que estes estejam em consonância com os princípios éticos e valores sociais do Observatório de Favelas e do próprio Imagens do Povo. Venha nos conhecer um pouco mais! Visite o nosso site https://imagensdopovo.org.br/

Jorge Luiz Barbosa

Diego Lopes

Monara Barreto

FSF
FOTOGRAFIA
SEM FRONTEIRAS

Cartografias (sub)urbanas: 5 olhares sobre Moçambique

Adiodato Gomes
Albino Mahumana
Mário Macilau
Thandy Pinto
Yassmin Forte

Curadoria: Amosse Mucavele

Amosse Mucavele estudou agropecuário actividade que nunca exerceu, jornalista cultural se afirmou, poeta, curador de feiras literárias e consultor literário se profissionalizou. Publicou 3 livros em Moçambique, Brasil e Argentina.

Moçambique, é sem dúvidas, um campo privilegiado para o desenvolvimento de um trabalho voltado à fotografia, sem no entanto, estar ligado umbilicalmente ao jornalismo, característica que num passado muito próximo, manteve a actividade fotográfica em paralelo com o quarto poder, facto que, coloca hoje a fotografia, num estatuto plural de significados e pictorial, em igual condição com as outras artes, reforçando o seu prestigio na pirâmide cultural nacional e internacional.

Dessa maneira, pode-se constatar que a reflexão acerca dos espaços para a produção fotográfica e a força imagética da trajectória dos fotógrafos selecionados para a presente exposição, traduz aquilo que se configura como retrato da sensibilidade, questão difícil em momentos atípicos como este, onde "o acto fotográfico tornar-se num acto de confrontação do individuo com o real, e a imagem, um produto marcado por esse conflito" (M. Mélon, 1993:96).

Não obstante, a pluralidade e a diversidade das fotografias apuradas especificamente para a mostra "Imagem e Território", justifica o caracter multicultural da produção versus dinâmicas estéticas e por quê não, enumerar a variedade das disposições experimentais em Moçambique, a destacar a produção fotográfica de Albino Mahumana, Mário Macilau, Thandy Pinto, Yasmin Forte e Adiodato Gomes, que documenta as mutações urbanas/ rurais, as demarcações e fronteiras do conflito social e o impacto humano no meio artístico-cultural.

Galeria de Arte, Teatro Municipal da Guarda
22 de abril a 2 de junho de 2023
Dia de Inauguração: 22 de abril de 2023 / Hora: 17h00

Albino Mahumana

Mário Macilau

Mário Macilau nasceu em 1984 na cidade de Maputo, figura de destaque de uma nova e impressionante geração de fotógrafos Africanos. Iniciou o seu trabalho artístico em 2003 nas ruas da capital do seu país, Maputo.Em 2015, participou na 56ª Bienal de Veneza, com um projecto inesperado sobre a vida das crianças de rua de Maputo, exposto no Pavilhão do Vaticano.

Macilau expôs também o seu trabalho na Feira de Arte da Cidade do Cabo (2022), na Art Madrid (2022), The Philips, em Londres (2022) e apresentou uma exposição individual na La Terrasse, em Nanterre (2021). Colaborou com o curador, escritor e jornalista Ekow Eshun, no âmbito da Sombras do Tempo (Shadows of Time), uma exposição individual na Galeria Movart, em Lisboa, Portugal (2021). Em 2020, integrou uma exposição com trabalhos de vários artistas com actividade em Moçambique, Cinco Fotógrafos Africanos Contemporâneos (Five Contemporary African Photographers), com curadoria de Julie Bonzon.

Em 2019, expôs também na Ar.co Lisboa e, em 2018, na Feira de Arte 1:54, em Londres, no Reino Unido (2018), bem como na Art Marbella, Espanha (2018); Terceira Bienal de Fotografia de Pequim, Pequim, China (2018); no Unseen, Amesterdão, Holanda (2018); Feira de Arte FNB de

Joanesburgo, África do Sul (2018); Cimeira Mundial do Clima, São Francisco, EUA (2018); no High Museum of Art em Atlanta, Geórgia, EUA (2018); no Festival IPhoton, em Valência, Espanha (2017).

Macilau é vencedor de vários prémios, nomeadamente 'The FP Magazine's Global Thinkers award' (2016). Foi finalista de 'Unicef Photo of the Year' em 2009.

O seu trabalho tem sido largamente apresentado em exposições individuais e colectivas, tanto no seu país de origem, como no nível internacional, nomeadamente em 'Pangaea: New Art from Africa and Latin America', Saatchi Gallery' (2014), 'Making Africa', Vitra Design Museum (2015), Bienal de Veneza (2015) e Guggenheim, Bilbao (2015-16). Integra as colecções institucionais da Daimler Art Collection, Berlin/Stuttgart (DE), Fundação PLMJ (Lisboa, PT), do Banco Comercial e de Investimentos (Maputo), da Embaixada Francesa em Maputo, e da African Artists' Foundation (AAF, Lagos), bem como está presente em várias colecções particulares portuguesas e internacionais (Alemanha, França, Espanha, Estados Unidos, África).

Albino Mahumana

Nasceu aos 21 de outubro de 1970 em Maputo, é artista Visual. Fotojornalista e Professor de fotografia, é especializado na fotografia de intervenção social, nas mudanças climáticas, saneamento de meio e desigualdades sociais.

PRÉMIOS:

Vencedor do Prémio internacional "Paz em Moçambique", 1995.
Vencedor do Prémio ex-aequo Concurso Prémio Camões, 1997.
Vencedor do Prémio EXPO MUZART, 2001; Menção honrosa na EXPO MUZART, 2001
Vencedor do Prémio do Concurso de Jornalismo "Água e Saneamento" da Wateraid 2014.
Vencedor do Prémio de Fotografia sobre Mudanças Climáticas em Moçambique da União Europeia, 2015.
Best of Category, and Best in the Competition- SOTU Photography Competition, Quénia, 2016.
Vencedor do Prémio de Pintura – Concurso Maputo – Katembe, Centro Cultural Moçambique – Alemanha, 2018.
Vencedor do Concurso Fotografia Solidaria, Espanha, 2021.
Foi bolseiro do Programa da Fundação Calouste Gulbenkian para a criatividade e criação artística em fotografia, onde se especializou em fotografia documental (Portugal, 2008)

Thandy Pinto

Thandy Pinto, nasceu em Maputo em 1990.

É apaixonada pelas artes em geral, tem trabalhado com fotografia e arte digital. Ingressou no grupo de fotografia VeSó em 2017, onde começou a desenvolver o seu interesse pela fotografia através do contacto com outros fotógrafos.

Em 2018, participou da exposição coletiva de fotografia de VêSó Chamanculo no Centro Cultural Brasil Moçambique. Tem participado em workshops e residências artísticas. Em 2022 participou pela primeira vez na exposição African Galleries Now 2022 através da Galeria Arte de Gema. No mesmo ano, Thandi Pinto recebeu a Menção Honrosa do Prémio "Best Future Awards" da Hollard Seguros num concurso com a participação de mais de uma centena de artistas.

Ainda em 2022 a artista participa na exposição colectiva "Visão do paraíso" no Centro Cultural Brasil-Moçambique em Maputo e na exposição "Resiliência: entre Presenças e Ausências" no ARCOlisboa 2022, Portugal.

Thandi participou também em 2022, na Exposição Colectiva "Print It", no Reino Unido. Thandi tem a sua obra representada nas colecções da PLMJ e Fundação ARCO para além de estar representada em colecções privadas a nível internacional.

Ainda em 2022 participou da residência artística Catchupa Factory, em Cabo Verde onde desenvolveu dois projectos.

Adiodato Gomes

Nasceu em Maputo a 7 de Agosto de 1972. Em 1995 iniciou a sua carreira, como produtor e promotor de eventos culturais. Foi nessa época que, em consequência desta sua actividade, nasceu o seu interesse pela fotografia. Enquanto espectador de tantos momentos únicos descobriu que podia eternizá-los através da forgrafia. • Agosto de 2007 – Participação no 34º curso de fotografia analógica a preto e branco no Centro de Documentação e Formação Fotográfica, sob a orientação dos fotografos Ricardo Rangel e Basílio Muchate • Julho de 2007 - Curso básico de Cinema pela produtora cinematográfica portuguesa "Marginal Filmes", Universidade A Politécnica, Maputo, Moçambique • Fevereiro/ Março de 2012 - Participação no Curso Prático de Fotografia - Imagem Digital e Luz sob a orientação do fotógrafo moçambicano, Jorge Almeida. Exposições individual • 2016 Julho - LUVANO - 1ª exposição de individual na Fundação Fernando Leite Couto, com a curadoria do Filipe Branquinho • 2018 Janeiro - PSYCHADELIC | Beyond Hairstyle Norms - 2ª exposição individual, Galeria 16 Neto, curadoria 16 Neto (Maputo) • 2019 Abril – DANÇAR - Narrativas Trípticas – 3ª exposição individual Centro Cultural Franco-Moçambicano, com a curadoria da Ute Fendler (Maputo Exposições coletivas • 2011 - HOMENAGEANDO RICARDO RANGEL - exposição colectiva em homenagem a Ricardo Rangel organizada pela Associação Moçambicana de Fotografia. • 2011 - GREVE 2010 - exposição colectiva organizada pela Associação Moçambicana de Fotografia. • 2012 - 125 ANOS DA CIDADE DE MAPUTO – ONTEM, HOJE E AMANHÃ - Exposição colectiva organizada pelo Centro Cultural Franco-Moçambicano com curadoria de Jorge Almeida. • 2017 – BONECA DE PANO – Série fotográfica incluida na exposição online "My Maputo" no âmbito do evento MAPUTO FAST FORWARD 2017 • 2017 – VÊ SÓ – CHAMANCULO – Exposição colectiva na Semana das Artes (Campo de Pão Nosso – Bairro do Chamanculo B) • 2018 – KINANI – Através das lentes "Homenagem Jorge Almeida" Centro Cultural Português (Maputo) • 2020 – O QUE É PRECISO É O AMOR – Colectiva que resulta de um workshop "Acerca" organizada pela embaixada da Espanha e monitorado pelos fotógrafos Héctor Mediavilla e Mauro Pinto. Curadoria: Héctor Mediavilla – Produção: Filipe Branquinho - Absa (Maputo) • 2022 - "Afectos com o meio ambiente" Adiodato Gomes & Anésio Manhiça exposição colectiva. Flor de Café (Maputo).

Yassmin Forte

Yassmin Forte, nasceu em Quelimane, na Zambézia, em 1980 e vive em Maputo desde 1986.

Fez a sua Licenciatura em Ciências da Comunicação na variante de Relações Públicas e Jornalismo, trabalha como técnica de Marketing na Rádio Moçambique.

Participou no curso de fotografia na Zeta Photo no em 2011 com o fotógrafo Jorge Almeida, em 2012 fez o Curso de Fotografia no Centro de Formação Fotográfica.

Já fez um total de 5 exposições individuais, 16 exposições colectivas, 3 residências artísticas e 6 curadorias.

CARTOGRAFIAS (SUB)URBANAS:
5 OLHARES SOBRE MOÇAMBIQUE

O que me interessa na fotografia são as suas provocações. Ela sacode a arte.

Jean-Claude Lemagny

Moçambique, é sem dúvidas, um campo privilegiado para o desenvolvimento de um trabalho voltado à fotografia, sem no entanto, estar ligado umbilicalmente ao jornalismo, característica que num passado muito próximo, manteve a actividade fotográfica em paralelo com o quarto poder, facto que, coloca hoje a fotografia, num estatuto plural de significados e pictorial, em igual condição com as outras artes, reforçando o seu prestigio na pirâmide cultural nacional e internacional.

Dessa maneira, pode-se constatar que a reflexão acerca dos espaços para a produção fotográfica e a força imagética das trajectórias estéticas dos fotógrafos selecionados para a presente exposição, traduz aquilo que se configura como retrato da sensibilidade, questão difícil em momentos atípicos como este, onde "o acto fotográfico tornar-se num acto de confrontação do individuo com o real, e a imagem, um produto marcado por esse conflito" (M. Mélon, 1993:96).

Não obstante, a pluralidade e a diversidade das fotografias e dos fotógrafos selecionados especificamente para a exposição "Imagem e Território", justifica o caracter multicultural da produção versus dinâmicas estéticas e por quê não, enumerar a variedade das tendências experimentais em Moçambique, a destacar a produção fotográfica de Albino Mahumana, Mário Macilau, Thandy Pinto, Yasmin Forte e Adiodato Gomes, que documenta as mutações urbanas/ rurais, as demarcações e fronteiras do conflito social e o impacto humano no meio artístico-cultural.

Para imprimir a sua marca na produção fotográfica moçambicana, Adiodato Gomes, constroi um panorama (im)possível de continuidades e as dialécticas que procuram examinar o impacto do quotidiano, quanto poético ou filosófico da sociedade moçambicana. Entre percursos e memórias, o fotógrafo, questiona identidades na sua primeira exposição individual "Luvano", uma proposta acerca do corpo feminino, onde discute seus meandros e preenche o vazio sobre a noção da interculturalidade e representação da diversidade, enquanto lugar de reflexão.

Adiodato Gomes na sua concepção de arte como lugar destinado a produzir, contribuir, na dinamização de um olhar fixo sobre arte e os seus fazedores, ele viabiliza um campo favorável para a circulação e difusão dos núcleos produtores (dança, música, literatura, cinema e teatro), prespectivando a promoção do trabalho dos artistas escrutinados na liberdade da objectiva.

É valido enfatizar que, no contexto geral, todo fotógrafo aqui exposto, exerce um papel significativo para o fortalecimento de uma consciência nacional de reescrita da história urbana, uma ambiguidade presumível, que concentra e revela similaridades de uma dinâmica plural sobre a moçambicanidade e seus enlaces.

As mulheres fotógrafas estão muito pouco representadas na história da fotografia, especialmente em Moçambique. No entanto, elas assumem a dianteira na promoção dos direitos e o dos diferentes valores da mulher e o seu entorno.

Em virtude de uma estética exclusiva e experimental, Thandi Pinto, busca problematizar algumas características dominantes da vida (sub)urbana, certamente num panorama privilegiado, que por um lado, corrobora para revelação da imagem dos excluídos, a projecção das suas narrativas, muitas vezes mudas. O trabalho da artista mostra-nos o outro lado da cidade, com transições entre o espaço político e o espaço social. reafirma a fotógrafa, sobre a sua produção, que "as

colagens dão mais liberdade. Na colagem eu posso fazer tudo que quiser. Contar uma história completa com uma imagem. A colagem dá-me ainda mais flexibilidade de contar histórias e criar narrativas".

Do mesmo modo, a fotografia em Yasmin Forte, anuncia-se como um acto de representação e de (re)construção do lugar da mulher, da criança e dos invisíveis sociais em Moçambique. O seu trabalho percorre os bairros de expansão e os míticos bairros de Chamanculo e Mafalala (subúrbios de Maputo, que viram nascer os mais aclamados filhos deste país, Craveirinha, Eusébio da Silva, Gabriel Chiau, Fany Fumo, Samora Machel, entre outros), onde é possível observar o compromisso em fortalecer a linguagem fotográfica iminentemente refinada e colocada ao serviço de uma causa, a inclusão social, a diversidade cultural e da justiça social para os moçambicanos.

É importante destacar esta particularidade, que de forma subtil, reconcilia a experiência pessoal e a memória colectiva.

Nascido numa família de artistas, filho de um dos percursores da Escola de Matalana, Mankew Mahumana, cedo conviveu com a naipe dos artistas moçambicanos, casos de Malangatana, Fernando Machiana, Oblino, o dramaturgo Lindo Lhongo, a Sabina Ngomane, mais conhecida por Vovó Ndlozi, "que catapultaram a localidade a uma dimensão mundial". O fotógrafo Albino Mahumana firmou as suas raízes no espaço moçambicano, como artista plástico e passou depois da formação em fotografia, a conciliar e a practicar igualmente as artes plásticas, a fotografia e o jornalismo cultural como retratos íntimos do seu quotidiano.

Desde que Mauro Pinto, Filipe Branquinho, Felix Mula e Mario Macilau, deixaram transbordar as fronteiras, a fotografia mocambicana fez uma uma travessia exponencial no mapa das artes, passando a exercer e ocupar um importante papel no cenario internacional. Para alem de assumir uma postura intimista, que se desdobra entre a condicao social, desigualidades, fronteiras politicas e economicas. Assim, é possível reafirmar que Mario Macilau, fotografo profissional, autodidacta de uma carreira já consolidada e premiada internacionalmente, mantem-se fiel à documentação das cartografias urbanas/rurais, tais como a seca, a pobreza, identidades, ambiente e questoes sociais.

Macilau Macilau "cria uma atmosfera de intimidade de onde surgem perspectivas ou narrativas mais amplas" e teve seus trabalhos exposto em espaços e eventos como: 56th Venice Biennale (Italia), Saatchi Gallery (Inglaterra), Rencontres de Bamako (Mali), Photo Spring (China), International Biennial of Casablanca (Marrocos), Guggenheim Museum (Espanha), entre outros.

Numa ocasião memorial, Macilau fotografou os maziones na praia da Costa do Sol, "para levar ao mundo a voz daqueles que têm menos voz".

Amosse Mucavele

Adiodato Gomes

Thandy Pinto

Mario Macilau

Mario Macilau

DIÁLOGOS COM O TEMPO MOÇAMBICANO

...a fotografia, porém, embora admitindo a subjectividade da câmera, repousa na nossa convicção de que aquilo que nós, os espectadores, vemos existiu de facto, que aquilo ocorreu em determinado e exacto momento e que, como realidade, foi apreendido pelo olho do observador.

Alberto Manguel

Nos dias que correm, muito se tem discutido sobre inclusão social e diversidade cultural, pautas que incorrem sempre na demagogia dos discursos políticos, propondo um novo rumo a história, conforme o que deve vir a se constituir numa estratégia ficcional das políticas públicas em resposta as questões sociais. O território moçambicano, enquanto imaginário cultural e representante da condição humana, muito mais do que uma gramática urbana/rural, é uma imagem de ternura e alegria, configurando-se como idioma de rupturas e continuidades de narrativas singulares e colectivas, apropriando-se do mapa etnolinguístico, seus limites geográficos, a sua notável diversidade e seus processos de (re)significação da pátria, compõem uma ferramenta significativa para o desenvolvimento social em diferentes moldes que norteiam a acção cultural, politica, económica, social ou natural, as quais, vem sendo referenciadas por Filimone Meigos, como espaços heterogéneos que congregam múltiplos significados, "através das imagens, os artistas produzem representações que definem quadros de valores, crenças, visões do mundo, linguagens distintas e contextualizadas. Essas imagens são icónicas, simbólicas e indiciadoras".

Neste contexto, a reversão do olhar no campo das artes e letras, com recurso a fotografia como forma de definir o contexto social e de testemunhar a expressão visual da vida quotidiana. Em grande parte, envolve uma série de impressões provisórias, diálogos intermináveis entre a experiência estética e o tempo.

O que se assinala também, é a possibilidade de destacar a importância da fotografia, num contexto de rasuras sociais e de questionamentos entrecruzados por factores de várias ordens, reflecte desse modo, num símbolo de resistência, representatividade e histórico lugar dos imortais.

Segundo Jacques Le Goff, a fotografia "revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica".

Porém, a fotografia em Moçambique, com todas as suas peculiaridades e sendo nítida a sua "meditação silenciosa" às transformações sociais, assume o papel transformador da consciência social ou crítico às normas de representatividade étnica/politica no espaço público, ela regista determinados factos a partir de um olhar histórico, ideológico, religioso, psicológico, cultural, determinante para perceber a complexidade dos símbolos que permeiam o "tempo moçambicano" e possibilitam o resgate das identidades perdidas e por ultimo propõe um espaço de (re) visitação da memória.

Iñaki Bergera sustenta a ideia acima exposta, ao defender a fotografia enquanto "instrumento documental" diferente da arquitectura, estabelecendo um empate nas distâncias e proximidades das intenções estéticas de cada arte em relação ao processo de eternização da obra. Como refere este autor, "quando nem mesmo a arquitetura, especialmente a arquitetura moderna, é capaz de garantir a sua conservação e perpetuação no tempo, e pode mesmo desaparecer, a fotografia torna-se na única garantia da sua documentação e sobrevivência na memória."

De facto, a fotografia em Moçambique, desde que Ricardo Rangel, Kok Nam, José Cabral, Sérgio Santimano, Moira Forjaz, Luís Bastos, Daniel Maquinasse, reafirmaram o lugar da imagem realista, testemunhal e documental no registo e na reinvenção de um olhar plural sobre os destroços

sociais, físicos e psíquicos do país através da fotografia. Para além de terem impulsionado e formado uma nova geração de fotógrafos internacionalmente reconhecida e premiada, representam a dimensão criativa e sem duvidas, a herança fundacional nos artistas visuais e fotógrafos contemporâneos, tais como Amilton Neves, Adiodato Gomes, Mauro Pinto, Mário Macilau, Filipe Branquinho, Thandy Pinto, Felix Mula, Mauro Vombe, Maimuna Adam, Adiodato Gomes, António Cossa, Emídio Jozine, Yasmin Forte, Idelfonso Colaço, Albino Mahumana, Eurídice Kala, entre outros, conceptualizando os lugares onde estes ocupam a esfera nacional/global.

Amosse Mucavele

Yassmin Forte

FSF
FOTOGRAFIA
SEM FRONTEIRAS

A independência de Moçambique (25 de junho de 1975)

Reportagem de
Alfredo Cunha

IV. Imagem, cidadania, literacia visual

FSF
FOTOGRAFIA
SEM FRONTEIRAS

Sinais dum mundo em mudança

Coletiva dos Concorrentes do Concurso Transversalidades

A exposição reúne uma seleção de seis portefólios vencedores do concurso "Transversalidades: Fotografia sem Fronteiras 2018", organizada em torno de quatro núcleos temáticos: Património natural, paisagens e biodiversidade; Espaços rurais, agricultura e povoamento; Cidade e processos de urbanização; Cultura e sociedade: diversidade cultural e inclusão social.

A mostra faculta uma viagem por diversas geografias, permite ler as paisagens e interpretar os territórios de distintos contextos dispersos pelos cinco continentes. As leituras e (re)leituras das paisagens naturais, económicas, sociais e culturais que a Fotografia possibilita, transformam-na num importante elemento de cooperação territorial, valioso instrumento de promoção da inclusão dos territórios periféricos e menos visíveis.

Sandipani Chattopadhyay

Escola Secundária Afonso de Albuquerque
17 de abril a 12 de maio de 2023
Dia de Inauguração: 17 de abril de 2023 / Hora: 14h30

FSF
FOTOGRAFIA
SEM FRONTEIRAS

Geografias do olhar

Coletiva dos Concorrentes do Concurso Transversalidades

As imagens destas "Geografias do olhar" espelham diferentes modos de ver e de estar no mundo: a heterogeneidade patente nesta exposição elucida tanto a sua evolução e dinâmica como as emoções e sentimentos que podem despertar.

Os geógrafos expressam os modos de ver o mundo através de mapas, os escritores (des)escrevem paisagens literárias nas páginas de suas ficções, os pintores exprimem a sua visão quando dão cor aos desenhos que esboçam sobre as telas. Os fotógrafos, com as suas câmaras, andam há mais de século e meio a escrever com a luz, a retirar do anonimato os lugares e os rostos que os seus olhos conseguem alcançam. Ao eternizarem algumas paisagens esquecidas e certos lugares invisíveis acabam por produzir algumas imagens icónicas, que se confundem com tais lugares, os passam a identificar e a que ficam perenemente ligadas.

Omid Barjasteh

Escola Secundária da Sé
18 de abril a 30 de maio de 2023
Dia de Inauguração: 18 de abril de 2023 / Hora: 10h30

FSF
FOTOGRAFIA
SEM FRONTEIRAS

Olhar a diversidade, compreender o mundo

Coletiva dos Concorrentes do Concurso Transversalidades

A mostra reúne uma seleção de seis portefólios a Preto e Branco vencedores do concurso "Transversalidades: Fotografia sem Fronteiras 2018", estando representados os quatro temas que estruturam a iniciativa: Património natural, paisagens e biodiversidade; Espaços rurais, agricultura e povoamento; Cidade e processos de urbanização; Cultura e sociedade: diversidade cultural e inclusão social.

As imagens expressam a multiplicidade de modos de vida e a fértil diversidade cultural do mundo, trespassando fronteiras, percorrendo territórios e apelando a diálogos inclusivos que respeitem a diferença e que concorram para promover a coesão económica, social e cultural.

Ao mostrar as desigualdades sociais e as assimetrias territoriais, as fotografias ajudam à reflexão sobre a necessidade de se mitigarem desequilíbrios tão profundos e como, conhecer melhor o outro pode estimular a cooperação e uma efetiva aproximação entre os povos.

Nuno Henrique Rolo Morais

Ensiguarda - Escola Profissional da Guarda
17 de abril a 30 de maio de 2023
Dia de Inauguração: 17 de abril de 2023 / Hora: 10h30

FSF
FOTOGRAFIA
SEM FRONTEIRAS

Pessoas, Lugares, Outros Olhares

Coletiva dos Concorrentes do Concurso Transversalidades

A mostra "Pessoas, Lugares, Outros olhares" reúne um conjunto de fotografias submetidas à edição de 2020 do Concurso "Transversalidades" que são bem representativas do amplo universo imagético em que se transformou o Transversalidades - Fotografia sem Fronteiras.

A qualidade estética e a diversidade de informação do conjunto de imagens que estruturam este discurso expositivo faculta uma viagem a recônditos territórios e paisagens naturais e humanas dispersas pelos cinco continentes, suscitando uma reflexão sobre a riqueza cultural e a profunda diversidade do mundo que nos rodeia.

Prashanta Hridoy

Unidade Local de Saúde da Guarda (Hospital Sousa Martins)
20 de abril a 30 de maio de 2023
Dia de Inauguração: 20 de abril de 2023 / Hora: 11h00

Paisagens, Patrimónios, Culturas

Coletiva dos Concorrentes do Concurso Transversalidades

O valor estético, documental e pedagógico que a imagem pode assumir é utilizado pelo Centro de Estudos Ibéricos para desenvolver o projeto Transversalidades - Fotografia sem Fronteiras, colocando-o ao serviço da coesão do território, da inclusão dos lugares menos visíveis e da valorização da pluralidade de recursos naturais e culturais.

A exposição "Paisagens, Patrimónios, Culturas" reúne uma seleção de seis portefólios vencedores da edição do Transversalidades 2019, estando representados os quatro temas que estruturam o concurso: Património natural, paisagens e biodiversidade; Espaços rurais, agricultura e povoamento; Cidade e processos de urbanização; Cultura e sociedade: diversidade cultural e inclusão social.

A mostra destaca a diversidade de modos de vida, as desigualdades e algumas formas de inclusão social que ocorrem em vários contextos geográficos, económicos e sociais. As imagens expostas, ao rasgarem horizontes que ajudam a melhor compreender o outro, proporcionam uma viagem que dá visibilidade a pessoas e notoriedade lugares tantas vezes olvidados.

Yuri Pritisk

Estabelecimento Prisional da Guarda
21 de abril a 30 de maio de 2023
Dia de Inauguração: 21 de abril de 2023 / Hora: 14h30

FSF
FOTOGRAFIA
SEM FRONTEIRAS

Literacia Visual: Oficinas de Fotografia e Visitas Guiadas

Oficinas de fotografia Fujifilm por Tiago Monteiro:

- Ensiguarda - Escola Profissional (17 de abril, 10h30 – 12h00)
- Escola Secundária Afonso de Albuquerque (17 de abril, 14h30 – 16h00)
- Escola Secundária da Sé (17 de abril, 10h30 – 12h00)

Visitas guiadas às exposições orientadas pelo Serviço Educativo do Museu da Guarda

(no decurso das exposições: de 14/04 a 04/06 e 18/06)

Edições e Debates

Edições

Rumores do Mundo

Revista Imagem & Território. I&T'23

Debates

Painel 1 - ***Imagem e coesão territorial: a Terra, as Gentes, o Interior emergente***

Henrique Cayatte, Alberto Prieto, Rui Formoso, Fátima Gonçalves, Duarte Belo; Moderação: Valentín Cabero

(14/04, 21h30 – Bar do Pequeno Auditório, Teatro Municipal da Guarda)

Painel 2 - *Imagem e Memória: A face dos livros*

José Pacheco Pereira, Carla Pacheco

(15/04, 16h30 – Sala Tempo e Poesia, Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço)

Painel 3 - *Imagem e coesão territorial: ecos e memórias da fronteira*

Álvaro Domingues, María Isabel Jiménez, Helder Sequeira, Valentin Cabero; Moderação: Lúcio Cunha

(15/04, 21h30 – Café Concerto, Teatro Municipal da Guarda)

Painel 4 - *Imagem e inclusão social: práticas e retratos*

Aldeia SOS Guarda, Projeto Tu decides + NDS, CERCIG, Clara Moura, José Manuel Simões; Moderação: Amélia Fernandes

(21/04, 18h00 – Museu da Guarda)

Painel 5 - *Imagens sem fronteiras: diálogos lusófonos*

Rosilene Milliotti, Amosse Mucavele, Lúcia Bertazzo, Alfredo Cunha, Luísa Ferreira, Mário Macilau, Thandy Pinto, Roberto Montemor, Karla Inajara e RaH BXD; Moderação: Rui Jacinto

(22/04, 15h00 – Café Concerto, Teatro Municipal da Guarda)

Cultura & Educação: binómio de futuro

A cultura e a educação constituem duas áreas indissociáveis e primordiais no processo de formação dos cidadãos, na aquisição e desenvolvimento de competências, de capacitação para a iniciativa e a intervenção cívica. A cultura e a educação complementam-se numa relação dialógica e articulada como dois "atores que contracenam", onde "a cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última [...] uma não pode ser pensada sem a outra" (Pierre Bourdieu).

A valorização da cultura na formação educacional deve ser entendida como uma prioridade e uma preocupação, tanto do meio escolar como familiar, um importante fator de desenvolvimento das crianças enquanto indivíduos. Aproximar a Cultura da Escola (e vice-versa), nos seus diferentes modos de expressão, implica integrar as manifestações artísticas nas práticas pedagógicas, formais e informais, enquanto elemento importante do processo de aprendizagem. A institucionalização dum Plano Nacional das Artes, dirigido para as escolas, não foi alheio ao reconhecimento do poder da cultura para integrar diferentes saberes, de os trazer para a discussão no seio das escolas através de estratégias pedagógicas agregadoras que valorizem a pluralidade cultural, reforçando, assim, os valores holísticos do processo educativo.

A diversidade cultural existente no universo escolar é suscetível de fornecer meios e instrumentos capazes de auxiliar a promoção da formação cultural indispensáveis à aprendizagem de conhecimentos e de estimular a compreensão de um mundo cada vez mais plural. As instituições culturais e os seus serviços educativos, pela mediação fundamental que devem fazer com os diferentes públicos desempenham um papel crítico no processo de aproximação à Escola.

A Fotografia, enquanto expressão artística, encerra potencialidades a que se pode recorrer para aumentar a capacidade de ler, interpretar e compreender o mundo, de abrir para novas abordagens que alarguem os horizontes do conhecimento. A imagem, ao permitir questionar a realidade, pode constituir mais uma ferramenta para reinventar a cultura escolar. Os espaços educativos, quando se transformam em locais de diálogo, troca de experiências e de convivência cultural ganham vida nova, tornam-se mais atrativos e reinventam-se como sítios onde é possível descobrir novos modos de olhar e, a partir daqui, de compreender melhor a diversidade do mundo que nos rodeia.

Amélia Fernandes

Para além da realidade, a riqueza infinita da experiência do olhar fotográfico.

Perante uma realidade em permanente transformação que é, sem dúvida, a característica mais evidente da sociedade em que vivemos, como pode o olhar fotográfico captar a essência de uma cultura atravessada por ondas sucessivas de movimentos sociais que nela imprimem as marcas inexoráveis da mudança? A aldeia global em que vivemos, o acesso generalizado às redes sociais bem como a intensificação do fluxo migratório permitiram-nos aceder a um vasto leque de culturas e de modos de vida que nos fizeram interrogar os nossos próprios hábitos e costumes. Que imagens poderão dar a ver a diversidade dos objetos, dos corpos, dos gostos, dos costumes, dos gestos, dos artefactos que povoam hoje as ruas das cidades e das aldeias do território? Como é que essas imagens podem revelar os rastos das viagens, as tatuagens na pele, as mestiçagens resultantes de trocas e de encontros culturais?

Na obra *Donner à voir* (1939), dedicada à poesia e à pintura, o poeta Paul Eluard fala da arte como forma de dar a ver as "provas inseparáveis da existência dos seres humanos e do mundo" num registo em que a/o artista procura mais inspirar do que ser inspirada/o, enunciar mais do que denunciar, recusando cair na banalidade, na facilidade e na mediocridade. A arte, em geral, não reproduz literalmente a realidade, fugindo ao *topos* realista de acesso à paisagem física ou social. Ao dar a ver o mundo, qualquer artista, a/o fotógrafa/o incluída/o, oferece uma visão do real transfigurado que abre para um número infinito de interpretações e de possibilidades de sentir e compreender. E de novo, recorremos à poesia: desta vez é Victor Hugo que nos alerta para o facto de que, perante a realidade do mundo pleno de seiva vivente, o ser humano é apenas uma testemunha fremente de espanto, à beira do infinito.

"Ver é compreender, julgar, transformar, imaginar, esquecer ou esquecer-se, ser
ou desaparecer"(P. Eluard, *Donner à voir*, 1939).

Do olhar sobre o mundo à invenção de mundos, a arte propõe-nos um percurso em que o imaginário tem um papel fundamental. Tal como a literatura, a pintura ou a arte em geral, a imagem fotográfica representa o mundo real, reconfigura-o e questiona-o, convidando-nos a olhar de outro modo, a mudar a perspetiva do nosso olhar, a contrariar a "familiaridade da experiência visual" que nos cega e nos emudece, como afirma Merleau-Ponty, apaga a nossa curiosidade e promove a apatia, tornando-nos incapazes de agir e transformar a realidade.
A arte, e particularmente a fotografia, promove a riqueza infinita da experiência visual, convidando-nos a ir para além da evidência descritiva e a transformar esse patamar de evidência para alcançar a densidade das coisas, das formas, das matérias e das cores.

Clara Moura

Arte, Paisagem e Território: uma relação milenar

Desde sempre, o território inspirou as mais diversas manifestações artísticas. Relembre-se desde logo a arte rupestre, quer na vertente da pintura com pigmentos naturais realizadas em grutas (como Altamira em Espanha, Lascaux e Les Combarelles em França), quer na vertente da gravura a partir de incisões em rochas (como Val Carmonica em Itália, Tassili n'Ajjer na Argélia e Vale do Coa em Portugal), onde se representaram animais, plantas e pessoas, cenas de caça e rituais do quotidiano. Por exemplo, no conjunto de arte rupestre do maciço montanhoso líbio de Tadrart Acacus (área inscrita em 1985 no Património Mundial da Unesco), estão bem patentes nas pinturas e gravuras as mudanças climáticas ocorridas nesta região, hoje parte integrante do deserto do Saara, mas então área de com a fertilidade suficiente para albergar sucessivas comunidades humanas e animais diversos e hoje desaparecidos destas paragens (girafas, avestruzes, elefantes…).

Também remontando à Antiguidade, relembre-se a tradição da paisagem na pintura chinesa, quase sempre fundindo pintura, caligrafia, filosofia, narrativas e poesia, capturando nos tecidos as mais diversas representações paisagísticas do mundo natural (planta, flores, animais…).

Na pintura ocidental, a paisagem foi adquirindo paulatinamente maior relevância, primeiro na Idade Média surge, invariavelmente, como espécie de criação divina em fundo de retratos e de cenas históricas e religiosas, depois, a partir do século XVII e sobretudo na Holanda (Países Baixos) como temática autónoma. Ainda na Idade Média, terá sido o pintor Giotto di Bondone, considerado muitas vezes como o percursor da pintura renascentista, o primeiro a abandonar os modelos bizantinos de fundos dourados das imagens sagradas por cenários paisagísticos. Já no século XVI, muito por influência da escola flamenga e alemã, a representação de cenários paisagísticos adquiriu autonomia iconográfica mas, foi já no período barroco que a pintura de paisagens se estabeleceu na Europa definitivamente como um género específico. Destaquem-se pintores flamengos e brabantinos como Pieter Bruegel, o Velho (conhecido pelos seus cenários camponeses), e Peter Paul Rubens (que no final de sua vida pintou alguns quadros que estão entre as pinturas paisagistas europeias mais importantes), pintores ingleses como Thomas Gainsbourough e Richard Wilson e, o pintor veneziano Giovanni Antonio Canal, vulgo Canaletto (conhecido, sobretudo, pelas suas paisagens urbanas de Veneza, mas também autor de excelentes pinturas de paisagens inglesas).

No século XIX, em grande parte pela divulgação da prática da pintura ao ar livre (a qual ganhou força com a invenção da bisnaga descartável para tinta), a pintura de paisagens alcança um patamar até então não atingido, assistindo-se progressivamente ao desinteresse pelos temas de paisagens alegóricas e míticas e, em consequência, a uma renovação na pintura paisagística, que se alastra a todas as partes do mundo. É neste contexto que germina o Impressionismo, rompendo com os preceitos da Academia, do Neo-classicismo, do Realismo e do Romantismo, aportando, em alternativa, pinceladas soltas que se tornam a marca do movimento e da luz e sombra na tela. Sobretudo no seio dos pintores franceses, os cenários paisagísticos impressionistas atingem a excecionalidade e tornam-se marcantes na história da pintura e, entre eles, há desde logo que destacar nomes como o de Claude Monet (o mais célebre pintor impressionista), Édouard Manet (construtor da ponte entre o realismo e o impressionismo), Pierre-Auguste Renoir, Gustave Caillebotte, e Camille Pissarro. Em finais do século XIX, emergem abordagens na pintura com maior diversidade de estilos e um cromatismo mais forte, dando lugar a uma renovação e movimento que o pintor inglês Roger Fry designaria de Pós-Impressionismo, e onde pontificaram os nomes e paisagens dos pintores Vincent van Gogh (certamente o mais representativo), Paul Cézanne, Henri Rousseau e Georges Seurat (este conhecido pelo seu pontilhismo).

A primeira metade do século XX seria marcada pela emergência de novas e sucessivas abordagens artísticas (Expressionismo, Fauvismo, Cubismo, Abstracionismo, Futurismo, Dadaísmo, Surrealismo, Op Art e Pop Art), muitas vezes transversais não apenas à pintura e restantes artes plásticas, mas também a outros campos da criatividade como a arquitetura, o cinema, a literatura, a música, o teatro e a dança. Doravante, a paisagem perde centralidade e inteligibilidade na pintura, ainda que o território enquanto construto social e político continue a inspirar e marcar muita da criatividade artística.

Fotografia e Território: um binómio particularmente resiliente

A fotografia começa a ganhar grande significado na representação do território com a publicação, em 1903, da obra *La France:Tableau Géographique* do geógrafo francês Vidal de La Blache. E, à medida que a afirmação do pensamento francófono e possibilista se vai impregnando, a fotografia torna-se um instrumento de utilização recorrente e fundamental para estudar os territórios, refrescando e complementando a observação, método privilegiado das abordagens clássicas da Geografia. Note-se que também em Portugal, o geógrafo Orlando Ribeiro se tornou um apaixonado pela fotografia, estando depositado no Centro de Estudos Geográficos do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa um espólio de mais de 10 mil fotografias, obtidas nas suas inúmeras viagens em Portugal e pelo mundo.

Ainda no início do século XX, destaque-se Albert Kahn, um rico banqueiro francês apaixonado por arte e fotografia, que financiou expedições fotográficas a diversas países para registar gentes e culturas locais, dando origem a um fantástico e inovador acervo de aproximadamente 72 mil fotografias registadas em placas de autocromo e cobrindo cerca de 60 países. Os trabalhos de inventariação, do que viria a designar-se como Archives de la Planète, ocorreram entre 1909 e 1931, contudo, a instabilidade da Crise de 1929 arruinou financeiramente Albert Kahn, levando ao cancelamento em 1931 das suas expedições fotográficas.

No Pós-Guerra, o desenvolvimento das tecnologias fotográficas foi brutal e particularmente estimulador do gosto e prática da fotografia, multiplicando exponencialmente o registo documental e artístico quer de paisagens e territórios, quer de pessoas e acontecimentos e pormenores vários. E neste processo de afirmação e difusão da fotografia ligada ao território, merecem desde logo destaque instituições: nomeadamente: i) *Magnum Photos* (Cooperativa de fotógrafos fundada, em 1947, por Robert Capa, David Seymour, George Rodger, William Vandivert e Henri Cartier-Bresson); ii) *World Press Photo Foudation* (organização independente, sem fins lucrativos com sede em Amesterdão, fundada em 1955, que organiza, anualmente, a maior e mais prestigiada competição de fotojornalismo, movimentando mais de 100 mil imagens, e cerca de 6 mil fotógrafos oriundos de mais de 120 países); iii) *The National Geographic Society* (uma das maiores instituições científicas e educacionais sem fins lucrativos do mundo, com 6,8 milhões de membros e que privilegia nos eus registos fotográficos temas da geografia, arqueologia, ciências naturais, ambiente, e cultura e história s dos povos); iv) . *Altitude Agency* (criada em 1991 por Yann Arthus-Bertrand, a primeira agência de imagens tiradas a partir de meios aéreos, tiradas em mais de 100 países, por mais de 100 fotógrafos).

Deve ser igualmente sublinhada a quantidade e diversidade de excelentes e reputados fotógrafos que desde há muito e com diferentes propósitos, abordagens técnicas e estéticas, privilegiam a fotografia do território, suas paisagens, gentes e acontecimentos. No seio dos fotógrafos profissionais mais focados no território destaquem-se: em Portugal: Vicente Gomes da Silva, Domingos Alvão, Joshua Benoliel, Gérard Castello-Lopes; Eduardo Gageiro, Augusto Cabrita; Maurício Abreu, Filipe Jorge e Duarte Belo. Este último, certamente o fotógrafo que detém a maior e mais sistemática cobertura do território português.

Merece ainda ser sublinhada a importância de dois eventos ligados à fotografia e onde os temas relativos ao território são recorrentes: i) os Encontros de Fotografia (Coimbra; ciclo de exposições fundado pelo fotógrafo Albano da Silva Pereira); ii) o concurso de fotografia Transversalidades (organizado na Guarda, no quadro do CEI – Centro de Estudos Ibéricos, tendo como grande mentor e organizador o geógrafo Rui Jacinto). Note-se que o Transversalidades é hoje, muito provavelmente, o mais importante e internacionalizado concurso de fotografia que ocorre em Portugal, a que acresce exposições e a edição de um notável catálogo.

Arte ao serviço da valorização territorial e social

Com a criação do museu moderno a partir de finais do século XVII (o Museu Ashmolean inaugurado em 1677 é considerado o pioneiro) e, mais intensamente a partir do século XVIII (em 1753, o Museu Britânico; em 1764 o Museu Hermitage; em 17675 o Museu Galeria Uffizi; em 1793 o Louvre; em 1819 o Museu do Prado; ...) inicia-se um ciclo que se estendeu aos nossos dias marcado, a um tempo pela valorização e divulgação dos acervos artísticos e, a outro, pela alavancagem do turismo urbano/cultural com óbvios reflexos na economia local de várias cidades.

Segundo a UNESCO, em 2021 existiam no mundo cerca de 104 mil museus (61% na Europa Ocidental e América do Norte). Em 2019, antes dos constrangimentos da pandemia Covid19, os 100 museus mais visitados registaram uma procura da ordem dos 230 milhões (só o Museu do Louvre, o mais visitado, registou 9,6 milhões de visitantes).

A criação de grandes e atrativos museus, aliando edifícios arquitetónicos marcantes e explorando a arte moderna e contemporânea e novas formas de exposição e interação com o público, como a inclusão de exposições interativas e virtuais, tornou-se uma aposta estratégica de muitas cidades. Um excelente e bem sucedido exemplo é o da criação em 1992 do pólo do Museu Guggenheim em Bilbau, numa altura em que a cidade atravessava uma grave crise económica e social devido ao declínio da indústria siderúrgica e da exploração do minério de ferro no país Basco. O projeto da instalação do Museu Guggenheim em Bilbau, sustentado num projeto arquitetónico vanguardista de Frank Gehry, surgiu na sequência do processo de regeneração urbana nas frentes do rio Nervion, visando também proporcionar uma maior visibilidade e atratividade turística a uma cidade até então demasiado marcada pela imagem da indústria. O projeto redefiniu a identidade da cidade e gerou um dinamismo contínuo de atividades culturais, sendo de notar que até ao momento o museu já registou quase 25 milhões de visitantes, aportando cerca de 6.000 milhões de euros ao PIB espanhol.

Da mesma forma, nas últimas décadas, em Portugal, a criação de modernos museus e centros de arte tem sido uma estratégia de desenvolvimento local seguida por vários municípios. Nuns casos, alavancada por coleções de grandes investidores privados (casos do extinto Museu Coleção Berardo no CCB, Lisboa; do MACE - Museu de Arte Contemporânea de Elvas, que alberga a coleção de António Cachola e do Centro Arte Oliva em São da Madeira, que alberga a coleção de Arte Moderna e Contemporânea Norlinda e José Lima e a coleção de Arte Bruta/Outsider-Treger Saint Silvestre). Noutros casos, criando através de bons projetos arquitetónicos condições para acolher a obra de reconhecidos artistas naturais do local ou da região, podendo destacar-se: o Museu Cargaleiro em Castelo Branco (projeto arquitetónico de João Teixeira); a Casa das Histórias Paula Rego, em Cascais (projeto arquitetónico de Eduardo Souto Moura); o Centro de Arte Contemporânea Graça Morais (projeto arquitetónico de Eduardo Souto Moura); o Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso em Chaves (projeto arquitetónico de Álvaro Siza Vieira). Note-se, contudo, que as procuras dos pequenos museus do interior não são muitas vezes compagináveis com as necessidade de sustentabilidade financeira das instituições.

Mas, não apenas os museus, centros de arte e galerias de exposições aprofundam o diálogo com o território, reforçam ou recriam identidades ou projetam lugares e alavancam economias locais.

De facto, na história das cidades a tradição de monumentos em espaço público é secular, desde pequenas estátuas a grandes monumentos, ora homenageando personalidades, ora celebrando acontecimentos, mormente vitórias militares. Nalguns casos os monumentos constituíram-se como verdadeiras atrações reforçando a imagem e identidade do lugar e as motivações para a visita. Certamente que alguns dos melhores exemplos são a Estátua da Liberdade em Nova Iorque (escultura neoclássica colossal oferecida pela França e inaugurada em 1886), o Cristo Redentor do Rio de Janeiro (escutura art déco localizada no topo do morro do Corcovado, a 709 metros acima do nível do mar, com ampla vista sobre a cidade); o Grande Buda de Leshan (construído no século VIII na montanha chinesa de Lingyun); a Mãe Pátria (um enorme monumento erguido em 1967 em Volgogrado); e a Estátua da Unidade (homenageando Sardar Patel, localizada na Índia e considerado o monumento mais alto do mundo). Mas, muitos outros grandes monumentos poderiam ser referenciados, como os diversos budas gigantes que já neste século têm sido construídos (Buda do Templo da Primavera, na China; Buda Gautama de Laykyun Setkyar, em Myanmar; Buda de Ushiku, no Japão; e Grande Buda da Tailândia). E, um pouco por todo lado, surgem estátuas que embelezam os espaços, apelam às emoções e referenciam lugares concretos da cidade.

Num registo de estratégias de valorização do espaço público com intervenções de maior contemporaneidade, os exemplos também abundam, podendo citar-se vários: i) Flamingo de Alexander Calder, (Financial Center Plaza, Chicago, 1973); ii) Par de amantes brincando com amendoeiras em flor de Joan Miró (Arche de la Défense, Paris, 1976); iii) Pictured de Henry Moore (Dallas; City Hall, 1976); iv) Fonte de Stravinsky de Jean Tinguely e Niki de Saint Phalle (Centro Georges Pompidou, Paris, 1983); v) Elogio do Horizonte (de Eduardo Chillida (Gijón,1990); vi) Porta Celestial de Anish Kapoor (Chicago, Parque Milénio, 2004); vii) Caballo de Fernando Botero (Medellin, 2012).

Tais criações artísticas no espaço urbano, mesmo quando não nos remetem para a história do lugar ou aportam referenciais do quotidiano dos cidadãos, despertam a consciência coletiva, podem aproximar comunidades e forasteiros e referenciam e valorizam espaços da cidade. Um bom exemplo em Portugal é a implantação em 1973, no centro de Lagos da estátua a El-rei D. Sebastião da autoria do escultor João Cutileiro, a qual perpetua a memória do rei que elevou Lagos a cidade em 1573 e daqui partiu, em 1578, à conquista de Alcácer Quibir, na fatal expedição militar a Marrocos. A estátua começou por ser criticada, por se afastar dos padrões artísticos habituais, mas acabou por se tornar um símbolo identitário da cidade e da obra do artista.

Nota ainda para a crescente importância da *Street Art* (ou Arte de Rua) na cidade contemporânea, expressão artística que se manifesta em diversos espaços públicos (paredes de edifícios, ruas, muros, etc.), visando simplesmente embelezar espaços vários da cidade tornando-os mais vibrantes e atrativos, mas, não raras vezes, os artistas também pretendem dar voz a questões importantes que afetam os cidadãos, como as desigualdades e descriminações sociais, os problemas ambientais, a guerra, e a corrupção e injustiça.

Embora surgisse como um movimento artístico underground a Street Art foi-se afirmando, abrangendo um leque diversificado de formas e estilos e projetando grandes artistas, alguns dos quais com obras que quando comercializáveis atingem elevadas cotações no mercado da arte. Bansky, artista de rua britânico, cujos trabalhos satíricos e subversivos em estêncil e grafite se encontram com facilidade nas ruas das cidades de Bristol e Londres, bem como noutras cidades do mundo é certamente o mais carismático até porque se. desconhece a sua identidade. Mas muitos outros poderiam ser evocados como Combo, Shepard Fairey (Obey), JR, David Choe, D*Face, Roa, Pichi and Avo; Eduardo Kobra e Bambi. E, naturalmente, a estes artistas de grande projeção internacional, há que juntar alguns nomes portugueses, mormente dois: i) Vhils (Alexandre Farto) que utiliza micro-explosões controladas para fazer as suas intervenções artísticas (muitas vezes rostos) em paredes, portas e outros suportes, tendo já uma vasta obra espalhada pelo mundo; ii) Bordalo II, outro artista que também já atingiu enorme projeção mundial, guiado pelo lema «o lixo de um pode ser o tesouro de outro», utiliza nas suas obras resíduos urbanos (refugos de obras, ruínas de edifícios, carros e fábricas, entre outros), misturando-as tridimensionalmente para criar novos objetos artísticos, com o propósito social de denunciar uma sociedade extremamente consumista, e promover a consciência ecológica e social.

Embora nem todas as formas de arte de rua sejam legais, sendo muitas vezes os artistas que praticam a *Street Art* considerados infratores perante a Lei, a realidade é que por todo os mundo, sobretudo neste milénio, as cidades encheram-se de intervenções artísticas de estéticas e técnicas diversas, mas muitas delas de grande qualidade, contribuindo para animar o espaço público, e muitas vezes até constituindo-se como instrumentos de intervenções públicas de revitalização urbana, mormente de bairros em declínio. Acresce que hoje em dia a qualidade e singularidade da *Street Art* é tal que constitui já em muitas cidades do mundo, como Lisboa, um pacote comercializado de visitação turística.

José Manuel Simões
IGOT - Universidade de Lisboa

Shubham Patil

V. Imagem & Território: Maratona e Roteiro Fotográfico

FSF
FOTOGRAFIA
SEM FRONTEIRAS

Maratona Fotográfica Imagem & Território

Aldeias do Vale do Mondego

Parceria Fujifilm/CEI

16.abr | domingo | 9h00

O concelho da Guarda detém algumas das mais intensas, impressivas e mais bem conservadas paisagens históricas portuguesas, constituindo uma das regiões portuguesas de maior riqueza cultural.

O valor natural deste território, que ocupa a parte Nordeste do Parque Natural da Serra da Estrela, os férteis vales ou os antigos caminhos da transumância poderão ser fotografados nesta Maratona destinada a profissionais e amantes da fotografia e que conta com o apoio da Fujifilm.

Os participantes partirão à descoberta de três aldeias do Vale do Mondego, as suas paisagens, gentes, património e cultura.

Inscrições gratuitas, mas obrigatórias.

Regulamento e mais informações em: www.cei.pt

FAIA
GUARDA
S. VICENTE

VILA CORTÊS DO MONDEGO
CAVADOUDE
RIO MONDEGO
ALDEIA VIÇOSA

FSF
FOTOGRAFIA
SEM FRONTEIRAS

Roteiro Fotográfico Imagem & Território

Passadiços do Mondego

22.abr | sábado | 9h00

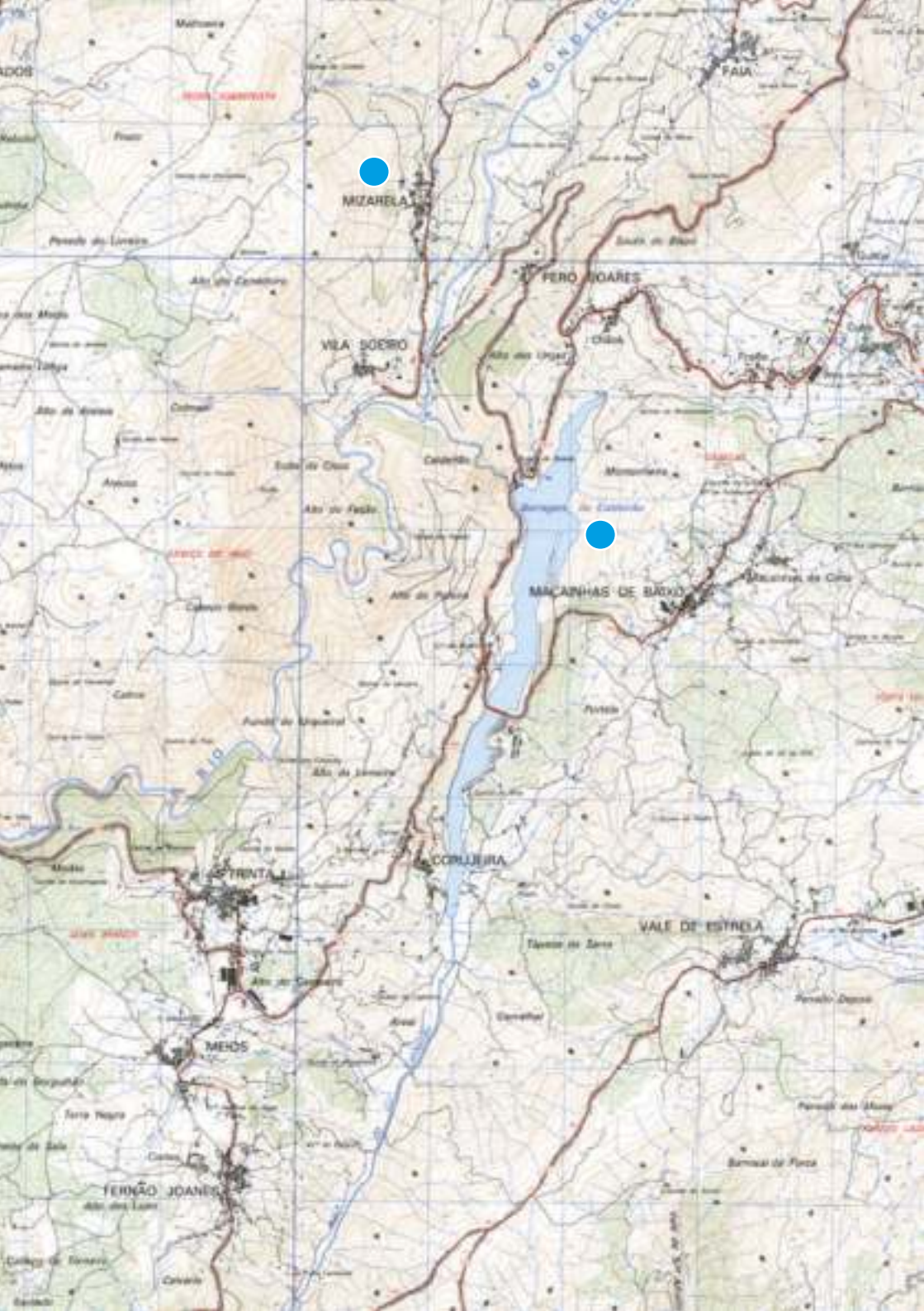
Os Passadiços do Mondego encontram-se inseridos no Parque Natural da Serra da Estrela, num percurso de, aproximadamente 12 km, que tem como cenário de fundo uma encosta granítica imponente, dominada por uma vegetação rica e abundante que cresce ao longo das margens do Rio Mondego.

O percurso aproveita 5Km de caminhos já existentes e integra uma zona de 7km de travessias, passadiços e pontes suspensas com paisagens onde abundam as veredas, açudes, cascatas, levadas e moinhos. Os Passadiços do Mondego estão integrados no Parque Natural da Serra da Estrela e no Estrela Geopark Mundial da UNESCO.

A iniciativa está aberta a vários participantes (profissionais e amadores) que pretendam partilhar os seus registos fotográficos dos Passadiços do Mondego.

O percurso do Roteiro será definido pela organização, sendo o objetivo a recolha de registos de diferentes sensibilidades, emoções e olhares, para integrarem uma mostra expositiva.

Inscrições gratuitas, mas obrigatórias e mais informações em: **www.cei.pt**


FAIA
MIZARELA
FERO JOARES
VILA SOEIRO
MACAINHAS DE BAIXO
CORUJEIRA
VALE DE ESTRELA
MEIOS
FERRÃO JOANES

Autores de Textos

Alberto Prieto
Alfredo Cunha
Álvaro Domingues
Amélia Fernandes
Amosse Mucavele
Carla Pacheco
Clara Moura
Daniel Lucas
Duarte Belo
Emília Simão
Fernando Delgado
Helder Sequeira
João Ferrão
Jorge Luiz Barbosa
Jorge Macaísta Malheiros
José Manuel Simões
José Pacheco Pereira
Jovita Fernández del Campo
Lucio Cunha
Maria Isabel Jiménez
Pedro Carvalho
Pedro Hespanha
Rosilene Miliotti
Rui Cabral
Rui Jacinto
Valentín Cabero
Victorino García Calderón

Autores de Fotografias

Adiodato Gomes
Adra Pallón
Albino Mahumana
Alexandre Silva
Ali Asghar yousefi
Allan Almeida
Amarjeet Kumar Singh
Amit vakil
Amitava Chandra
Ana Caroline Carmo
Ana Isabel Cerqueira
Ana Margarida Rocha
Ana Patrícia D'Apresentação
Ana Teresa Marques
Andres Gomez Garcia
Andrey Semenov
António Rodrigues
António Tedim
Arpan Basu Chowdhury
Ary Attab Filho
Asier Gogortza Asensio
Associação Cultural Ephemera
Athanasios Maloukos
Bui Phu Khanh
Carolina Costa
Catarina Silva
Chunshou Li
Diego Lopes
Dmitriy Kochergin
Eduardo Martins
Ehsan Kaviani
Elisabete José
Famin Huang
Felipe Tomás Jiménez Ordóñez
Felippinho21
Fotoclube da Guarda
Gabriel Mothé
Guga Ferreira
Hosein Davoodi
Javier Arcenillas
Jean Barreto
Jesús Salinero Ramírez
Jianchun Wu
Jianjun Liu
Jing Li
João Rodrigues
João Teodoro
Jones
Jorge Almeida
Jorge Leão
José Pedro Fonseca Martins
Jovens da Aldeia SOS da Guarda
Karla Inajara
Leandro Figueira
Luis Lobo Henriques
Luísa Ferreira
Marcelo Vitória
Marcin Idźkowski
Maria Ribeiro
Mario Macilau
Mark Anthony Agtay
Marta Loureiro
Md Asker Ibne Firoz
Mehdi Mohebi Pour
Michael Levinsky
Miguel Pires
Min Li
Miriam Silva
Mithail Afrige Chowdhury
Mohammad Reza Masoumi
Monara Barreto
Muhammad Amdad Hossain
Neda Kazemifard
Olena Morozova
Pavel Storchak
Pawel Zygmunt
Pedro Baltazar
Pedro Carvalho
Pedro Gomes
Pedro José Saavedra Macías
Pedro Siqueira
Rafael G. Antunes
RaH BXD
Rakib Noushad
Reza Danianian
Rodrigo Contreras
Rui Jorge Pessoa Neto
Rui Viegas
Saber Ghazi
Salvador Fernandes
Sandipani Chattopadhyay
Selma Souza
Sergio
Sérgio Conceição
Severino Costa
Sujan Sarkar
Tatiana Lucas
Thahnan Ferdous
Thandy Pinto
Vasily Yakovlev
Vicente Costa
Victorino García Calderón
Vinícius Machado
Vitor Melo
Vitória Corrêa
Xiaohua Lu
Yassmin Forte
Yongli Li
Youwei Ye

Ficha Técnica

Conceção, desenvolvimento e programação geral
Rui Jacinto

Coordenação
Alexandra Isidro

Produção
Sofia Martins

Apoio à Produção
Ana Proença

Design
Tiago Rodrigues

Montagem das Exposições
Alcides Fernandes | António Freixo | Arménio Bernardo | José Manuel Branco | Renato Coelho

Apoio Técnico

Equipas do Município da Guarda: Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço | Comunicação e Relações Públicas | Equipamentos e Infraestruturas | Museu da Guarda | Teatro Municipal da Guarda | Transportes | Turismo

Parceiros

Aldeia de Crianças SOS da Guarda
Associação Cultural Ephemera
Ensiguarda – Escola Profissional da Guarda
Escola Secundária Afonso de Albuquerque
Escola Secundária da Sé
Estabelecimento Prisional da Guarda
Fotoclube da Guarda
Instituto Politécnico da Guarda
Junta de Freguesia da Faia
Junta de Freguesia de Aldeia Viçosa
Programa Imagens do Povo (Brasil)
Unidade Local de Saúde da Guarda

Agradecimentos

Associação de Estudantes dos PALOP Guarda
Casa de Saúde Bento Menni – Irmãs Hospitaleiras
CERCIG – Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados - Guarda
Fundação João Bento Raimundo
Lar de Idosos da Comissão de Melhoramentos de Videmonte
Projeto "tu decides+..." – E7G - NDS Guarda

Apoios
Fujifilm

Depósito Legal
.....

6º Encontro
Imagem & Território

2023
GUARDA
14 a 22 de Abril

FsF FOTOGRAFIA SEM FRONTEIRAS

EXPOSIÇÕES
DEBATES
MOSTRAS E OFICINAS DE FOTOGRAFIA
LANÇAMENTO DE PUBLICAÇÕES
MARATONA E ROTEIRO FOTOGRÁFICO